EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 025 | R$ 4,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 2 de março de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106
Dados: 2025.03.01 00:47:54 -03'00'

NOVAS HISTÓRIAS

Fechamento de livrarias avança, mas pequenos negócios resistem

Para enfrentar plataformas on-line, empresas inovam e criam espaços de convivência para os leitores. *Página 8*

Foto: João Pedrosa



Foto: Carlos Rodrigo



Com uma história de mais de 50 anos, a Livraria do Luiz (E) possui duas unidades em João Pessoa; a Livraria A União (D) tornou-se ponto atrativo para lançamentos de livros

Foto: Divulgação/Ampas



OSCAR 2025

Brasil entra em cena com "Ainda Estou Aqui"

■ *Concorrendo em três categorias, filme de Walter Salles faz história no cinema nacional*

■ *Mesmo com favoritismo de Demi Moore, Fernanda Torres mantém chances de vitória*

■ *"Anora", "O Brutalista" e "Conclave" estão "embolados" na corrida para Melhor Filme*

Página 9

Detetives particulares investigam de traição a fraude em empresas

Profissionais cobram diárias de R$ 400 a R$ 1 mil e são contratados até por pais que querem seguir os passos dos filhos adolescentes.

Página 7

■ "Mantive-me ali, tentando ouvi-lo, até que desabafasse em poucas palavras, quase inaudíveis. E fiquei em silêncio, evitando pitacos inúteis".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Tatuagem vence preconceitos e ganha mais público

Os indígenas foram os primeiros adeptos da arte na pele. Nos dias atuais, prática atrai pessoas de várias idades e estratos sociais.

Página 5

■ "A presunção de boa-fé dos empreendedores e a criação de um ambiente regulatório mais estável dão segurança jurídica para quem quer investir".

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17



Correio das Artes

Suplemento do Jornal **A União** resgata a história do documentário "Cabra Marcado para Morrer", de Eduardo Coutinho, e da sua protagonista, Elizabeth Teixeira, que completou 100 anos no último mês. Paraibana tornou-se símbolo da luta pela reforma agrária e sinônimo da resistência camponesa no Brasil.



Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Um fotógrafo de olhar atento

*Ortilo Antônio relembra momentos marcantes da carreira em **A União,** dos desafios nas ruas à transição do analógico para o digital.*

Páginas 14 e 15

Editorial

Domingo e Carnaval

É domingo, e é Carnaval. Um dia, portanto, muito especial para milhares de pessoas que, espalhadas pelo país inteiro, sairão às ruas para se divertir, ou brincarão em casa, fazendo dos jardins e quintais espécies de passarelas por onde desfilarão os blocos cujos componentes são os familiares e amigos. Para essas pessoas, o que importa é se divertir; manter a tradição carnavalesca, erguendo bem alto os estandartes da alegria e da descontração.

Os blocos, sejam novos, sejam tradicionais, quebrarão a rotina sonora e diversificarão o figurino das cidades, com ritmos que variam do frevo ao axé, do samba mais moderno às marchinhas ancestrais, arrastando, nas ondas desse embalo contagiante, corpos ornamentados com fantasias que vão dos consuetudinários piratas aos super-heróis ultramodernos que só as novíssimas gerações de leitores e cinéfilos conhecem.

Em outros cenários carnavalescos, dependendo da cadência, corpos e mentes estarão eletrizados pelos andamentos, apagões, equalizações, paradinhas, breques, bossas e viradas das escolas de samba. Os puxadores e ritmistas são os condutores dessa nau da melodia, cujas velas são impulsionadas pelos ventos do júbilo e da criatividade, entre outras forças capazes de fazê-la singrar o mar das intempéries e chegar à terra da esperança.

É domingo, e é Carnaval. Um dia, portanto, também especial para milhares de pessoas que, espalhadas pelo país inteiro, não sairão às ruas para se divertir, mas para ir a templos nos quais se realizam cultos religiosos, ou ficarão em casa, rezando, rogando aos deuses de suas devoções que perdoem os diretores, as equipes técnicas, os atores e as atrizes deste "filme do pecado" que, desde tempos imemoriais, atende pelo nome de Carnaval.

Enquanto uns pulam, cantam ou gritam refrões e outros entoam hinos ou recitam suas orações, outros milhares, integrantes dos cortejos das desigualdades sociais, também espalhados pelo país inteiro, trabalham duro em infinitas situações ou pedem esmolas, relegados às calçadas, assistidos de longe pela legião de acamados dos hospitais e pelas falanges que a lei a eles impôs o castigo de ver "o sol nascer quadrado".

É domingo, e é Carnaval. Um dia especial para a cultura, que evidenciará, em canções, fantasias e coreografias, os protestos pelas contradições, abrindo espaço para o humor e a esperança de um mundo melhor, onde as manifestações da violência não encontram guarida e a vida assemelhe-se aos domínios de Momo, naquilo que esse reinado promete de maior, que é o império da fraternidade e a abolição da dor.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Uma questão de soberania nacional

É evidente que há articulações de parlamentares brasileiros com organizações norte-americanas, com críticas ao Judiciário de nosso país, numa estratégia impulsionada pelo líder da extrema direita Steve Bannon. O senador Marcos do Val e o deputado Eduardo Bolsonaro têm se dedicado a promover ações que podem ser consideradas crimes contra a soberania nacional.

O senador capixaba, em vídeo postado nas redes sociais, chegou a conclamar que tropas norte-americanas invadam o Brasil para "recuperar a democracia", declarando: "Peço, pelo amor de Deus, que os EUA invadam o Brasil para recuperar a nossa democracia. O que vamos fazer? Alexandre (de Moraes) está rindo". É inacreditável que isso parta de um senador da República e fique por isso mesmo, como se fosse algo muito normal.

Por outro lado o deputado, filho do ex-presidente denunciado e em condições de inelegibilidade, nas suas constantes viagens aos Estados Unidos, tem se reunido com deputados republicanos e políticos ligados a Trump, reivindicando a aplicação de sanções ao Brasil. É inquestionável que se trata de ação criminosa que fere a soberania nacional.

O princípio da soberania nacional está previsto em diversas situações na Constituição de 1988, sendo um dos fundamentos da República Federativa do Brasil, que se constitui como Estado Democrático de Direito, segundo o artigo 1º, inciso I, da nossa Carta Magna. O mais interessante é que a Lei de Segurança Nacional, revogada em setembro de 2021, com a assinatura do pai do parlamentar, então presidente da República, incluiu no Código Penal brasileiro, os chamados "Crimes contra o Estado Democrático de Direito". Portanto, as ações que ameaçam a soberania nacional passaram a ser vistas como "crimes de lesa-pátria", passíveis de pena que podem alcançar 12 anos de reclusão. Condutas ilegais que atentam contra a soberania nacional e contra as instituições democráticas, estão previstas na lei penal. Está no Código Penal vigente: "Negociar com governo ou grupo estrangeiro, ou seus agentes, com o fim de provocar atos típicos de guerra ou invasão territorial, gerará prisão de três a oito anos, com a pena sendo aumentada da metade até o dobro se for declarada guerra em consequência dessa ação". O senador Marcos do Val está incurso nessa transgressão, considerada "crime de lesa-pátria".

Estamos, sem dúvida, diante de um momento crucial para o Estado brasileiro. A legislação, nascida por ocasião da revogação da Lei de Segurança Nacional, precisa ter efetividade, com a aplicação de seus dispositivos, sempre na observância dos valores e princípios de uma ordem jurídica democrática. E é isso que tem contrariado os que se vendem aos interesses estrangeiros. A reação desses parlamentares é uma demonstração de que querem desafiar as instituições brasileiras, servindo, consequentemente, aos propósitos de um país estrangeiro. E, por incrível que pareça, eles se afirmam "patriotas". O cometimento dos "crime de lesa-pátria" é a prática de causar prejuízo ao próprio país, atingindo a soberania nacional.

Há pouco mais de 20 anos, nosso conterrâneo Celso Furtado, já denunciava que esse tipo de comportamento "representa a renúncia à soberania nacional, tentando torná-la província de um império maior". A conclusão a que podemos chegar é que estamos diante de uma questão de ameaça à nossa "soberania nacional", que demanda reação enérgica dos verdadeiros patriotas. Afinal de contas, como bem disse o ministro Alexandre de Moraes, "deixamos de ser Brasil Colônia desde 1822".

> **O princípio da soberania nacional está previsto em diversas situações na Constituição de 1988, sendo um dos fundamentos da República Federativa do Brasil**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



Brinquedo eterno

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Deu no jornal

A concorrência nos obrigava a entrar pela noite até o fechamento da última página a primeira. Mas não enfadava, era um jogo.

Naquela noite, absorvido por qualquer coisa que me pregara ao birô, me surpreendi sozinho, sem nenhum rumor nas salas e gabinetes e sem que Milton Nóbrega ou Agnaldo aparecessem. Sempre fechávamos as portas juntos.

"Algum problema na oficina?"— e saio para ver.

Lá fora, no fim da passarela que liga os dois pavilhões, mal iluminada, avisto alguém que tenta se ocultar sentado no pequeno batente de acesso à Redação. Adapto a vista sondando a área e vejo Agnaldo. Estávamos no mesmo barco, ele na plenitude de editor, eu na direção técnica, estimulados ambos pela mais rica das confianças que era a das nossas equipes, a maioria em formação.

"Algum problema que eu não possa saber?" — cheguei-me, indagando e medindo as palavras, tentando me acomodar numa pontinha do batente. Naqueles nossos sete ou oito anos de amizade, desde sua chegada de Campina à Redação do Correio da Paraíba, era a primeira vez que o encontrava de ânimo baixo.

Mantive-me ali, tentando ouvi-lo, até que desabafasse em poucas palavras, quase inaudíveis. E fiquei em silêncio, evitando pitacos inúteis. Não era fácil. Minha experiência no assunto também não o ajudaria. Até que dali nos levantamos e saímos iguais, no mesmo estado de espírito. Era um elo a mais que vinha juntar-se ao da profissão.

Agora, na última segunda-feira, um ano após sua morte, consigo encontrá-lo ao lado dos que aprenderam com ele não apenas a fazer jornal, o que já é muito, mas a respeitar o leitor e o direito de não ser traído em sua boa-fé de cidadão e ser humano. O tempo do verbo se mantém no presente por não ser outra a luz dos olhos ou das lições recolhidas em "Deu no jornal" (não uma simples memória ou uma seleção antológica de textos do autor), mas uma lição viva e bem presente do jornalismo que Agnaldo praticou nos seus 40 anos de militância com mudança quase radical de técnicas, nunca de valores essenciais à condição humana. Lição que continua aberta a cada folha do livro.

Para editá-lo, Naná Garcez, esposa e seguidora, ateve-se à coluna mantida por Agnaldo, em **A União**, entre 2012 e 2018. Seis anos de textos que, na idade em que estou, li da hora em que cheguei em casa até o amanhecer do dia. Revi meu amigo com a vantagem, avaliada ao fim, de limitar-me a só ouvir. Está escrito, muito bem diagramado, bom de ler e melhor de aprender, mas era ouvindo que eu lia. Desta vez, Agnaldo no meu sofá e não naquele batentezinho remoto.

Ao sair do lançamento, no Espaço Cultural, veio um jovem repórter e me pediu alguma palavra. Emocionado, não lembro bem o que disse, salvo o que sempre me intrigara: onde Agnaldo aprendera tanto, não só das artes e técnicas da escrita como das ideias que sedimentaram sua visão de mundo. Seu irmão, Arlindo Almeida, falava com certa intimidade de alguns filósofos. Agnaldo escondia o leite, preferia ouvir, por mais que seu texto, suas lições, sua conversa denotassem um saber coerente com a leitura de profundidade e bem refletida.

> **Até que dali nos levantamos e saímos iguais, no mesmo estado de espírito.Era um elo a mais que vinha juntar-se ao da profissão**
>
> Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CMEIs garantem suporte cognitivo a crianças de JP

Plano multidisciplinar estimula desenvolvimento por meio de atividades lúdicas

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com


Fotos: Roberto Guedes

Estrutura dos centros educacionais possibilita a execução de tarefas pedagógicas e sensoriais

"Sem esse serviço público e de qualidade, eu não conseguiria trabalhar em tempo integral". É o que diz Izabelle Souza Fernandes, mãe de Daniel, de três anos, aluno do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Olga Maria Leite Vieira de Figueiredo, localizado no Geisel, em João Pessoa. Para muitas mães como ela, que costumam ser as mais sobrecarregadas com o cuidado das crianças, sobretudo nos primeiros anos, contar com as chamadas creches é essencial para garantir que possam retomar suas atividades, como trabalho e estudos, e com a tranquilidade de saber que deixam seus filhos em segurança.

Na capital paraibana, são, ao todo, 98 CMEIs, que funcionam das 7h às 17h; 15 que estão em reforma; e outras 15 em construção. Ao todo, são, hoje, 14.500 crianças matriculadas, sendo 8.865 com idades de seis meses a três anos. Além dessa faixa etária, os CMEIs também atendem as crianças de quatro e de cinco anos, segundo Maria Amélia Silva da Costa, chefe da Divisão de Creches do Departamento de Educação Infantil, ligado à Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa (Sedec-JP). Ela destaca que, além de cuidar das crianças para que mães e pais possam trabalhar e fazer suas atividades, os espaços exercem função pedagógica.

"As rotinas da creche visam que as crianças estejam em um espaço seguro, e que seja trabalhado o lúdico, as questões sensoriais. Não é um pedagógico sistemático, mas um pedagógico lúdico. A rotina tem intencionalidade pedagógica e trabalha o desenvolvimento integral. Assim, as crianças aprendem brincando", explica.

A chefe da Divisão de Pré-Escola do Departamento de Educação Infantil (DEI) da Sedec-JP, Giselle Oliveira, acrescenta que todas as atividades realizadas nas unidades são pensadas minuciosamente. "O departamento faz esse acompanhamento, e todas as unidades têm uma supervisora, que faz o planejamento com as professoras. Esse trabalho lúdico tem que ser feito de uma forma que, para a criança, seja natural, mas que está tudo dentro de uma rotina planejada", diz.

Todos os dias, assim que recepcionam as crianças, as equipes dos CMEIs trocam as roupas delas pelo fardamento da unidade e servem o café da manhã. Depois desses momentos, o dia a dia segue com atividades ao ar livre, vivências lúdicas e dirigidas, contação de histórias, refeições, repouso, banho e musicalização.

Além das atividades do dia a dia, um calendário anual também é organizado, com ações como colônia de férias, Semana da Alimentação Saudável, Semana do Meio Ambiente, festejos juninos, Festival de Arte na Primeira Infância, entre outras.

A gestora do CMEI Olga Maria, Elisângela Araújo, conta que a programação é elaborada a partir do que determinam as diretrizes da Educação. "Tudo é regido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pelos documentos norteadores que vêm da Educação Infantil, e as professoras seguem o planejamento por esse caminho, não é nada aleatório, é tudo direcionado e adequado a cada faixa etária", ressalta.

Os CMEIs também possuem profissionais para dar suporte a crianças neurodivergentes ou com deficiência.

Segurança alimentar e nutricional é propósito



Cardápio dispensa, ao máximo, os produtos ultraprocessados

Todas as unidades dos CMEIs também possuem um planejamento quanto à alimentação das crianças, como explica a nutricionista e responsável técnica da Alimentação Escolar da Sedec-JP, Ana Paula Leal.

"A gente não trabalha com nenhuma fritura, procura usar o máximo de alimentos *in natura*, como preconiza o próprio Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que reduz a quantidade de ultraprocessados e processados. A gente solicita também que as mães não enviem nenhum alimento para as unidades, para que tenhamos um maior controle do que está sendo servido e consumido", explica ela, destacando que os espaços não oferecem itens como refrigerantes e biscoitos recheados às crianças.

No caso de crianças que, mediante algum laudo médico, tenham necessidades especiais, é feito um cardápio específico, dentro das possibilidades que podem ser oferecidas na unidade.

"Hoje, a gente tem uma dificuldade maior com crianças com autismo principalmente, porque elas são muito seletivas, e alguns alimentos que elas consomem não são alimentos saudáveis. Temos casos de crianças que só comem salgadinho, *nuggets*, Pippo's, e isso a gente não permite que entre na unidade. Então tem que buscar fazer um trabalho também com os pais", relata, acrescentando que os profissionais buscam fazer com que a criança possa evoluir dentro da sua condição e seletividade.

"O seletivo, hoje, só come arroz, por exemplo, mas a gente tem que buscar ofertar outras opções, para ver se eles se estimulam a comer coisas diferentes, e orientar as famílias para fazer isso em casa também. E, às vezes, o preparo também faz diferença. Então, a gente geralmente chama as mães, faz uma reunião, explica como funciona a unidade. Para crianças até dois anos, a gente procura também não ofertar açúcar de jeito nenhum", afirma Ana Paula Leal.

Conforme a nutricionista, em muitos casos, as crianças chegam à unidade com várias restrições alimentares, sem comer alimentos como feijão ou fígado e, com os estímulos, há uma mudança de comportamento e eles passam a consumir alimentos mais saudáveis.

Parceria

A gestora do CMEI Olga Maria ainda destaca que, para atingir sucesso, é essencial que a família e a escola trabalhem em propósitos convergentes. "Aqui, eles têm uma rotina; em casa, muitas vezes não têm. Por isso, a gente recomenda que as mães tentem manter, nos fins de semana, essa rotina, na medida do possível. Isso ajuda as crianças a dormirem na hora certa, comerem na hora certa. O cardápio a gente vai adaptando, de acordo com as disponibilidades que temos, e a gente vai testando formas de preparo, buscando repetir o que deu certo", afirma ela, que diz que, em muitas situações, as mães agradecem pela evolução e pelo desenvolvimento de seus filhos após o ingresso no local.

Izabelle Souza Fernandes, mãe do aluno Daniel, do CMEI Olga Maria, conta que seu filho está na unidade desde os oito meses, e que, hoje, está em seu último ano no local. "O serviço é maravilhoso. Daniel sempre foi bem tratado e cuidado por todas as 'tias'. A convivência com outras crianças também ajuda muito no desenvolvimento de Dan. Trabalho desde os quatro meses de Dan e, antes de colocá-lo no CMEI, era um sufoco essa logística de cuidar dele, por isso sou grata a Prefeitura de João Pessoa por tudo", destaca.

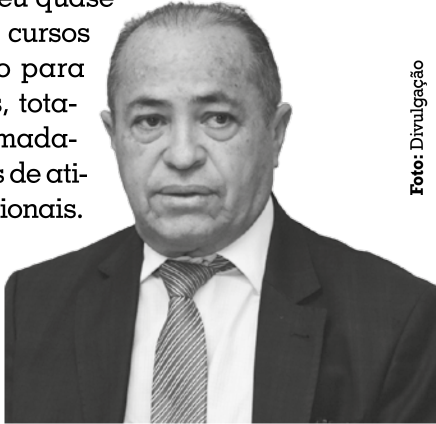
Saiba Mais

Quem precisa dos serviços dos CMEIs deve acompanhar o período de matrículas na rede, que se inicia, geralmente, em janeiro. Mais informações podem ser obtidas pelo *site* da Prefeitura (joaopessoa.pb.gov.br) ou pela Central de Matrículas, nos telefones (83) 99827-1365 e (83) 99827-0721.

UN Informe da Redação

SEAP PREPARA LANÇAMENTO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS

A Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, por meio da Escola de Gestão Penitenciária da Paraíba, prepara, para este mês de março, o lançamento do Plano de Desenvolvimento dos Recursos Humanos. "O documento, que tem como objetivo a definição de princípios, diretrizes e fundamentos teórico-pedagógicos para a oferta de cursos de qualificação profissional para policiais penais e demais servidores da pasta, faz parte de um conjunto de ações que vêm sendo desenvolvidas desde o ano de 2022", destaca o secretário da Seap, João Alves Albuquerque. Os objetivos são a reestruturação da política de educação em serviços penais no Estado, a exemplo do lançamento do regimento interno da Escola; elaboração dos manuais de docentes e discentes; regulamentação dos fluxos administrativos e pedagógicos; seleção de instrutores por meio de edital; mudança para nova sede, entre outros. O plano de desenvolvimento dos recursos humanos foi elaborado ao longo do último ano e contou com a participação de mais de 700 servidores da Seap. Em novembro, foi realizada uma consulta interna para ajudar na formatação do documento. No ano de 2024, a Escola de Gestão Penitenciária ofereceu quase 1.700 vagas em cursos de capacitação para polícias penais, totalizando aproximadamente 800 horas de atividades educacionais.


Foto: Divulgação

CIDADÃO UIRAUNENSE

A Câmara Municipal de Uiraúna aprovou, por unanimidade, a concessão do título de Cidadão Uiraunense ao secretário de Estado da Educação e deputado estadual licenciado Wilson Filho. A homenagem foi proposta pelo vereador Thiago de Azulão e reconhece a forte ligação de Wilson Filho com a cidade, onde passou parte da infância e mantém um histórico de contribuições para o desenvolvimento local.

REAJUSTE SALARIAL (1)

A Câmara Municipal de Riachão do Poço aprovou, na última sexta-feira (28), em sessão plenária, projeto de lei encaminhado pelo prefeito Marcelo de Lima que garante reajuste salarial de 6,27% aos professores municipais. Essa ação significa a integralidade do reajuste previsto pelo novo Piso Salarial Nacional do magistério público.

REAJUSTE SALARIAL (2)

"Reconhecemos o papel essencial dos nossos professores na construção de uma sociedade mais justa e desenvolvida. Ao conceder integralmente o reajuste, demonstramos nosso profundo respeito, valorização e confiança em nossos profissionais da Educação", declarou o prefeito. O novo piso salarial nacional do magistério para 2025 é de R$ 4.867,77, para uma jornada de 40 horas semanais.

PSB ESTÁ ANTENADO

O deputado federal e presidente do PSB na Paraíba, Gervásio Maia, participou, nesta última semana, de um encontro, em Brasília, promovido pela Executiva Nacional do partido. Em pauta, as estratégias da atuação da bancada no Congresso Nacional e a participação ativa dos deputados federais nos debates de temas de interesse da população.

LIBRAS NAS SESSÕES

O vereador Jônatas Kaiky apresentou requerimento à Mesa Diretora da Câmara Municipal de Patos solicitando a presença de um intérprete de Libras nas sessões legislativas. "A democracia deve ser para todos. Garantir que as pessoas com deficiência auditiva tenham pleno acesso aos debates e às decisões desta Casa é um passo fundamental para fortalecer a participação popular", justificou.

POR POUCO

Foi por um triz. O Instituto de Previdência e Assistência de Cajazeiras teve as contas de 2013 aprovadas, na última quinta-feira (27), em grau de recurso, pela 1ª Câmara do Tribunal de Contas da Paraíba, após exame da documentação que livraram o então gestor Francisco Gomes de Araújo do débito superior a R$ 315 mil, que lhe fora imputado quando do primeiro exame da matéria.

Foto: Evandro Pereira



Emília Correia Lima

Diretora-presidente da Cehap

"Moradia não é só um lugar para morar, mas um fator de autoestima e confiança"

Dirigente exalta importância da abordagem social e humana nos programas de habitação para famílias vulneráveis

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

A Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap) desempenha um papel essencial na melhoria de vida dos paraibanos, especialmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica e social. Com um compromisso sólido de promover o acesso à moradia digna, a Cehap tem se destacado, ao longo dos anos, como uma instituição crucial para o desenvolvimento social e urbano da Paraíba. Seu trabalho vai além da construção de casas, envolvendo projetos e programas que garantem a inclusão de milhares de famílias em condições de habitação adequadas e de qualidade. O Programa Parceiros da Habitação (PPH), por exemplo, tem ampliado o acesso à moradia, proporcionando um futuro mais seguro e digno para todos. Em entrevista ao Jornal **A União**, a diretora-presidente da Cehap, Emília Correia Lima, detalhou os impactos dessa iniciativa e a visão da companhia para os próximos passos.

A entrevista

Como foi o ano de 2024 para a Cehap? Quais os principais avanços?

Foi um ano de muita esperança. Em 2023, o Governo Federal não fez nada para a habitação de baixa renda no Brasil. Aqui, na Paraíba, o governador resolveu agir, criando o Programa Parceiros da Habitação, junto a prefeituras e movimentos sociais. Isso fez com que o estado avançasse, apesar da inação do Governo Federal. Com a reconstrução nacional e o programa estadual, nós terminamos 2024 com a perspectiva de mais de 10 mil casas para serem construídas.

E, em 2025, o que podemos esperar dessa meta? Já há alguma perspectiva concreta?

Em 2025, o objetivo é avançar com a execução dessas 10 mil casas, além de apresentar novos projetos, à medida que as opções federais se abrirem. Será um ano de muito trabalho para cumprir essa meta até o fim de 2026, que é o término da gestão. Temos uma expectativa muito positiva em relação à retomada, por parte do Governo Federal, das contratações das obras que estavam paradas nos últimos dois anos. Em 2024, já tivemos entregas importantes do programa estadual e, com a reabertura do programa nacional, esperamos mais avanços.

Como funciona o programa estadual de habitação? Por que ele tem sido tão procurado pelos prefeitos?

O programa estadual de habitação funciona por meio de parcerias entre a Cehap, as prefeituras e os movimentos sociais. A prefeitura apresenta o terreno e, com a aprovação da Cehap, damos início à construção das casas. O que tem acontecido é que, com os prazos mais demorados e burocráticos dos projetos do Governo Federal, os prefeitos preferem trabalhar com o programa estadual, pois conseguimos ser mais rápidos e eficazes. Com os documentos todos prontos por parte das prefeituras, é tudo muito rápido, o que não se consegue por meio dos programas federais, já que é preciso seguir uma série de burocracias mais rígidas e prazos mais demorados. A contrapartida da prefeitura varia, mas o que importa é que conseguimos entregar as moradias de forma mais ágil e com qualidade.

O programa estadual também trabalha com habitação em áreas rurais ou em assentamentos?

Sim! A Cehap tem a concepção de que habitação é uma responsabilidade estadual, independentemente da localização ou da fonte do recurso. Em parceria com o Incra [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária], por exemplo, temos desenvolvido projetos de habitação nos assentamentos. O objetivo da Cehap é apoiar todos os tipos de habitação, seja em áreas urbanas ou rurais, para garantir que a população do estado tenha acesso à moradia digna.

O que você pode nos dizer sobre a relação da Cehap com o programa Minha Casa, Minha Vida?

A Cehap participa ativamente desse programa, seja diretamente com as prefeituras ou com o FGTS [Fundo de Garantia do Tempo de Serviço]. A maior parte da nossa atuação é focada em garantir moradia para quem não tem acesso ao mercado de habitação. Em relação ao FGTS, conseguimos manter o programa ativo, algo que o governo anterior havia tentado cortar. Nossa missão é garantir que todos, incluindo os mais vulneráveis, tenham acesso a uma casa própria com qualidade.

Como a Cehap tem atuado para evitar fraudes nos programas habitacionais?

A Cehap faz um trabalho constante de verificação para evitar fraudes. Em casos de denúncias, a companhia sempre investiga a fundo. Em cidades como Patos, por exemplo, as denúncias são muito frequentes, e as pessoas estão sempre dispostas a ajudar a identificar irregularidades. Caso as fraudes sejam confirmadas, tomamos as medidas devidas, que podem incluir a substituição dos moradores ou a retomada da casa. A Cehap tem um compromisso de zelar pela integridade do programa e garantir que os benefícios cheguem às famílias que realmente precisam. Também trabalhamos com as prefeituras para garantir que quem se inscreve realmente tenha direito. Existe um critério rigoroso de seleção.

As visitas domiciliares seriam, então, uma das ações de combate a fraudes?

Com certeza. A visita domiciliar ajuda a evitar fraudes e distorções. Quando um cidadão se inscreve, é feita uma visita ao local onde ele reside, para confirmar sua situação real. Em alguns casos, descobrimos que pessoas fora da faixa de renda [contemplada] estavam tentando se beneficiar do programa, o que leva à exclusão delas. Caso seja constatada alguma fraude, tomamos as medidas necessárias, incluindo substituição ou cancelamento, conforme as regras de cada programa. Nossa meta é garantir que as pessoas realmente necessitadas sejam atendidas, e a visita é essencial para isso.

Como o processo de seleção funciona para as famílias mais vulneráveis que buscam acesso às moradias?

A inscrição é feita de forma permanente, mas, a cada novo empreendimento, abrimos um período de renovação e atualização dos dados. O ideal é que as pessoas estejam sempre atentas às comunicações no nosso portal [http://cehap.pb.gov.br/sitecehap/]. Também podem entrar em contato conosco pelo telefone (83) 3213-9191, que também é WhatsApp, ou pelo e-mail presidencia@cehap.pb.gov.br.

Nos programas de habitação, existe a priorização de mulheres, especialmente mães solteiras? Como isso funciona na prática?

Sim, essa prioridade existe e é uma parte importante dos programas. A preferência é dada especialmente a mulheres em situações vulneráveis, como mães solteiras ou mulheres em risco, que precisam de uma transferência de residência, por exemplo. Temos convênios com a Secretaria [de Estado] da Mulher para apoiar essas mulheres, o que facilita a inserção delas em programas de habitação. A intensidade dessa prioridade varia dependendo do tipo de programa. Em programas voltados para baixa renda, a inclusão dessas mulheres é mais direta, enquanto, em programas financiados, a questão do financiamento pode complicar um pouco esse processo. Mas, de uma maneira geral, a mulher sempre tem uma preferência clara. Isso está muito presente no nosso trabalho.

Deve ser desafiador lidar com essa demanda toda, não é?

Na verdade, é algo que já está incorporado em todos os aspectos do nosso trabalho. Existe uma compreensão de que a mulher historicamente foi mais marginalizada e teve menos direitos. Por isso, nossa atuação acaba tendo um foco maior nas necessidades delas, buscando sempre compensar essa desigualdade histórica. E isso independe da classe social e do nível de acesso à educação. Eu, por exemplo, fui a primeira mulher a liderar a Cehap, e as expectativas eram baixas só por eu ser mulher. Muitas pessoas duvidavam da minha capacidade, mas foi justamente quando mostrei meu trabalho que as portas começaram a se abrir. Hoje, outras mulheres têm mais oportunidades, porque já rompemos algumas barreiras. A mulher tem uma sensibilidade maior para olhar o outro, e isso é essencial para a gestão pública, que envolve cuidar e entender as necessidades da população.

E quanto aos projetos de habitação que estão em andamento na Cehap? Quais são os principais atualmente?

Temos uma série de projetos importantes acontecendo. Um deles é o Cidade Madura, um programa que estamos desenvolvendo com o Governo Federal, e que já conta com 12 unidades em todo o estado. Esse projeto inclui ações como a revitalização de áreas e a construção de moradias para idosos e pessoas em situação de vulnerabilidade. Outro projeto importante é o Viva o Centro, que envolve a revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. Estamos reformando áreas e criando espaços para artistas, como uma casa de passagem para aqueles que vêm do interior, algo que era muito pedido por esse público. Também temos projetos voltados para ambulantes e trabalhadores do comércio, que vivem e trabalham no Centro, e o objetivo é proporcionar melhores condições de moradia e de trabalho para esses grupos. Estamos buscando, ainda, regularizar moradias e terrenos em vários municípios do estado, com a parceria do Incra, para garantir que essas pessoas tenham um lar seguro e legalizado.

Sobre esse foco na revitalização do Centro Histórico, qual a importância disso?

A revitalização do Centro Histórico é fundamental, porque, sem pessoas morando lá, não há como revitalizá-lo de fato. É um trabalho conjunto com a prefeitura e outros setores, e estamos ajudando a estruturar melhor a vida de quem já vive no Centro, como os ambulantes e os artistas. O que estamos fazendo é dar condições de moradia para essas pessoas, para que elas possam continuar mantendo o Centro vivo e funcionando. Isso também envolve aspectos de cidadania, pois, quando as pessoas têm um lugar digno para morar, a qualidade de vida delas melhora. A estruturação do Centro também impacta diretamente na economia local e na preservação da história e da cultura do lugar.

Como tem sido realizado o trabalho de regularização fundiária?

A regularização fundiária é outro grande foco da Cehap. A gente tem trabalhado bastante para garantir que as pessoas tenham o direito legal sobre suas propriedades. Em muitos lugares, como em bairros tradicionais de cidades como Sousa, as pessoas moravam há décadas sem o direito da escritura. Com o nosso trabalho, já entregamos mais de 20 mil escrituras na Paraíba, o que é um grande avanço. A regularização não é apenas sobre entregar a escritura, mas garantir que as pessoas tenham o direito de posse da sua casa. Estamos, inclusive, regularizando áreas que antes estavam em uma situação de ilegalidade, como o município de Rio Tinto, onde o governo tomou uma decisão corajosa de desprivatizar lugares para garantir o acesso à moradia. Quando as pessoas têm uma moradia regularizada, elas se sentem mais seguras e com mais dignidade. Isso tem um impacto direto na qualidade de vida delas. Quando uma pessoa sabe que a casa é dela, investe nela, melhora sua estrutura e, consequentemente, sua vida. A moradia não é só um lugar para morar, mas um fator que traz autoestima e confiança. Quando as crianças crescem em um ambiente seguro e estável, isso reflete diretamente no seu desenvolvimento e no seu futuro.

Como você vê o impacto desses projetos no desenvolvimento da Paraíba?

Acredito que esses projetos têm um impacto fundamental no desenvolvimento da Paraíba. Não se trata apenas de construir casas, mas de criar políticas públicas que atendam às necessidades da população. A regularização fundiária, por exemplo, é essencial para que os municípios saibam o que é realmente deles, o que facilita a gestão urbana e a preservação de espaços públicos. Além disso, ao garantir uma moradia digna para as pessoas, estamos promovendo a inclusão social e uma melhoria geral na qualidade de vida. A Paraíba tem se destacado nesse campo, e isso tem sido reconhecido em nível nacional. A nossa abordagem, que vai além da construção física, para incluir as partes social e humana, tem sido premiada e serve de exemplo para outros estados.

Para finalizar, qual é a importância da Cehap nesse processo?

A Cehap tem um papel crucial porque, mais do que construir casas, ela cria políticas de habitação que respondem às necessidades reais das pessoas. Não se trata de um trabalho técnico, apenas, mas de entender o contexto social e criar soluções que façam diferença na vida das pessoas. Esse acúmulo de conhecimento e experiência, ao longo dos anos, torna a Cehap uma referência nacional em políticas habitacionais. Estamos criando respostas para a realidade das pessoas, e é isso que diferencia o nosso trabalho.

TATUAGEM

Menos preconceito e mais adeptos

Nem sempre bem-vista pela sociedade brasileira, arte na pele se impõe e conquista perfis cada vez mais variados

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com



Fotos: João Pedrosa



Equipamentos e superfícies limpos e desinfectados, utilização de materiais descartáveis e de equipamentos de proteção, descarte seguro de materiais e orientações para os cuidados pós-tatuagem são regras de um bom estúdio de tatuagem

Diversas são as maneiras pelas quais o ser humano se relaciona com o seu próprio corpo. Há pessoas que o entendem como um templo, espaço sagrado que deve permanecer intocado, e há aquelas que o veem — a sua pele, em especial — como uma tela em branco, pronta para receber obras de arte em forma de tatuagens.

Essas pinturas, que preenchem os quadros epidérmicos e fazem tanto sucesso entre pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais, nem sempre foram bem-vistas pela sociedade brasileira (em parte, porque sua chegada ao país esteve associada a grupos marginalizados). Nos últimos anos, contudo, o preconceito contra a tatuagem e os sujeitos que as ostentam diminuiu de forma significativa.

A professora Edileide Godoi, do curso de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), estudou o tema em seu doutorado, realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Segundo ela, antes da invasão dos portugueses ao território brasileiro, alguns povos indígenas utilizavam essa arte para demarcar hierarquia e simbolizar proteção espiritual e identidade cultural. "Já no começo dos anos 1960, a técnica de marcar a pele com tinta floresceu em um novo local: a cidade de Santos, em São Paulo, especialmente nos espaços identificados como 'zonas de boemia e prostituição'", conta.

Os marinheiros tatuados que chegavam pelo porto espalhavam a prática para as prostitutas com quem conviviam, enquanto aqueles que, por alguma razão, acabavam sendo presos pela polícia, apresentavam-na aos colegas de cela. "Esse contexto contribuiu bastante para a disseminação de preconceitos e a discriminação referente ao ato de tatuar o corpo", afirma a docente.

A opinião geral quanto à tatuagem passou a se modificar quando a prática chegou a outros estratos sociais, conforme explica Edileide. "O preconceito vai perdendo força à medida que a classe social mais favorecida começa a registrar suas histórias e memórias na pele; saindo da marginalidade dos corpos negros, presos, pobres para os 'corpos ricos', sarados, brancos e bem posicionados socialmente, corpos desejados e quistos. Foi do lixo ao luxo, de exclusão a símbolo da identidade de grupo", complementa.

Seriado

Para o tatuador Sóstenes Lopes, dono de um estúdio de tatuagem em Campina Grande, há cerca de 20 anos, uma das explicações para o aumento do interesse dos mais ricos pela tatuagem foi a popularização da série "Miami Ink" (2005-2008), exibida em canais a cabo do Brasil. O *reality show* mostrava o cotidiano de tatuadores na metrópole dos Estados Unidos e foi, segundo ele, o primeiro programa de televisão em que a tatuagem foi colocada como uma coisa aceitável.

"As pessoas começaram a assistir a esse seriado, principalmente os formadores de opinião, e se interessaram pela cultura da tatuagem. E eu acho que o que ajudou muito na popularização foi quando atletas de futebol começaram a se tatuar. Um dos primeiros foi o inglês [David] Beckham e, depois, vieram alguns brasileiros, assim como pessoas do mundo da música", diz.

A diminuição do estigma em torno da tatuagem encontra reflexo nas formas de consumo. O tatuador Márcio Miranda, de João Pessoa, trabalha no ramo há 10 anos e percebeu mudanças tanto no perfil do público, hoje majoritariamente formado por mulheres, como nas escolhas das partes do corpo que serão marcadas pela tinta. "As pessoas, antigamente, faziam tatuagens em locais escondidos, que pudessem ser cobertos com a roupa, com receio de não conseguirem um emprego. Hoje, o pessoal está mais tranquilo e consegue fazer tatuagens no antebraço, na perna, no pescoço e em outros locais visíveis", constata.

Inversão

A opinião geral quanto à tatuagem passou a se modificar quando ela chegou a outros estratos sociais, o que diminuiu preconceitos e abriu a porta dos estúdios para um público diverso

Como a concepção da tatuagem avançou

Antes de se tornar popular entre as classes mais ricas, a tatuagem foi considerada uma arte de nicho, parte de uma cultura *underground*. Foi assim que Sóstenes a conheceu, aos 13 anos, quando, de forma autodidata, fez em si mesmo a primeira pintura. Entre os 16 e os 18 anos, chegou a tatuar outras pessoas, mas interrompeu a atividade para seguir carreira acadêmica, retomando o ofício artístico em 2006. Hoje, concilia a atividade com a docência, no curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde se vale de sua competência para superar os julgamentos. "Eu sempre fui de me impor. Ainda novo, entrei na universidade como professor, com tatuagem e usando brinco, num período em que as pessoas ainda não aceitavam esse visual. Embora houvesse preconceito, acredito que ele era quebrado quando eu chegava com o meu currículo", avalia.

Márcio Miranda, que atuou como fonoaudiólogo em cidades do interior da Paraíba, também usou o seu desempenho profissional para enfrentar o preconceito sofrido por causa das suas próprias tatuagens. Hoje, dedica-se integralmente ao estúdio, onde recebe os seus clientes.

Entre eles, está o representante comercial e músico Fernando Cardoso, que escolheu Márcio para fazer sua sétima tatuagem — um tribal, na perna direita. Por ser do meio artístico, Fernando conta que não costuma sofrer julgamentos pelos desenhos que preenchem a sua pele. Por outro lado, foi preciso superar a resistência da família, quando decidiu fazer uma *tattoo*. "Eu sempre tive curiosidade. Pensava assim: quando eu ficar um pouquinho mais velho e independente, vou fazer uma tatuagem. Meus pais não gostaram muito, a princípio, por uma questão cultural, que tem a ver com a geração deles. Depois que eu fiz, no entanto, isso ficou até mais tranquilo", relata.

A professora de Jornalismo Suelly Maux (UFPB) é outra pessoa que optou pela tatuagem quando a arte ainda não era tão popular. Seu primeiro desenho, um morcego marcado no pescoço, é sua companhia há 31 anos. Ainda que tenha passado por poucos episódios de preconceito, ela lembra a reação do seu pai, um senhor de 80 anos, ao ver o desenho na sua pele. "Ele temia que os meus alunos não me respeitassem, por eu ter uma tatuagem", conta.



Márcio venceu resistências e redirecionou a carreira

Antes de se popularizar, a tatuagem foi considerada uma arte limitada a nichos da cultura *underground*

Regulamentação ajuda no combate ao estigma

As transformações sociais advindas da popularização da tatuagem também se manifestaram na esfera política e nos serviços. Em 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou inconstitucional a proibição de aprovar candidatos tatuados em concursos públicos, à exceção dos casos em que o conteúdo viole valores constitucionais. À época, o relator do processo, ministro Luiz Fux, compreendeu haver a "completa ausência de qualquer ligação objetiva e direta entre o fato de um cidadão possuir tatuagens em seu corpo e uma suposta conduta atentatória à moral, aos bons costumes ou ao ordenamento jurídico".

No Brasil, a regulamentação da prática da tatuagem, por decisões da Receita Federal e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), foi fundamental para aumentar a confiança das pessoas em relação à arte, o que também consolidou a indústria de agulhas, máquinas e insumos. "Essas regulamentações e exposições midiáticas foram essenciais para o progressivo combate ao preconceito contra essa prática", destaca Edileide Godoi.

A profissionalização dos estúdios também promoveu mais segurança, o que permitiu que pessoas tatuadas pudessem doar sangue. Conforme esclarece Shirlene Gadelha, diretora-geral do Hemocentro da Paraíba, é costume esperar o prazo de um ano de feitura da tatuagem para liberar a doação. Todavia, esse prazo pode ser menor, caso se comprove que o tatuador seguiu as normas sanitárias. "A gente precisa conferir o alvará de funcionamento e a segurança sanitária do estúdio onde o doador foi atendido, para saber se vai liberar a doação ou não", informa.

MERCADO DE ARTESANATO

Onde a produção da PB se mostra

Em 34 anos de atividade, espaço se consagra como atração turística e ponto de compra da população pessoense

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com



Fotos: Carlos Rodrigo

Aberto em 1991 e cedido aos artesãos pelo Governo do Estado, o MAP tem mais de 120 boxes e recebe cerca de 3,2 mil pessoas por mês, tanto turistas quanto locais

No corredor largo, em que se enfileira uma série de boxes de tijolinhos marrons, um artesão talhava uma peça de cajazeira. Nos contornos que surgiam na madeira, era possível ver uma pequena vila de interior sobre um chão de pedras. A imagem iria se tornar mais uma escultura nascida da mente e das mãos de Edward Siqueira, dono do box 94, no segundo andar do Mercado de Artesanato Paraibano (MAP), localizado no bairro de Tambaú.

Ele é um dos mais antigos artistas do local, atualmente: ocupou o seu box em 1991, quando o prédio foi inaugurado. De lá para cá, o mercado, que conta com mais de 120 boxes e dois quiosques, registra uma movimentação de pelo menos 3,2 mil pessoas por mês. Mesmo tendo aumentado o espaço para lojistas variados, o artesanato continua resistente, seja na produção, seja na venda, sendo uma vitrine para a cultura artesã de toda a Paraíba.

Edward, que produz peças em madeira desde os nove anos, confecciona esculturas tanto para a sua loja quanto sob encomenda. No uso da matéria-prima, o artesão dialoga com a sustentabilidade das peças. "Essa daqui é uma vila de casa no interior, um calçamento de pedra rústica. Toda feita na casca de um pé de cajá. Também uso imburana. Eu mesmo vou buscar a madeira, mas só pego de árvores já secas. Não prejudico a natureza, de forma nenhuma, porque o que eu pego é o que já está caído no chão. Com elas, faço minhas esculturas, às vezes surrealistas, às vezes barrocas. Ou ao gosto da pessoa que me pede", explica Siqueira.

Como um dos mais antigos inquilinos, o artesão também conta que passou por momentos de aperto, no início do empreendimento. Ainda era um espaço novo, sem boa visitação. Mesmo depois, passou por um período de ostracismo. "Não fosse a organização e a luta dos mais antigos, que se uniram para levantar esse espaço, o MAP não chegaria ao nível que tem hoje", conta.



Além de lojas, os visitantes contam com dois quiosques para fazer um lanche no local

Criatividade

Os artesãos dos MAP também procuram inovar. Foi o que fez Maria José, que ocupa o box 73, no segundo andar, há mais de 25 anos. Desde os seis anos, a artesã cria peças variadas, usando a técnica da renascença, característica do estado. Enquanto costurava uma de suas peças coloridas nesse tipo de renda, ela conta à equipe do Jornal **A União** sobre como fez a diferença no mercado. "O artesão está sempre inventando. Acho que fui a primeira que começou, aqui, a trazer cores para as peças de renascença. Depois que passei a fazer isso, o povo viu que a renascença não precisa ser somente preta, cinza ou branca. Todo mundo achou linda, maravilhosa. E, até hoje, os clientes compram muito", lembra.

Segundo ela, nos últimos anos, a renda renascença foi mudando de *status* e se popularizando ainda mais, principalmente com o investimento de grandes empresas, que passaram a trabalhar com esse artesanato. "Passou a ser mais divulgada. Vestiram artistas com ela, como Ivete Sangalo. Uma grande marca também investiu muito em renascença. Por causa disso, a repercussão foi grande, e o resultado foi muito positivo para os artesãos, de um modo geral, e para as rendeiras, em especial. Foi o resgate de uma arte fina, nossa, que estava meio apagada e esquecida. Mas, como teve muita divulgação, a demanda aumentou, e nós tivemos de nos adaptar à realidade atual", avalia a artesã.

A renda renascença também é o carro-chefe das vendas de Ana Lúcia, que ocupa o box 92, também no segundo andar do MAP, há cerca de seis anos. Embora também faça outros trabalhos, para ajudar na receita cotidiana, ela é mais conhecida pela renda. Entre as principais escolhas dos seus clientes, estão as blusas e as peças para recém-nascidos, sendo os meses com mais saída os de janeiro, junho e julho.

Desde os nove anos, Ana faz renda renascença, um trabalho manual, que alinhava e depois vai preenchendo com linha, conforme explica. Ultrapassar os limites da própria casa e levar a sua produção para um espaço com mais visibilidade, como o MAP, exigiu dela algumas mudanças, ao longo dos anos. "Tem de fazer e vender. Não dá para montar estoque. Quando eu trabalhava em casa, trabalhava mais sob encomenda, e a maioria eram peças do vestuário. Depois que vim para o mercado, comecei a fazer itens para a casa, como *sousplat* e caminho de mesa. O cliente precisa ter opção de escolha. Pena que não tenho dinheiro para investir mais", diz, entre risos.

Associação organiza artesãos e lojistas para manter o espaço

De acordo com Paulo César, presidente da Associação do Mercado de Artesanato (AMA), que reúne artesãos e lojistas, as conquistas e a boa manutenção do mercado não seriam possíveis sem a organização e a luta desses grupos, atualmente responsáveis pela gestão do espaço. "Somos nós que, há 34 anos, cuidamos desse espaço. Esse prédio foi cedido pelo Governo do Estado para os artesãos, mas muitos o abandonaram. Daí, a nossa associação abriu espaço para os lojistas, o que ajudou na manutenção do lugar. É o que mantém isso aqui em pé. Tudo o que é investido no MAP, hoje, parte dos lojistas e artesãos que aqui estão", defende César.

Ele conta que, com o passar do tempo, o movimento do mercado caiu, principalmente porque as pessoas se afastaram mais das produções artesanais, especialmente as turmas mais jovens — a procura é maior entre pessoas de mais idade. "Nós ainda sobrevivemos porque tem sempre alguém que viaja e quer levar um *souvenir*, um doce diferente, uma manta produzida em algodão colorido. A cultura do artesanato não se acaba, a gente consegue mantê-la. Por isso, a gente se esforça e cuida do mercado, para que o povo não deixe de visitá-lo", diz.

A estrutura confortável do espaço, com banheiros, corredores e lojas sempre asseados e bem organizados, torna o MAP o melhor ponto de artesanato de todo o Brasil, na opinião do presidente da AMA. "É um lugar bonito, seguro, ventilado e coberto, onde as pessoas se sentem à vontade. Além disso, tem bom atendimento. O melhor preço para população e para os turistas está no Mercado de Artesanato. É um ponto turístico convidativo, sossegado e legal para visitar", argumenta Cesar.

> **Somos nós que, há 34 anos, cuidamos desse espaço. Tudo o que é investido no MAP, hoje, parte dos lojistas e artesãos que aqui estão**
>
> Paulo César





Itens do vestuário, peças para ornamentar a casa e comida regional são alguns dos atrativos do mercado

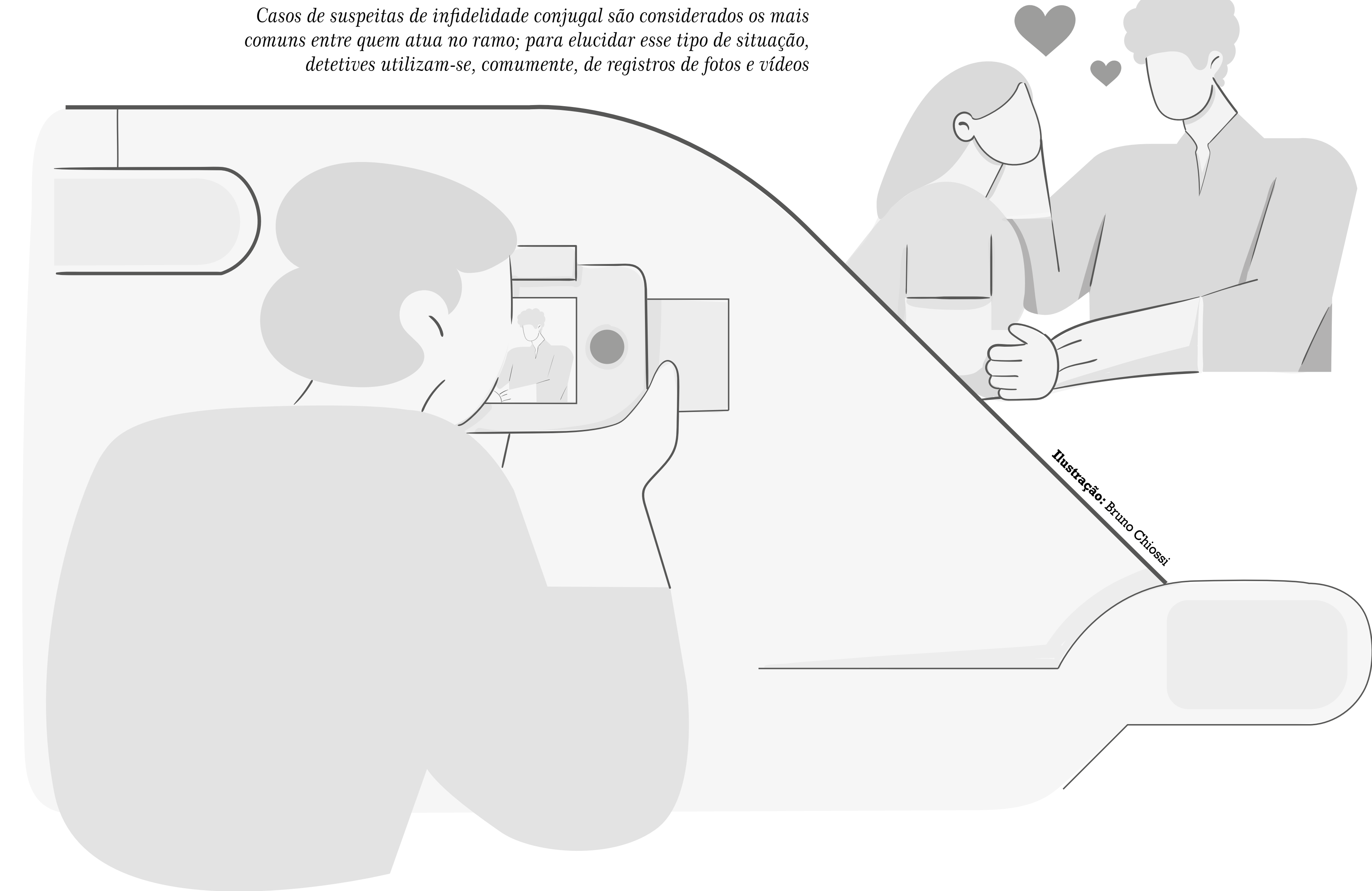
DETETIVES PARTICULARES

Discretos, engenhosos e acessíveis

Para além das fantasias de cinema, profissionais oferecem serviços pela internet e atendem públicos diversos

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Casos de suspeitas de infidelidade conjugal são considerados os mais comuns entre quem atua no ramo; para elucidar esse tipo de situação, detetives utilizam-se, comumente, de registros de fotos e vídeos



Parece cena de filme: um detetive é contratado para investigar alguém, seguindo seus passos no dia a dia e reunindo evidências, em fotos e vídeos, que comprovam, ou não, situações suspeitas, relacionadas a infidelidade conjugal ou desvio de dinheiro, entre outras. Contudo, essa profissão não é só coisa de cinema; em João Pessoa, por exemplo, vários detetives particulares oferecem seus serviços para investigações na vida real. Uma pesquisa rápida pela *web* revela que as diárias cobradas por esses profissionais, na capital, variam de R$ 400 a R$ 1 mil, a depender da natureza do caso.

Um deles, o detetive Souza, conta que começou a trabalhar no ramo após sair do exército, quando fez um curso voltado à área, e já acumula 32 anos no trabalho. Junto a uma equipe de cinco pessoas, ele anuncia seus serviços pela internet e, com base no tipo de investigação que o cliente solicita, elabora um orçamento específico a ser pago. Para os casos de suspeita de infidelidade, considerados os mais comuns, ele diz pedir, geralmente, R$ 400 por dia.

Além de registrar fotos e vídeos, com dados de data e hora, Souza e sua equipe fazem uso da tecnologia para espionar seus alvos. "Conseguimos instalar aplicativos no celular da pessoa que vamos investigar e rastrear WhatsApp, ligações, fotos enviadas… Mas temos que ter acesso ao aparelho", relata o detetive, detalhando como essa instalação pode ser feita, por exemplo, para uma suspeita de traição: "O cônjuge que contratou avisa, geralmente, quando a pessoa dorme, então vou na casa dela e coloco [o *app*]. Mas tem uma série de obstáculos, porque tem que pegar o celular, ver se não está com senha. Não é tão fácil".

Outro recurso utilizado são os rastreadores de veículos. "A gente coloca na área externa do carro, geralmente embaixo, e fica monitorando a pessoa", afirma Souza, que admite que a tecnologia facilitou seu trabalho: "Quando eu comecei, tinha que montar campana mesmo, seguir… Hoje, ainda fazemos isso, mas com o apoio do rastreador, seguindo a pessoa de moto, de carro".

Clientela

Quanto à demanda, o detetive Souza diz ser requisitado por públicos diversos e diferentes classes sociais. Até mesmo a polícia já solicitou seu apoio para confirmar a localização de materiais roubados e vigiar a chegada de carregamentos de drogas em locais suspeitos, por exemplo. Ele frisa que, nesse tipo de caso, "nunca teve nada grave, de correr risco de vida, até porque, se eu notar que aquela pessoa está desconfiada, aborto a missão, deixo passar uns dois ou três dias e retorno à investigação".

■ Souza diz já ter sido acionado pela polícia, ajudando a encontrar itens roubados e monitorando carregamentos de drogas

Investigações incluem busca por desaparecidos e vigilância de filhos

Além das suspeitas de traição conjugal, os detetives particulares costumam ser acionados para averiguar várias outras situações, incluindo furtos ou fraudes em empresas e animais ou pessoas desaparecidas — o que pode abranger até pais com pensão alimentícia em atraso e sem endereço conhecido. Outro desses profissionais, o detetive Falcão, fala que também tem aumentado a procura por parte de pais e mães que querem investigar o comportamento de filhos adolescentes. "Essa área de investigação familiar tem crescido bastante. Por exemplo, os pais têm um filho de 14, 15 anos, que está saindo muito, chegando tarde em casa, e querem saber como são as amizades do filho, os locais que ele está frequentando e se está usando drogas", destaca.

Falcão narra que começou a trabalhar na área a convite de um tio, que já atuava no ramo e precisava de alguém de confiança para cooperar com ele. "Ele me convidou a fazer um curso, como ele também fez, no Recife [PE]. Fiz o curso, gostei e atuei em Recife, morando por lá, e depois continuei aqui. Já faz 14 anos que trabalho com isso", pontua. Sobre seu método de atuação, ele afirma que monta uma estratégia investigativa, com base nas informações passadas pelo cliente, em relação aos locais de moradia e trabalho do alvo investigado, além dos hábitos e horários de sua rotina.

"A partir do instante em que a pessoa sai de casa, vamos monitorar todos os seus passos — ou seja, se vai tomar um café com alguém, comer em um restaurante com um grupo de amigos, ter uma reunião em determinado local — e ver se tudo isso vai bater com as informações que já sabemos. Vamos registrando tudo com fotos e vídeos e, se acontecer, nesse meio tempo, um flagrante, mandamos em tempo real para o cliente", explica Falcão, que, normalmente, conta com o apoio de pelo menos um ajudante: "Às vezes, em um restaurante, por exemplo, não consigo pegar o melhor ângulo de um registro de flagrante, então dois conseguem fazer isso. Em outras vezes, um entra no lugar e o outro fica no carro esperando. Até para despistar, quando estamos seguindo alguém, é sempre mais fácil ter mais de um veículo".

Segundo o detetive, em casos como os de infidelidade, ele chega a indicar o momento e o endereço para que o contratante possa flagrar a traição do cônjuge. "Já aconteceu de a gente entrar em um motel com um cliente. A esposa dele estava saindo com outra pessoa, que era, inclusive, um amigo dele. O cliente pediu para que a gente fosse ao local para registrar tudo, dizendo que sua advogada tinha orientado para que ele fizesse assim, como uma forma de tentar ganhar a guarda de suas filhas. Ele chegou a quebrar a porta do quarto. Enfim, situações dessas são raras, mas já aconteceram", relata.

"

A partir do instante em que a pessoa sai de casa, monitoramos todos os seus passos, registrando tudo com fotos e vídeos

Falcão

Profissionais adotam rastreadores e escutas para espionar alvos

Apesar de atestar que 75% dos casos em que trabalha são relacionados a infidelidade conjugal, o detetive Meireles, que também atua na Região Metropolitana de João Pessoa, desde 2018, aponta que vem sendo bastante contatado para ajudar a reaver valores enviados via Pix por engano. "Ultimamente, do fim de janeiro para cá, apareceram muitos casos de Pix errado. O cliente me procura e eu pergunto se tem o nome completo da pessoa ou a chave Pix. Então, a partir dessas informações, eu consigo alguns dados do destinatário e o cliente vai em busca do dinheiro de volta. É igual à localização de carros; eu os encontro, mas não vou buscá-los. Passo para o cliente, ele vai lá e resolve", detalha.

Entre suas ferramentas de trabalho, Meireles revela que se utiliza de rastreadores de veículos e escutas, que são inseridas dentro dos carros a serem vigiados, pelos próprios contratantes. "Elas têm uma durabilidade de sete a 15 dias de bateria e captam muito bem a voz. Com isso, a gente consegue pegar muita coisa. É um 'combo': o rastreador junto com a escuta das conversas", ressalta o detetive. Assim como Souza e Falcão, ele não age sozinho, mas mobiliza um time de mais dois profissionais. "Na maioria das vezes, temos um carro e duas motos para fazer os acompanhamentos, mas vai depender da rotina da pessoa investigada. Existem aquelas que trabalham o dia todo internamente, então o foco é pela manhã, quando ela sai de casa, e no fim da tarde; e existem casos em que a pessoa trabalha externamente, então ela sempre vai ter uma brecha para se encontrar com alguém", explica.

Mesmo com tantos esquemas e técnicas em execução para elucidar situações suspeitas, Meireles reforça que é fundamental aos detetives particulares a habilidade de camuflar-se em qualquer ambiente de investigação. "Tem que ser como um camaleão, saber se infiltrar no meio das pessoas, passar despercebido. Às vezes, tem um detetive ali, no local, que você nem imagina que é um detetive", conclui.

Dinheiro

Meireles revela que tem sido bastante contatado para ajudar clientes a resgatar valores enviados via Pix por engano, buscando dados pessoais dos destinatários

Saiba Mais

No Brasil, a profissão de detetive particular é regulamentada pela Lei nº 13.432, de 11 de abril de 2017, que estabelece normas para o exercício da função e define direitos e deveres desses profissionais.

MEMÓRIA AFETIVA

Livrarias ainda cativam público

Dados mostram que, no ano passado, 67 estabelecimentos do ramo fecharam as portas, o que evidencia crise no setor

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

O número de livrarias extintas entre 2020 e 2024 subiu 240%. Em 2020, 28 estabelecimentos foram fechados. Em 2024, 67 deram baixa no seu registro na Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep). Os dados mostram uma realidade "distópica" que avança, indistintamente, sobre gigantescas e pequenas iniciativas livreiras.

Mas o presente sombrio ainda mantém líderes da resistência, como Ricardo Pinheiro. Ele recebeu a missão do seu pai, que, em 1972, fundou a Cultural de Livros, hoje chamada de Livraria do Luiz. Atualmente, a empresa possui duas unidades, em João Pessoa, e atende também por aplicativo de mensagens via internet.

A livraria segue a tendência de atrair nichos, públicos-alvo bem definidos. Dos cerca 30 mil títulos à disposição dos clientes, cinco mil são de autores paraibanos. Com uma livraria em um shopping no bairro Manaíra, a Livraria do Luiz chama atenção do estudante de Fisioterapia Victor Pereira de Sá, de 18 anos.

O hábito de leitura de Victor começou na extinta Saraiva. A livraria era praticamente o seu "espaço *kids*", quando criança. "Meus pais ficavam andando no shopping e eu passava a tarde inteira lendo. Eu ficava muito feliz, me fazia muito bem", disse. Com o interesse recente na literatura nacional, a Livraria do Luiz ganhou a atenção do jovem pelo acervo paraibano.

Para Victor, a sensação de ter o livro nas mãos é tão insubstituível como frequentar uma livraria e ampliar seus horizontes para além das recomendações dos algoritmos de compras on-line. "Via um livro que não era do meu nicho, que fugia da minha bolha, ia lá e pegava. Virtualmente, não tenho isso. Gosto de ir lá, tocar, abrir, cheirar, descobrir gêneros novos, histórias novas. Sempre priorizo a versão física, porque me distraio muito facilmente. Raramente leio livro em PDF", contou.

Para manter os apaixonados como Victor e arrebanhar outros, as livrarias pequenas têm construído a atmosfera de espaço de convivência. "Para podermos sobreviver, a gente teve que se reinventar. Na unidade do Centro, colocamos um café. O encontro é muito bacana e agrega esse valor ao livro. Além da sensação de estar no ambiente de livraria. É uma tendência no Brasil inteiro", explicou Ricardo Pinheiro.

A estratégia busca fazer frente à onipresença e à agressividade das grandes plataformas de vendas on-line, pois há quem atribua a elas a queda de impérios nacionais. "Não existe mais espaço para mega livrarias no Brasil. O custo é muito elevado e existe a concorrência das plataformas de livro", analisou Pinheiro. Ele tem a consciência de que não pode bater de frente com o adversário virtual. "As plataformas têm uma política muito predatória. A gente não pode dar o desconto que eles dão e, no outro dia, entregar o livro na casa do cliente. Isso é impossível para a gente", continuou.

Recifense, o professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Rafael Efrem, de 38 anos, teve a experiência de frequentar uma "livraria-templo" na sua cidade natal. "Eu estava todo fim de semana na Cultura lá no Recife antigo. O ambiente era muito legal, mas as relações de trabalho ali eram exploratórias", declarou.

Apesar de preferir a diversidade das prateleiras presenciais, o professor reconhece que, como consumidor, opta pelo caminho que o seu bolso indica. "O cheiro de papel, o material, o livro, a diagramação, a capa, tudo me atrai. Mas agora, infelizmente, a Amazon tem preços mais acessíveis. O tipo de estratégia de venda é altamente predatória, mas eu, infelizmente, sou uma pessoa 'lisa' e compro mais on-line", reconheceu.

Aliança

Os sebos também desempenham papel importante na difusão da literatura com seus seminovos. Para o proprietário da Livraria do Luiz, o segmento é um aliado. "Geralmente, quando não tenho o livro solicitado pelo cliente aqui, indico um sebo. E eles fazem o mesmo com a gente", expôs Ricardo.



Fotos: João Pedrosa

Professor universitário, Rafael Efrem exalta a diversidade das prateleiras presenciais, mas reconhece que o cenário atual favorece a procura por lojas virtuais

Espaço com personalidade atrai confraria, em Campina Grande

Localizada no Centro de Campina Grande, a Espaço de Cultura PB tem ares de antiquário. Nasceu especializada em livros universitários, mas, hoje, também se tornou trincheira de resistência, como espaço de convivência e até cenário para fotos de casamento — certamente de amantes da literatura.

Essas características revelam que o professor universitário aposentado Juarez Fernandes de Oliveira, de 70 anos, conseguiu imprimir na livraria muito de sua personalidade. O estabelecimento não vende mangás (histórias em quadrinhos japonesas), por exemplo. "Acho que não tem nada a ver com a cultura da gente", justificou Juarez.

Apesar disso, abre concessão para livros de autoajuda e best-sellers de outros gêneros. "O pessoal critica muito livro de autoajuda, mas, se a pessoa ler, pelo menos ela vai ter alguma experiência. Pior seria não ler", argumenta o campinense.

Para ele, o erro das grandes redes de livrarias estava no modelo de negócio. "O livro tem se transformado, de alguma maneira, em uma coisa comercial. E nessa coisa comercial, parece que a Cultura e a Saraiva quiseram dar um passo maior que as pernas. Eles fizeram coisas muito boas, tão boas que não deu para dar sustentação", analisou.

A Espaço de Cultura PB também já foi maior. Chegou a ter três unidades e 60 funcionários. Mas, hoje, tenta seguir na missão com uma unidade. "Na realidade, a gente transformou a livraria num ambiente de encontro. Professores, ex-professores da [universidade] Federal e da Estadual. É a espécie de um café. Temos até uma confraria. Como sou professor aposentado, não preciso daquilo, mas não consigo acabar. O convívio com as pessoas que gostam de ler é muito gratificante", comentou.


Foto: Julio Cezar Peres

Juarez Fernandes mantém a Espaço de Cultura PB, em Campina Grande, com ares de antiquário

Livraria A União engrossa frente da resistência cultural, em João Pessoa

Há pouco mais de dois anos, a Livraria A União Poeta Juca Pontes entrou nas fileiras da resistência com a infantaria de autores paraibanos de todas as épocas. Cerca de 40% dos títulos são de editoras locais. Localizado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, a trincheira da literatura regional atrai majoritariamente professores, estudantes e até forasteiros em busca de publicações que destaquem a Paraíba. O espaço, inclusive, constantemente é palco de lançamentos de títulos.

A livraria com nome de poeta campinense já nasceu adaptada ao cenário do atendimento aos nichos. "A gente pode se enquadrar nisso, quando se trata de autores paraibanos. O nosso catálogo é bem selecionado. É uma loja pequena e não pode ter tudo. Então, a gente faz o máximo para ter aquele livro que, quando você entra, olha e diz: 'Não posso sair daqui sem ele'", comentou Eduardo Augusto, gerente da livraria estatal.

E a forte programação reforça o vínculo com o público e recruta mais soldados. O clube de leitura Literar é um exemplo disso. A proposta é que todos leiam o mesmo livro e marquem um dia de discussão. O diferencial do Literar é que, muitas vezes, o próprio autor também participa do debate.

Para quem almeja altas patentes na literatura, há oficinas de escrita criativa gratuitas. Os encontros já foram liderados pelos escritores Tiago Germano, Bruno Ribeiro e Mylena Queiroz. "Isso atrai o público interessado não só em ler, mas em escrever. Tem muita gente que escreve e tem vergonha de publicar. E muita gente que vai para as oficinas, muitas vezes, não foi na livraria", explicou o gerente.


Foto: João Pedrosa

Loja fica localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo

Estabelecimento valoriza a produção literária do estado, é sede de um clube de leitura e promove oficinas de escrita criativa

CINEMA

Duelos *até o final*

No Oscar mais imprevisível dos últimos anos, "Ainda Estou Aqui" entra na cerimônia com a expectativa de fazer (mais ainda) história na premiação

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Chegou o dia. Após uma campanha que vai marcar época nas pretensões do cinema brasileiro no Oscar, hoje, saberemos se *Ainda Estou Aqui* vai voltar da cerimônia com alguma(s) das estatuetas a que concorre: Melhor Filme, Melhor Atriz e Melhor Filme Internacional. Para os brasileiros, já é uma cerimônia especial, aconteça o que acontecer, mas, em linhas gerais, este é o Oscar mais imprevisível de todos os tempos. Três filmes estão embolados na corrida para Melhor Filme: a comédia dramática *Anora*, o mastodôntico drama *O Brutalista* e o detetivesco *Conclave*. Nenhum deles é franco favorito: vai ser emoção até a abertura do envelope final.

A cerimônia será transmitida ao vivo pela Globo, pelo canal pago TNT e pelo *streaming* Max. Na TV aberta, a transmissão será apresentada por Maria Beltrão, com comentários da atriz Dira Paes e do crítico Waldemar Dalenogare. Max/TNT escalaram Ana Furtado para a apresentação, comentários da jornalista Aline Diniz e dos atores Lázaro Ramos e Fabiula Nascimento. A Globo começa a transmitir às 22h e a dupla Max/TNT inicia o esquenta às 19h30.

Ainda Estou Aqui e Fernanda Torres não são figurantes na festa. Chegam à noite do Oscar, após dois meses, sendo saudados e elogiados em vários veículos especializados dos EUA. A *Variety*, uma das principais publicações do mundo do entretenimento nos EUA, afirmou em suas previsões finais que o filme de Walter Salles vai ganhar o prêmio de Filme Internacional (e merecidamente, para a revista), superando o favoritismo inicial do francês *Emilia Pérez*, que segue em seu inferno astral. Afirmou também que o filme brasileiro não vence como Melhor Filme e Atriz, mas que merecia. Já o New York Times aposta numa vitória de Fernanda Torres.

Mas *Ainda Estou Aqui* x *Emilia Pérez* é apenas um dos duelos dessa edição. Para Melhor Filme, é *Anora* x *O Brutalista* x *Conclave*. Entre os Filmes de Animação, é *Robô Selvagem* x *Flow*. Para Melhor Atriz, é Demi Moore (*A Substância*) x Mikey Madison (*Anora*) x Fernanda Torres, com favoritismo para Moore, mas com as colegas ainda no páreo com chances reais. Fernanda pode se beneficiar de um voto maciço dos eleitores internacionais do Oscar e de uma possível divisão de votos entre Moore e Madison. Quem sabe?

Para Melhor Ator, parecia que Adrien Brody já estava com a mão na estatueta, mas Timothée Chalamet ganhou o prêmio do sindicato dos atores (o SAG Awards), mostrando que tem chances. E já há quem aposte que a derrocada de *Emilia Pérez* é tão grande que até o prêmio de Atriz Coadjuvante para Zoe Saldaña (até agora uma unanimidade na temporada de prêmios) está ameaçado e pode ir para Isabella Rosselini (inclusive se houver uma onda inesperada beneficiando *Conclave*).

O mais importante é que *Ainda Estou Aqui* já ganhou. O que o filme conseguiu nesta temporada já é uma repercussão histórica. Agora, é curtir a festa e venha o que vier.

Foto: Divulgação/Ampas

Foto: Divulgação/Videofilmes

Foto: Divulgação/Imagem

Fernanda Torres x Demi Moore: a americana ainda é a favorita, mas a brasileira tem chances reais

Foto: Divulgação/Universal

Foto: Divulgação/Universal

Foto: Divulgação/Diamond

"Anora" x "O Brutalista" x "Conclave": simplesmente não há favoritos para o Oscar de Melhor Filme

Foto: Divulgação/Videofilmes

Foto: Divulgação/Paris Filmes

"Ainda Estou Aqui" x "Emilia Pérez": brasileiro já é considerado favorito contra o francês para Filme Internacional

TODOS OS INDICADOS

FILME: *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles; *Anora*, de Sean Baker; *O Brutalista*, de Brady Corbet; *Um Completo Desconhecido*, de James Mangold; *Conclave*, de Edward Berger; *Duna – Parte 2*, de Denis Villeneuve; *Emilia Pérez*, de Jacques Audiard; *Nickel Boys*, de RaMell Ross; *A Substância*, de Coralie Fargeat; *Wicked*, de Jon M. Chu.

DIREÇÃO: Sean Baker (*Anora*); Brady Corbet (*O Brutalista*); James Mangold (*Um Completo Desconhecido*); Jacques Audiard (*Emilia Pérez*); Coralie Fargeat (*A Substância*).

ATRIZ: Fernanda Torres (*Ainda Estou Aqui*); Mikey Madison (*Anora*); Karla Sofía Gascón (*Emilia Pérez*); Demi Moore (*A Substância*); Cynthia Erivo (*Wicked*).

ATOR: Adrien Brody (*O Brutalista*); Timothée Chalamet (*Um Completo Desconhecido*); Ralph Fiennes (*Conclave*); Colman Domingo (*Sing Sing*); Sebastian Stan (*O Aprendiz*).

ATRIZ COADJUVANTE: Felicity Jones (*O Brutalista*); Monica Barbaro (*Um Completo Desconhecido*); Isabella Rossellini (*Conclave*); Zoe Saldaña (*Emilia Pérez*); Ariana Grande (*Wicked*).

ATOR COADJUVANTE: Yura Borisov (*Anora*); Guy Pearce (*O Brutalista*); Edward Norton (*Um Completo Desconhecido*); Kieran Culkin (*A Verdadeira Dor*); Jeremy Strong (*O Aprendiz*).

FILME DE LÍNGUA NÃO INGLESA: *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles (Brasil); *Emilia Pérez*, de Jacques Audiard (França); *Flow*, de Gints Zilbalodis (Letônia); *A Garota da Agulha*, de Magnus von Horn (DInamarca); *A Semente do Fruto Sagrado*, de Mohammad Rasoulof (Alemanha).

FILME DE ANIMAÇÃO: *Divertida Mente 2*, de Kelsey Mann; *Flow*, de Gints Zilbalodis; *Memórias de um Caracol*, de Adam Elliot; *Robô Selvagem*, de Chris Sanders; *Wallace & Gromit: Avengança*, de Merlin Crossingham, Nick Park.

DOCUMENTÁRIO: *Diários da Caixa Preta*, de Shiori Itô; *Sem Chão*, de Yuval Abraham, Basel Adra, Hamdan Ballal e Rachel Szor; *Guerra da Porcelana*, de Brendan Bellomo e Slava Leontyev; *Sugarcane - Sombras de um Colégio Interno*, de Emily Kassie e Julian Brave NoiseCat; *Trilha Sonora para um Golpe de Estado*, de Johan Grimonprez.

ROTEIRO ORIGINAL: *Anora*, por Sean Baker; *O Brutalista*, por Brady Corbet e Mona Fastvold; *Setembro 5*, por Moritz Binder, Tim Fehlbaum e Alex David; *A Substância*, por Coralie Fargeat; *A Verdadeira Dor*, por Jesse Eisenberg.

ROTEIRO ADAPTADO: *Um Completo Desconhecido*, por Jay Cocks e James Mangold; *Conclave*, por Peter Straughan; *Emilia Pérez*, por Jacques Audiard, Thomas Bidegain, Léa Mysius e Nicolas Livecchi; *Nickel Boys*, de RaMell Ross e Joslyn Barnes; *Sing Sing*, de Clint Bentley, Greg Kwedar, Clarence Maclin e John Divine G Whitfield.

FOTOGRAFIA: *O Brutalista*, por Lol Crawley; *Duna – Parte 2*, por Greig Fraser; *Emilia Pérez*, por Paul Guilhaume; *Maria Callas*, por Edward Lachman; *Nosferatu*, por Jarin Blaschke.

MONTAGEM: *Anora*, por Sean Baker; *O Brutalista*, por Dávid Jancsó; *Conclave*, por Nick Emerson; *Emilia Pérez*, por Juliette Welfling; *Wicked*, por Myron Kerstein.

TRILHA SONORA ORIGINAL: *O Brutalista*, por Daniel Blumberg; *Conclave*, por Volker Bertelmann; *Emilia Pérez*, por Clément Ducol e Camille; *Robô Selvagem*, por Kris Bowers; *Wicked*, por John Powell e Stephen Schwartz.

DESENHO DE PRODUÇÃO: *O Brutalista*, por Judy Becker e Patricia Cuccia; *Conclave*, por Suzie Davies e Cynthia Sleiter; *Duna – Parte 2*, por Shane Vieau e Patrice Vermette; *Nosferatu*, por Craig Lathrop e Beatrice Brentnerova; *Wicked*, por Nathan Crowley e Lee Sandales.

SOM: *Um Completo Desconhecido*; *Duna – Parte 2*; *Emilia Pérez*; *Robô Selvagem*; *Wicked*.

FIGURINO: *Um Completo Desconhecido*, por Arianne Phillips; *Conclave*, por Lisy Christi; *Gladiador II*, por Janty Yates e David Crossman; *Nosferatu*, por Linda Muir; *Wicked*, por Paul Tazewell.

MAQUIAGEM E PENTEADO: *Emilia Pérez*; *Um Homem Diferente*; *Nosferatu*; *A Substância*; *Wicked*.

CANÇÃO ORIGINAL: "The Journey" (*Batalhão 6888*), por Diane Warren; "Never too late" (*Elton John – Never Too Late*), por Elton John e Andrew Watt; "El Mal" (*Emilia Pérez*), por Clément Ducol, Camille e Jacques Audiard; "Mi Camino" (*Emilia Pérez*), por Clément Ducol e Camille; "Like a Bird" (*Sing Sing*), por Abraham Alexander e Adrian Quesada.

EFEITOS VISUAIS: *Alien – Romulus*; *Better Man – A História de Robbie Williams*; *Duna – Parte 2*; *Planeta dos Macacos – O Reinado*; *Wicked*.

CURTA-METRAGEM: *A Lien*; *Anuja*; *Covjek Koji Nije Mogao Sutjeti*; *I'm Not a Robot*; *The Last Ranger*

CURTA-METRAGEM/DOCUMENTÁRIO: *Death by Numbers*; *I am Ready, Warden*; *Incident*; *Instruments of a Beating Heart*; *A Única Mulher na Orquestra*.

CURTA-METRAGEM/ANIMAÇÃO: *Beurk!*; *Beautiful Men*; *In the Shadow of Cypress*; *Magic Candies*; *Wander to Wonder*.

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Débora Borges

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Memórias de um skatista

Comprei meu primeiro *skate* faz quase 30 anos. Ele tinha grandes rodas vermelhas, macias, que se viam à distância e o deixava muito veloz. O *shape*, os *trucks* e os rolamentos eram bons, mas desgastados. Negócio vantajoso, apesar de ser um *skate* velho e da penitência a qual fui submetido para levantar o dinheiro.

Naquela época, não conseguíamos peças com a facilidade e preços equivalentes aos de hoje. Como me tornasse o mais obstinado dos poupadores, economizei, por um mês, cada centavo ganho para o lanche e metade da grana das passagens de ônibus. E assim andei a pé, com fome e com sede, 3 km, todos os fins de tarde, da escola até a minha casa, da minha casa até a escola por infinitos 30 dias.

Medidas orçamentárias tão austeras resultaram na perda de alguns quilos, mas o sacrifício seria recompensado com horas de diversão. No fim, meu pai ainda precisou contribuir com parte do dinheiro. Sinceramente, a caminhada não era assim tão cruel, por estar acompanhado pelos amigos Eugênio, Fabiano e Junior "Peru" (a enciclopédia musical). Conversávamos muito sobre *skate*, garotas e *rock and roll*.

Nas últimas décadas, as opções para prática do esporte melhoraram bastante. Na década de 1990, existiam apenas duas pistas em João Pessoa. O *halfpipe* do Espaço Cultural, então um dos melhores do Nordeste, e o *bowl* do Parque Solon de Lucena — conhecido como "a pista podre". Um péssimo projeto de engenharia com transições irregulares, bordas sem *coping* (metal que facilita a execução de manobras de *slides* e diminui a deterioração provocada pelo impacto do *skate*), buracos, lixo e falta de escoamento para a água das chuvas. Os skatistas deixaram de frequentar o lugar que acabou tomado pelas *bikes* — menos afetadas por tais problemas e também carentes de espaço. Por anos, elas deram espetáculos com suas manobras voadoras. O *bowl* foi reformado e, hoje, é frequentado pelos skatistas, já o *half* foi destruído numa desajeitada ação governamental.

"Nas antigas", não tínhamos pistas no bairro e o jeito era mesmo disputar com carros e ônibus um espaço no asfalto. O fluxo de automóveis era menor, porém o risco de ser atropelado sempre foi uma ameaça. Tínhamos que improvisar rampas, corrimões, *quarter pipe*, trilhos. Certa vez, um carro passou por cima do meu *skate* que, lançado para cima, acertou o retrovisor do veículo. Noutra ocasião, um motorista desatento arrastou um trilho de aço zincado, por mais ou menos 50 m. Vocês podem imaginar o barulho e as faíscas que douravam o chão! O salão do veículo veio abaixo e os pedestres ficaram estupefatos. Todos os skatistas, com medo, correram em disparada.

Lembro que Glauco, um dos melhores atletas de bicicross que essa cidade já viu, teve a sábia ideia de subir num *skate* e pegar carona num "busão" — no seu primeiro e último dia como skatista. Os dedos se prenderam na grade que protegia a lanterna traseira. Levou um tombo e foi arrastado por alguns metros. Para a surpresa dos desavisados que observavam a cena, não aconteceu absolutamente nada com ele. As pessoas que o conheciam, sem exagero, estavam mais aflitas com o estrago que ele poderia ter produzido no asfalto que com a sua saúde. O cara era inquebrável.

Isso mereceria um estudo científico.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Sociedade dos inimigos

O ódio transformou-se em um fenômeno global, cuja intensidade e rapidez moldaram um mundo cada vez mais dominado por algoritmos. O ser humano, por sua vez, tornou-se uma espécie de ciborgue, constituído por partes eletrônicas que complementam seu corpo físico. Esse processo desencadeou uma instabilidade generalizada na economia, na política e nos relacionamentos, tornando-os imprevisíveis e destrutivos. O resultado é um cenário de terror social e conflitos em escala global.

A "sociedade dos inimigos" é um conceito elaborado pelo filósofo e professor austríaco Karl Raimund Popper (1902-1994), em sua obra *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*, publicada em 1945, na qual ele apresenta uma crítica à filosofia política, especialmente às ideias do filósofo e matemático grego Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.), do filósofo germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) e do filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista alemão Karl Marx (1818–1883). Popper contrasta a ideia de uma sociedade aberta, que valoriza a liberdade, a pluralidade e o debate democrático, com a de uma sociedade fechada, que ele denomina "sociedade dos inimigos", sendo caracterizada pela busca pela totalidade, pela supressão do dissenso e pela eliminação dos opositores.

Na teoria política de Popper, a expressão "sociedade dos inimigos" designa um tipo de organização social em que a oposição é vista como algo a ser extinto. Para Popper, a sociedade em que impera a rivalidade e o ódio é caracterizada por uma tendência autoritária, na qual a diversidade de opiniões e a crítica são tratadas como ameaças à ordem estabelecida. Nesse modelo, os indivíduos ou grupos considerados "inimigos" do sistema social ou político são destituídos de qualquer espaço de expressão, sendo impedidos de coexistir com os que estão no poder. A diferença é vista como uma ameaça à estabilidade do regime.

Popper defende que a "sociedade aberta" é aquela que acolhe a crítica, o debate e reconhece a falibilidade do conhecimento humano. Nessa sociedade, os "inimigos" não são erradicados, mas desafiados por meio do discurso e da argumentação. Para o pensador austríaco, a verdadeira democracia não é aquela que elimina os adversários, mas sim a que permite a convivência pacífica entre ideias divergentes, possibilitando mudanças por meio do diálogo e da reforma gradual. Por outro lado, nas "sociedades fechadas", a visão de mundo é monolítica e não admite a apresentação de alternativas. A ideologia dominante busca a unificação total do pensamento e da vida social, seja por meio de uma filosofia política (como o idealismo hegeliano) ou por uma visão econômica e social (como o marxismo). Nesse tipo de sociedade, os "inimigos", segundo Popper, são aqueles que discordam do sistema imposto, e a repressão torna-se a resposta a qualquer oposição.

Popper argumenta que Platão, Hegel e Marx contribuem para o desenvolvimento daquilo que ele vê como a ideia de uma "sociedade dos inimigos". Platão, em *A República*, propõe uma sociedade na qual a verdade é revelada por filósofos-reis e as classes sociais são rigidamente separadas. Para Popper, Platão idealiza uma sociedade em que a divergência de opiniões é erradicada, o que abre caminho para regimes autoritários. Hegel, com sua filosofia da História, também favorece uma visão determinista do progresso, em que o Estado é visto como a encarnação da razão e o fim da história. Popper critica essa visão por sua tendência a justificar regimes totalitários e suprimir a liberdade de pensamento. Finalmente, Marx, que propõe uma revolução proletária para criar uma sociedade sem classes, também é alvo da crítica de Popper, que vê, na teoria marxista, uma lógica propensa ao totalitarismo. Na opinião de Popper, a revolução marxista, ao tentar estabelecer uma "sociedade perfeita", pode resultar na opressão dos "inimigos" dessa visão, ou seja, daqueles que se opõem aos princípios ideológicos do movimento. Portanto, o conceito de "sociedade dos inimigos" representa uma crítica de Popper às ideologias que buscam criar uma "sociedade perfeita" sem espaço para o dissenso. O erudito professor austríaco acredita que as sociedades democráticas devem ser abertas ao diálogo, à mudança e à correção de erros, sem a necessidade de eliminar aqueles que discordam. Esse pensamento permanece relevante no contexto contemporâneo, funcionando como um alerta contra regimes autoritários e ideologias totalitárias, que frequentemente buscam suprimir a oposição e eliminar qualquer forma de diversidade de pensamento. Diante disso, conclui-se que a "sociedade dos inimigos" simboliza um modelo de sociedade fechada e totalitária, na qual a pluralidade é suprimida, em contraste com a "sociedade aberta", na qual as ideias podem ser debatidas e a convivência pacífica é possível, mesmo diante das divergências.

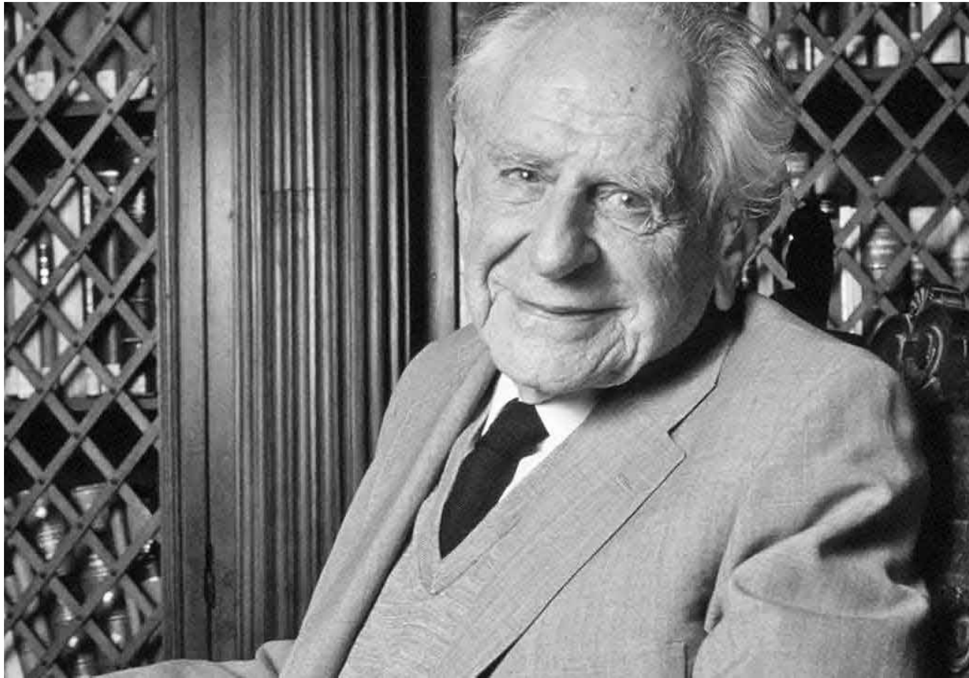


Foto: Reprodução

O austríaco Karl Raimund Popper escreveu "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos"

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A velha infância

Comprei na Livraria do Luiz uma edição capa dura do livro *Infância*, de Graciliano Ramos, por apenas 10 reais. Não parece um preço justo até por haver um modo de construir um hábito de leitura e se chegar a *Vidas Secas*, obra máxima de Graciliano. Dez reais é quase nada.

A infância de muitas pessoas deixa marcas cruéis, mas que nos encorajam a pesar cada fase, antes de desferir o golpe da idade avançada – feito eu, um homem que já nasceu velho.

Nas primeiras páginas, Graciliano fala das nuvens, da manhã e do verão. Ele diz que guardou na memória um vaso de louça vidrada cheio de pitombas, escondido atrás da porta. Pitomba é uma fruta besta, não é?

A infância deveria ser o que fosse em que sentido fosse, mas muitos pulam essa fase, sem direito à educação, a um banco na escola. Terminam com uma pistola na mão. Quando não, são explorados pelo trabalho infantil.

Sabe-se que, tarde ou mais cedo, a infância se perde no caminho das espinhas estouradas no rosto, que qualquer palavra que pronuncie poderá ser invocada como desejo. A coisa da libido, sabe, né? Falando em libido, o esquecido escritor Ascendino Leite costumava dizer que a libido é a única coisa que levamos ao caixão. Não sei para quê, afinal, nunca vamos encontrar as cinco virgens no céu, anunciadas pelos extremistas islâmicos.

Quando a gente morre, vai para o céu? Esse lugar deveria ser precisamente o que mais nos incita, chegar ao céu, tão lindo é o céu e um bando de nuvens a passar.

Produzir ecos capazes de se autonomizar e de, mais tarde, ser lembrados como berros que podem se voltar contra nós não é uma repetição. O invulnerável está aí e a pancada maior é quando a gente vira homem.

O proposto de escrever um livro e colocar o nome de *Infância*, essa circulação dos textos que nos remetem para lugares longínquos e nos limitam a só lembrar, não é bem isso que Graciliano faz em seu livro, talvez as ilustrações de Darcy Penteado. Mas isso é outra arte.

Na obra, Graciliano consegue tanger o passado a partir da memória e não é fácil já que a memória é mutante. O pior é que muitas pessoas sequer tem memória, elas lembram e fazem de conta que não — o que fazemos por elas, e isso está longe da nossa velha infância.

Quando alguém diz que é amigo de infância mais do que qualquer outro propósito referido pela maioria das pessoas, é expor uma felicidade que vem de longe, certamente, um zelo, mas não é só na infância que somos amigos, algo que se mostra hoje mais necessário do que nunca, ser amigo na velhice.

A velha infância se trata de uma ocupação da qual se pode entrar e sair incólume do coração do outro.

A presunção das inconsequências das coisas que se diz e não se escreve poderia muito bem ser resolvida com abraços. Mas é natural que nos provoque irritação a atitudes levianas, com que tantos se propõem mostrar e ignorar o amor que tínhamos um pelo outro.

Vou ler a *Infância* de Graciliano Ramos, é o que melhor que posso fazer nesse Carnaval para não esquecer das matinês do Jatobá Clube.

Kapetadas

1 – O desgoverno está aí, aliás, governar sempre foi distribuir cargos como quem joga milho para um bando de pombos.

2 – Eu gosto do Brasil. Somos perturbados, ignorantes e desonestos, mas eu adoro esse país.

Foto: Reprodução



Graciliano: "Tangendo o passado através da memória"

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Oscar — Expectativas para hoje à noite

O cinema do mundo todo terá, na noite de hoje, mais um de seus grandes momentos, quando se celebra a 97ª festa do Oscar. Essa é uma tradição que vem de longos anos, de 1927, sob a rubrica da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, inaugurada na Califórnia, nos Estados Unidos. A cerimônia de entrega do Oscar 2025 está sendo esperada para iniciar às 21h, no horário de Brasília, sendo transmitida ao vivo pelos meios de comunicação e também pela internet.

O Brasil continua na grande expectativa, com mais um filme sério de sua produção — *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles —, tentando a famosa estatueta dourada nas categorias de Melhor Filme, Melhor Atriz (Fernanda Torres) e de Filme de Língua Não Inglesa. Aliás, só nessa categoria tentaria minhas fichas, em razão do "*glamour*" sobre a indicação de outras estrelas, que vêm sendo citadas ao longo da caminhada do Oscar.

Tenho reiterado sobre as limitações, inclusive de *marketing*, que sempre teve o cinema brasileiro, dentro e fora do país. O nosso cinema continua não sendo a desejada grande indústria como a hollywoodiana e tem capengado na sua produção de filmes. Não na sua qualidade, que é reconhecida, mas nos limites tecnológicos, continuando a dever ao grande símbolo cinematográfico (pirotécnico) americano: o Oscar.

Foto: Divulgação/Ampas



Fernanda Torres, posando na sessão de fotos durante o jantar dos indicados nesta semana

Diante das decepções que viemos tendo ao longo de todos esses anos, de filmes que sempre indicamos ao grande prêmio do Tio Sam, receio que nossas emoções da noite de hoje se frustrem, ainda mais, naquilo que entendo de importante para o cinema brasileiro: o melhor reconhecimento — reforçado pelo setor da crítica especializada, que tem apostado suas fichas no nosso cinema ao tão cobiçado prêmio, que nos tem sido postergado, desde que *Orfeu Negro* venceu o Oscar de Melhor Filme Internacional, em 1960.

Por todas essas razões que afetam o nosso cinema, requer que se busque nova forma e alinhamento de mercado, de mecanismos atuais de criações, também de produção, sobretudo de meios de difusão. Maneiras nem sempre experimentadas em épocas mundiais de "tapetes vermelhos". Mesmo assim, cruzemos os nossos dedos por hoje à noite... - *Para mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexsantos.com.br*



APC — Exibição de *O que os Olhos Não Veem*

A Academia Paraibana de Cinema recebeu informação do cineclube O Homem de Areia, da Fundação Casa de José Américo, de que mantém, no seu conselho de programação, diversos confrades de APC, que exibirá, na quarta-feira, 12 de março, o filme *O que os Olhos Não Veem*, dirigido por Vania Perazzo, integrante da APC. Na ocasião, haverá um debate do filme. A sessão acontecerá no auditório da FCJA, a partir das 19h, com entrada livre ao público interessado.

A APC, por meio do presidente João de Lima Gomes e de sua diretoria, convida seus associados a mais esse acontecimento, que faz parte do calendário da entidade sobre o cinema paraibano.

CANAL BRASIL

Fernanda Torres em maratona de quatro filmes

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

No esquenta para o Oscar, o Canal Brasil exibe, hoje, uma maratona com quatro filmes de Fernanda, indicada ao Oscar de Melhor Atriz por *Ainda Estou Aqui*. A seleção inicia-se às 14h.

O primeiro filme é *Inocência* (1983), contando a história de uma jovem interiorana seduzida por um médico itinerante. O filme de Walter Lima Jr. é a estreia de Fernanda Torres no cinema.

Às 16h, a luta armada contra a Ditadura Militar toma a tela em *O Que É Isso, Companheiro?* (1997), de Bruno Barreto, baseado no livro de Fernando Gabeira e indicado ao Oscar de Filme de Língua Não Inglesa. Fernanda é membro do grupo que sequestra o embaixador americano (papel de Alan Arkin).

Às 17h55, é a vez de *Saneamento Básico – O Filme* (2007), de Jorge Furtado, comédia sobre um grupo que quer realizar uma obra de saneamento, mas acaba fazendo um filme. A atriz interpreta a personagem que acaba assumindo o papel de produtora desse filme acidental.

Fechando a maratona do dia, às 19h50, será apresentado *Os Normais – O Filme* (2015), de José Alvarenga Jr., comédia derivada da série de TV, mostrando como Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda) se conheceram, quando estavam para se casar com outras pessoas.

Walter Salles

O cineasta Walter Salles também ganha uma mostra que vai ao ar na noite de segunda (espera-se, comemorando algum prêmio vencido por *Ainda Estou Aqui*, na noite de hoje).

A Sessão Especial Walter Salles conta com três filmes dirigidos pelo cineasta: *Central do Brasil* (1998), com Fernanda Montenegro, às 20h; *Terra Estrangeira* (1996), com Fernanda Torres, às 21h50; e *O Primeiro Dia* (1997), também com Fernanda Torres, às 23h30.

As obras destacam a sensibilidade do diretor ao retratar temas como migração, identidade e esperança. *Central do Brasil*, em particular, é reconhecido internacionalmente por sua narrativa emocionante e pela atuação marcante da atriz Fernanda Montenegro — Melhor Atriz no Festival de Berlim e indicada ao Oscar.

PROGRAMAÇÃO

14h – *Inocência* (1983)

16h – *O que É Isso, Companheiro?* (1997)

17h55 – *Saneamento Básico – O Filme* (2007)

19h50 – *Os Normais – O Filme* (2015)



Foto: Divulgação/LC Barreto



Foto: Divulgação/Globo Filmes



Foto: Divulgação/LC Barreto



Foto: Divulgação/Casa de Cinema de Porto Alegre

"Inocência"; "Os Normais"; "O que É Isso, Companheiro?"; e "Saneamento Básico": hoje

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Não fui um bom professor!

Não fui um bom professor! Lecionei em todos os níveis: fundamental, secundário, universitário e na pós-graduação. Grande parte de minha vida útil e profissional passei, portanto, no espaço da sala de aula. Espaço mágico e sem limites. Uma aula é uma experiência de teor afetivo, uma aventura erótica que transcende a cronologia dos 50 minutos.

Hoje, aposentado, e auxiliado pela distância no tempo, vejo que não fui um bom professor, um autêntico pedagogo no sentido radical da palavra. Talvez tivesse a paixão do educador, mas não tinha a eficiência e o rigor dos que sabem conduzir e orientar, sugerir caminhos e despertar interesses e motivações.

Gostava da sala de aula, é verdade. Fazia minhas exposições (não tinha outro método!), com responsabilidade e, não raro, com entusiasmo. Nunca fui de preparar aulas, organizar esquemas, utilizar o quadro negro com eficácia e criatividade.

Expor a matéria selecionada, abordar um assunto preferido, sobretudo, assuntos literários; jogar com as ideias e os conceitos, problematizar certos temas, exemplificar com casos e situações concretos, enfim, pensar e procurar compartilhar o pensamento constituíam os procedimentos básicos de alguma possível didática.

Gostava de ouvir os alunos, apreciava suas perguntas, tentava valorizar seus comentários. Também me valia muito dos textos em atividades de leitura preparatória para promover uma discussão crítica e esclarecedora. Fazia tudo isso com gosto e verdade, mas, não tenho dúvidas, não fui um bom professor.

Por outro lado, detestava assinar as cadernetas, elaborar planos de pesquisa, fazer avaliações, organizar grupos de alunos, enfim, realizar qualquer tarefa que não fosse o uso da palavra na sala de aula. O pior de tudo eram as reuniões intermináveis com os meus pares. Dizem que Deus criou a universidade, e o Diabo, o colega de departamento.

Lia muito sobre os tópicos do programa dos cursos. Estudava os manuais, consultava os dicionários, frequentava as enciclopédias, refletia sistematicamente antes de enfrentar cada turma, pois almejava dar o melhor de mim mesmo aos alunos e às alunas que se dispunham a me ouvir. Porém, não fui um bom professor.

Concluída a aula, mesmo sabendo que uma aula nunca se conclui, evitava intimidades com os discípulos, fugia das relações de amizade e cultivava um secreto amor pela aura da hierarquia. Professor aqui, aluno ali. Via a aula como sagração. Fora dela, tudo me parecia banalidade. Por isso, repito, não fui um bom professor.

Bom professor não é o que domina o conteúdo curricular, o que nunca falta às aulas, o que cumpre pontualmente os ritos ordinários da relação ensino-aprendizagem. Fiz tudo isso dentro de minhas possibilidades, mas um bom professor vai além disso. Pesquisa, forma grupos de estudo, sabe ser amigo dos alunos, sabe guiar seus itinerários mentais, convivendo com eles na sala de aula e em outros lugares. Alia a paixão à inteligência, a competência à solidariedade, a sabedoria à formação. Isso me faltou.

De fato, não fui um bom professor. No entanto, para meu consolo, convivi com alguns, quando de minha passagem pela UFPB. Wellington Pereira, de saudosa memória; José Edilson de Amorim, Milton Marques Júnior, Arturo Gouveia, Chico Viana, Sandra Luna e Genilda Azeredo me parecem exemplos modelares dessa estirpe rara. Estes, sim, os alunos nunca esquecem. Quanto a mim, cabe muito bem o silencioso olvido.

Foto: Angélica Gouveia/Divulgação UFPB



UFPB, onde o colunista foi professor: "Gostava da sala de aula"

Colunista colaborador

CINEMA

Da turma dos brinquedos assassinos

Baseado em conto de Stephen King, "O Macaco" estreia amanhã nos cinemas de João Pessoa e Campina

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

"O problema mesmo é o macaco. O macaco é o olho que tudo vê", já mandava a real o telefone Chatter ao *cowboy* Woody em *Toy Story 3* (2010). O brinquedo era um vigia neurótico, já antecipando sua versão sombria na comédia de terror *O Macaco*, que estreia amanhã nos cinemas (confira salas e horários no Em Cartaz). Dirigido por Osgood Perkins e co-escrito por Stephen King, o filme chega à telona como uma aguardada adaptação do universo literário do autor *best-seller*.

Produzido por James Wan, conhecido por franquias como *Jogos Mortais* (2004) e *Annabelle* (2014), o longa-metragem traz uma narrativa sombria que promete capturar a essência aterrorizante do conto original de King, publicado pela primeira vez em 1980.

A trama acompanha os gêmeos Bill e Hal, interpretados por Theo James, que descobrem um macaco de brinquedo antigo no sótão de seu pai. A partir desse momento, uma série de mortes inexplicáveis e terríveis começa a assombrar suas vidas.

O elenco também conta com nomes como Elijah Wood, Tatiana Maslany (protagonista da série *Mulher-Hulk*) e Christian Convery, que dão vida a personagens envolvidos no mistério do brinquedo maligno. A decisão de substituir os pratos do macaco por um tambor foi uma mudança significativa em relação ao conto original.

Segundo Perkins, a alteração foi necessária devido aos direitos autorais da versão com os címbalos, pertencentes à The Walt Disney Company, já que o brinquedo aparece em *Toy Story 3* — curiosamente, o diretor da animação, Lee Unkrich, é um conhecido fã de Stephen King, o que explica a referência ao macaco no filme da Pixar.

O conto original de 1980, publicado na revista *Gallery* e posteriormente incluído na coletânea *Tripulação de Esqueletos* (1985), já havia sido adaptado para um curta-metragem em 2023, dirigido por Spencer Sherry. No entanto, a versão de Perkins promete explorar novas camadas de terror, combinando elementos psicológicos com cenas de horror físico.

O diretor, que também assina o roteiro ao lado de King, traz uma abordagem que mistura crueldade e humor mórbido, conforme destacado pelo consenso crítico no *site* Rotten Tomatoes, onde o filme detém 79% de aprovação. Stephen King descreveu o filme como "totalmente insano", reforçando a expectativa de que a adaptação mantém a intensidade e o impacto de sua obra escrita.

A trama explora temas como luto, trauma e a inevitabilidade da morte, elementos que Perkins afirma terem sido influenciados por suas próprias experiências pessoais. O diretor, que perdeu os pais em circunstâncias trágicas, vê no filme uma forma de lidar com a noção de que a morte é uma realidade universal, muitas vezes marcada por eventos absurdos.

A produção de *O Macaco* também resgata um projeto que esteve em desenvolvimento por anos. Originalmente, os direitos cinematográficos do conto pertenciam ao diretor Frank Darabont, que planejava adaptá-lo após o lançamento de *O Nevoeiro* (2007), também baseado em uma obra de King. No entanto, o projeto nunca saiu do papel, deixando espaço para que Perkins assumisse a direção anos depois.

Descrito no filme como "basicamente o diabo", *O Macaco* promete engrossar a sangria de filmes sobre objetos inanimados possuídos pelo mal, como Chucky e Annabelle, tamborilando a morte com muito humor ácido.

Foto: Divulgação/Paris Filmes



O macaco músico já mostrava que não era boa peça em "Toy Story 3"

Imagem: Divulgação/Paris Filmes



O MACACO

■ (*The Monkey*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2025. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Theo James, Elijah Wood, Tatiana Maslany.

■ Estreia amanhã em João Pessoa e Campina Grande.

■ Veja locais e horários no Em Cartaz.

Em Cartaz

Cinema

*Programação de **27 de fevereiro a 5 de março**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.*

ESTREIAS

ATTACK OF TITAN – O ÚLTIMO ATAQUE (*Shingeki no Kyojin – The Last Attack*). Japão, 2024. Dir.: Yuichiro Hayashi. Animação/aventura. Homem transformado em titã quer destruir a humanidade e seus amigos tentam impedi-lo. Compilação dos episódios finais da série. 2h25. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dom. seg. e qua.: dub.: 15h, 21h; leg.: 18h; ter.: dub.: 15h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h, 21h.

UM COMPLETO DESCONHECIDO (*A Complete Unknown*). EUA, 2024. Dir.: James Mangold. Elenco: Timothée Chalamet, Monica Barbaro, Elle Fanning, Edward Norton. Drama. Aos 19 anos, um ainda desconhecido Bob Dylan chega a Nova York para iniciar sua ascensão musical. Indicado a 8 Oscars, incluindo filme, direção, ator, ator coadjuvante e atriz coadjuvante. 2h21. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h.

O HOMEM-CÃO (*Dog Man*). EUA, 2025. Dir.: Peter Hastings. Animação/infantil/comédia. Herói que é meio homem, meio cão, defende a cidade de supervilão felino. 1h29. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: dom.: 14h30, 16h45, 19h; seg. a qua.: 14h30, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h20, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h15, 17h30, 19h50, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h30, 19h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h10, 18h10, 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 16h10, 18h10, 20h10. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom. e qua.: dub.: 17h10, 19h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 15h, 17h05, 19h10; seg. a qua.: 17h05, 19h10.

O MACACO (*The Monkey*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2025. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Theo James, Elijah Wood, Tatiana Maslany. Terror. Gêmeos descobrem antigo macaco de brinquedo e mortes começam a acontecer. 1h38. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: seg. a qua.: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: seg. a qua.: dub.: 17h45; leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: seg. a qua.: dub.: 19h45, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 1: seg. a qua.: dub.: 16h20, 18h20, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: seg. a qua.: dub.: 20h.

PEQUENAS COISAS COMO ESTAS (*Small Things Like These*). Irlanda/Bélgica/EUA, 2024. Dir.: Tim Mielants. Elenco: Cillian Murphy, Emily Watson. Drama. Homem descobre segredos perturbadores sobre o convento local. 1h38. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30.

OS RADLEY (*The Radleys*). Reino Unido, 2024. Dir.: Euros Lyn. Elenco: Kelly Macdonald, Damian Lewis. Comédia/terror. Família esconde um segredo sombrio: são vampiros. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h30.

REALITY DE HORROR – INFLUENCERS EM PÂNICO (*Amp House Massacre*). EUA, 2024. Dir.: Dame Pierre e Mike Ware. Elenco: Kara Royster, Pedro Correa. Suspense. Influencers em uma mansão são atacados por serial killer. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h40.

ÚLTIMO ALVO (*Absolution*). EUA, 2024. Dir.: Hans Petter Moland. Elenco: Liam Neeson.Daniel Diemer, Javier Molina. Crime. Gangster veterano tenta corrigir erros do passado. 1h52. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h, 21h10.

REAPRESENTAÇÃO

ANORA (*Anora*). EUA, 2024. Dir.: Sean Baker. Elenco: Mikey Madison, Mark Eydelshteyn, Yura Borisov. Drama/comédia. Prostituta se casa com filho de oligarcas russos, mas o conto-de-fadas é ameaçado. Indicado a 6 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 21h20.

DUNA – PARTE 2 (*Dune – Part 2*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: Denis Villeneuve. Elenco: Timothée Chalamet, Zendaya, Rebecca Ferguson, Javier Bardem. Ficção Científica/aventura. Nobre unido a povo oprimido de um planeta desértico busca vingança contra conspiradores. Indicado a 5 Oscars, incluindo melhor filme. 2h46. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h.

EMILIA PÉREZ (*Emilia Pérez*). França/México/Bélgica, 2024. Dir.: Jacques Audiard. Elenco: Karla Sofía Gascón, Zoe Saldaña, Selena Gomez. Musical/drama. Traficante mexicano pede a advogada para ajudá-lo a fingir sua morte e assumir sua identidade feminina. Indicado a 13 Oscars, incluindo filme, direção, atriz, atriz coadjuvante e filme internacional. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 19h.

A SUBSTÂNCIA (*The Substance*). Reino Unido, 2024. Dir.: Coralie Fargeat. Elenco: Demi Moore, Margaret Qualley, Dennis Quaid. Suspense. Celebridade em decadência resolve usar droga clandestina que cria versão mais jovem de si mesma. Indicado a 5 Oscars, incluindo filme, direção e atriz. 2h20. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qua.: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 18h20.

WICKED (*Wicked – Part 1*). EUA/Japão/Canadá/Islândia/Reino Unido, 2024. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/drama. Na terra de Oz, uma bruxa discriminada pela cor e outra popular se tornam amigas na universidade, mas o destino as colocará como adversárias. Indicado a 10 Oscars, incluindo melhor filme, atriz e atriz coadjuvante, 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 14h50.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura brasileira. Indicado a 3 Oscars: melhor filme, atriz e filme internacional. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 20h30; qua.: 17h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h15, 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 5: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 17h30.

O BRUTALISTA (*The Brutalist*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2024. Dir.: Brady Corbet. Elenco: Adrien Brody, Felicity Jones, Guy Pearce. Drama. Arquiteto visionário chega aos EUA após a II Guerra para reconstruir a vida e testemunha o nascimento da modernidade. Indicado a 10 Oscars, incluindo filme, direção, ator, ator coadjuvante e atriz coadjuvante. 3h34. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: leg.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 19h45.

CAPITÃO AMÉRICA – ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (*Captain America – Brave New World*). EUA, 2025. Dir.: Julius Onah. Elenco: Anthony Mackie, Harrison Ford, Danny Ramirez, Shira Haas, Tim Blake Nelson, Giancarlo Esposito. Aventura. O novo Capitão América se vê no meio de um incidente internacional. 1h58. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom.: dub.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h30, 18h15, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h30, 17h, 22h; leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h30, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: dub.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h45, 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dom.: leg.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h50, 18h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom. e qua.: dub.: 20h30. CINE GUEDES 3: dub.: dom. e qua.: 3D: 16h20, 18h45; 2D: 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 14h, 18h40, 21h; 3D: 16h20; seg. a qua.: 2D: 16h20, 18h40, 21h.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIÓSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Julia Dias, Luís Lobianco, Débora Falabella, Taís Araújo, Augusto Madeira. Comédia/infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: qui. a ter.: 14h; qua.: 15h.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rosselini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme e atriz. Vencedor do Bafta de filme e filme britânico e do SAG de melhor elenco. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 21h50.

FÉ PARA O IMPOSSÍVEL. Brasil, 2025. Dir.: Ernani Nunes. Elenco: Vanessa Giácomo, Dan Stulbach. Drama/religioso. Pastora tenta se recuperar de grave agressão física e inspira pessoas. 1h40. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dom. e qua.: 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom. a qua.: 14h40, 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom.: 19h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 16h15, 18h15, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom. e qua.: 18h20. CINE GUEDES 2: dom. e qua.: 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 17h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 21h15.

FLOW (*Flow*). Letônia/Bélgica/França, 2024. Dir.: Gints Zilbalodis. Aventura/animação. Fugindo de uma enchente, gato se refugia em barco com outros animais que, juntos, tentarão sobreviver. 1h25. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: dom.: 13h45, 15h45, 17h45; seg. a qua.: 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h, 16h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom. e qua.: 16h25.

KAYARA, A PRINCESA INCA (*Kayara*). Peru/Espanha, 2025. Dir.: Dirk Hampel, Cesar Zelada. Animação/aventura. Garota inca desafia tradições para fazer parte de um grupo de mensageiros exclusivamente masculino. 1h30. Livre.

Patos: CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 14h40.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/animação/infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h15. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 14h30.

Música

CARNAVAL/HOJE

CARNAVAL TRADIÇÃO. Desfiles de maracatus, tribos indígenas, clubes de frevo, ala ursas e escolas de samba.

João Pessoa: AV. DUARTE DA SILVEIRA (Centro). Domingo, 2/3, a terça, 4/3, 17h. Entrada franca.

CAMPO

Reforma agrária ainda gera lutas

Segundo dados do Incra, país possui 9.858 projetos, com mais de um milhão de famílias assentadas

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O mês de fevereiro foi marcado por dois momentos importantes para os movimentos sociais que lutam pela reforma agrária no país, com destaque para a Paraíba: entre os dias 13 e 15 de fevereiro, foi celebrado o centenário de Elizabeth Teixeira, liderança histórica das Ligas Camponesas, no município de Sapé, e o julgamento do assassino do membro do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra (MST) pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, na Costa Rica, que condenou o Brasil ao concluir que o Estado brasileiro falhou em conduzir uma investigação diligente e eficaz sobre o assassinato de Manoel Luiz, resultando em impunidade e violação dos direitos dos familiares da vítima. Os dois casos chamam a atenção para a questão fundiária no estado e como se encontram as famílias acampadas e assentadas.

Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), responsável pela implementação da política de reforma agrária e do ordenamento fundiário no país, o Brasil possui 9.858 assentamentos, com mais de um milhão (1.051.075) de famílias assentadas. Na Paraíba, existem 283 assentamentos federais, com cerca de 14.253 famílias. Além desses, outros 33 assentamentos criados pelo Governo do Estado foram reconhecidos pelo Incra, totalizando 316 assentamentos.

Conforme dados do Incra, obtidos pela Repórter Brasil por meio da Lei de Acesso à Informação, o Brasil possui 2.045 acampamentos com, aproximadamente, 145.000 famílias acampadas. Na Paraíba, o órgão aponta mais de três mil (3.132) famílias à espera de terra. Com relação a 2023, o número de acampados cadastrados pelo Incra cresceu 1.129,14%, saindo de 11.805 para 145.100.

Segundo Tânia Maria de Sousa, integrante da Comissão Pastoral da Terra da Paraíba (CPT-PB), a Paraíba tem mais de 40 acampamentos, com cerca de cinco mil famílias em busca de terra. A maioria dos acampamentos, especialmente os mais recentes, vive em condições precárias, com moradias improvisadas e dificuldades para produção de alimentos. Para Tânia, "estruturalmente, esses acampamentos, que já ocuparam há muito tempo, [...] têm uma estrutura que foi sendo construída gradativamente, se autoafirmando com seus próprios recursos. [...] Os acampamentos novos, mais recentes, claro que eles são mais precários, são casas de lonas, as famílias no processo de adaptação. [...] Não tem produção ainda, é a produção que a gente chama de subsistência".

De acordo com Paulo Romário de Lima, integrante da direção estadual do MST, o movimento completa 35 anos de atuação na Paraíba e contabiliza 77 assentamentos e 28 acampamentos, abrigando mais de cinco mil famílias. Apesar dos avanços, a situação ainda é desafiadora, com "famílias que ainda vivem na incerteza se terão um pedaço de terra para plantar".

Fotos: Carlos Rodrigo

Romário de Lima, do MST: movimento completa 35 anos

> **Há assentamentos na Paraíba que têm uma estrutura que foi sendo construída gradativamente, com seus próprios recursos**
>
> Tânia Maria de Sousa

Apesar de oferecerem uma estrutura mais consolidada, a situação dos assentamentos também é crítica. Tânia salienta que a falta de investimentos do governo em infraestrutura, crédito para produção e assistência técnica são as principais demandas dos assentamentos. Ela destaca o lançamento do programa Desenrola Rural, de renegociação de dívidas e liberação de novos créditos aos pequenos produtores rurais, mas acredita que o programa não vai atender às necessidades reais dos assentados.

"Quem não tem dívida não tem crédito do mesmo jeito. No ano passado, quando o movimento fez uma ocupação no Incra, em março, uma das reivindicações era de crédito para os assentamentos. Anunciaram que tinha crédito, a gente cuidou de arrumar técnico, mandar as comunidades fazer [a solicitação], mas até agora nenhum projeto foi liberado, nenhum", reforçou Tânia.

O programa Desenrola Rural tem o potencial de beneficiar cerca de um milhão de agricultores familiares em todo o país. Estima-se que, de um universo de 5,43 milhões de agricultores familiares, aproximadamente 1,35 milhão de agricultores possuem dívidas em atraso há mais de um ano, sendo que 230 mil estão inscritos na Dívida Ativa da União (DAU). Grande parte desses produtores possui dívidas de valores inferiores a R$ 10 mil, que, embora consideradas de pequena monta, representam um obstáculo significativo para o acesso ao crédito e para a continuidade da atividade produtiva.

Fernanda Peres destaca casos emblemáticos de violência

Conflitos e violência

A violência no campo ainda é uma realidade muito marcante no país e na Paraíba, mas carece de dados acerca do tema. O caso da condenação do Brasil, pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH), pela morte do militante do MST, Manoel Luiz, assassinado em 1997, durante uma ocupação na Fazenda Engenho Itaipu, localizada em São Miguel de Taipu, ilustra a omissão do Estado e um sistema de justiça ainda lento para solucionar os processos relacionados à questão fundiária no campo.

A defensora pública do estado Fernanda Peres, coordenadora do Núcleo Especial de Cidadania e Direitos Humanos, destaca dois casos emblemáticos, ocorridos em Canudos e Princesa Isabel. Em 2024, um ataque violento foi realizado a um acampamento de Canudos, com disparos de arma de fogo e incêndio de barracos, ocorrendo logo após a visita do Incra para avaliação da área. O outro caso ocorreu em Princesa Isabel, em 2023, onde duas lideranças de um acampamento foram assassinadas, em meio a um processo de regularização da área. A investigação, que incluiu o pedido de rastreamento de celulares, foi negada pelo Ministério Público e pelo Judiciário.

> **A gente vê que acaba sendo muito morosa a atuação do sistema de Justiça diante desses casos de violação**
>
> Fernanda Peres

"A gente vê que acaba sendo muito morosa a atuação do sistema de Justiça diante desses casos de violação, em questões possessórias, fundiárias. É como se o tratamento dado para o proprietário acabasse sendo diferente em relação aos que estão lutando pela terra, pelo trabalho. É essa possibilidade de ver realizada a reforma agrária, o que a gente tem observado na nossa experiência, que não é vista com bons olhos", destaca a defensora pública.

O Governo da Paraíba sancionou, em 2019, a Lei nº 11.614, que cria a Comissão Estadual de Prevenção à Violência no Campo e na Cidade (COECV). A comissão, vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), tem como objetivo mediar conflitos fundiários, tanto no campo quanto na cidade, seguindo as diretrizes da Convenção 169 da OIT e de leis federais.

CARNAVAL COM RESPONSABILIDADE E ALEGRIA PELA CIDADE.
SE BEBER, NÃO DIRIJA
MARKETING EPC
EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Ortilo Antônio

Encontro inesperado em loja de fotografia marcou indicação para a Redação

No início, um período de testes com trabalho em todas as editorias por 90 dias, até a prova final, que era trabalhar na cobertura de um jogo de futebol, e garantir a contratação para um trabalho que durou mais de 40 anos

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Ortilo Antônio é quase um sinônimo de fotografias. Era um profissional de estúdio e, em **A União**, fez imagens de todas as cenas imagináveis: fotografou cenários, paisagens, barragens, agricultura, enfim, o que a pauta pedisse. Chegou a ser detido durante horas, por causa de cliques que flagravam cenas cujos personagens não queriam ser alvos. Mas, como sempre estava a serviço do jornal, conseguiu sair-se bem. Ao Memórias A União, Ortilo conta como iniciou a carreira, os percalços que teve que enfrentar e as vitórias que alcançou, como o flagrante que fez de um delegado sacando uma arma para ameaçar um motorista de ônibus durante uma greve nos transportes coletivos em João Pessoa. Ortilo, que chegou a fotografar vários presidentes da República, conta como é difícil desempenhar essa tarefa, apesar de estar credenciado, mas sem poder chegar perto. Começou nos tempos da máquina analógica e chegou ao equipamento digital sem traumas, sempre fazendo cliques maravilhosos.

A entrevista

■ *O que foi que trouxe você para **A União**?*

Eu entrei n'**A União** por acaso, em 1977. O ex-companheiro Antônio David Diniz, que também é um grande fotógrafo, um grande profissional, estava em **A União**. Surgiu uma vaga de fotógrafo e ele me chamou.

■ *Quem era o editor?*

O editor na época era Agnaldo Almeida, e o chefe de Reportagem, Frutuoso Chaves. O secretário de Redação era Arlindo Almeida. O presidente era José de Moraes Souto; foi quem assinou minha Carteira de Trabalho. Passei por uma fase de experiência por 90 dias.

■ *Não foi contratado imediatamente?*

Não. Tinha o teste. **A União** era empresa, era celetista. Era A União Companhia Editora. Todo mundo que entrasse aqui na época era regime CLT, carteira assinada, até o governo de Wilson Braga.

■ *Quando foi transformada em autarquia?*

Foi. Passou de A União Companhia Editora para A União Superintendência de Imprensa e Editora. Agora integra a Empresa Paraibana de Comunicação [EPC].

■ *Mas você entrou como fotógrafo mesmo? Você já veio como profissional de fotografia?*

Eu já trabalhava com fotografia desde os 12 anos de idade. E entrei n'**A União** com 17 anos, ainda com cara de menino, essa é a verdade. E, como na época foto era no sistema analógico, a gente fotografava e tinha que fazer laboratório, revelar os filmes e imprimir no papel fotográfico. Esse trabalho, realmente, eu fazia muito bem porque eu, quando comecei com a fotografia, trabalhei com vários fotógrafos, como Nuca, por exemplo. Então, laboratório eu já fazia muito bem. E vim para **A União** na época a convite de David, que estava encarregado de procurar um fotógrafo.

■ *Você conhecia David de onde?*

Não conhecia David. Por acaso, encontrei-me com ele na antiga Casa dos Fotógrafos, na Galeria Augusto dos Anjos. A Casa dos Fotógrafos de João Salvino.

■ *Conheceu David assim?*

Porque ele foi falar com Salvino à procura de um fotógrafo. Salvino disse: "Pronto". Eu ia saindo quando Salvino me chamou: "Ortilo, vem aqui. Pronto, está aqui um fotógrafo bom. Um menino novinho, mas é um bom profissional. Pode levar ele para lá, que você não vai se decepcionar".

■ *Na hora, sem muita conversa?*

Desse jeito. E assim David me trouxe, me apresentou a Frutuoso Chaves, que era o chefe de Reportagem.

■ *Já aqui no Distrito?*

Não. No Centro, em cima do cartório Garibaldi, na época, na Avenida 1817. Lembro ainda do quadro de alguns jornalistas, de alguns companheiros que trabalhavam com a gente lá, na época: Frutuoso, Wellington Farias, como repórter, Chico Pinto, Tião Lucena, Edmilson Lucena, Paulo Santos. A primeira foto que tirei foi em uma matéria de Paulo Santos.

■ *O que foi?*

No antigo prédio do Ipase [Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado], uma entrevista. Até hoje, quando eu me encontro com Frutuoso, a gente fica rindo, porque eu queria que o cara posasse para mim, e tentando fazer a foto dele posando de todo jeito, e era justamente o contrário: era o inverso, não podia posar.

■ *O importante era o flagrante?*

É, mas ninguém me deu essa experiência, e eu era fotógrafo de estúdio antes. Era pose então. Quando foi no outro dia, que eu cheguei, vi a coleção dos jornais e vi a foto. Frutuoso chegou e falou: "Ortilo, sua foto saiu, você viu?". Eu disse: "Vi". E ele continuou: "Ficou boa?". Eu: "É. Para mim, ficou". Ele: "Ficou uma boa porcaria". Eu fiquei assim, sem entender: "Como assim? Não estou entendendo". Ele disse: "Pega aquela coleção de jornal ali. Lá tem Folha de São Paulo, Jornal do Commercio, Jornal do Brasil, Norte, **A União**, tem tudo. Pegue e vá dar uma olhada, que você vai ver o que é fotojornalismo, tá certo?". E foi isso que fiz. Fui olhando, fui olhando direitinho. "Você vai ver que isso aí não vai ter foto posada. E isso é o fotojornalismo". Frutuoso tinha um lado… ele dava um carão em você, mas ensinava.

■ *Todos têm essa referência dele.*

É. Eu vi muitas vezes os colegas de Redação redigir o texto, na antiga máquina de datilografia, e, quando o cara entregava, que ele olhava assim, ele dizia…

■ *"Está infame"?*

Amassava e jogava uma bola na cesta do lixo. Só que ele dava dica para o repórter, como era que era para fazer a matéria. Então, com o fotógrafo, ele fazia isso também. Ele dava um "para trás" e ajudava. E assim, ao longo do tempo, fui trabalhando. A Redação mudou-se para vários lugares: no Centro da cidade, para Jaguaribe, para a João Amorim, atrás do Bompreço.

■ *Além de David, quem mais compunha o time de fotógrafos naquela época?*

Naquela época, logo depois, chegou Arnaldo de Souza Costa. Ele tinha trabalhado na televisão, era câmera, tinha trabalhado na antiga Rede Tupi. Foi da assessoria de imprensa do ex-ministro Mario Andreaza e chegou aqui em João Pessoa. Entrou como operador de radiofoto. E como fotógrafo também. Na realidade, Arnóbio não entendia de fotografia. Eu e David ajudamos ele.

■ *Depois que você entrou n'**A União**, o jornalismo passou a ser o mais importante? Porque você também tinha uma carreira de fotógrafo profissional, de eventos, casamento, formatura, aniversário.*

O jornalismo passou a ser determinante. E essa parte ficou para trás.



"Eu gostava muito de viajar, e a gente viajava muito, fazia muitas fotografias para matéria especial"

Fotos: Carlos Rodrigo



Ortilo não pensou duas vezes ao ser convidado para trabalhar em A União; foi um sonho que durou 40 anos na fotografia

Eu me dediquei, até porque eu queria trabalhar n'**A União** mesmo. Foi meu primeiro emprego com carteira assinada, e eu tinha que me esforçar para me adequar ao fotojornalismo para continuar.

■ *Teve alguma dificuldade depois da bronca de Frutuoso?*

Não. Depois do "para trás" de Frutuoso, não teve, não, porque, quando você nasce com o dom, pega rápido. Alguns colegas davam alguma dica e foi indo. David foi um grande professor. E a gente foi tocando. O teste ia completar os 90 dias. José Soto chamou eu e David e perguntou: "David, o rapaz, eu já posso contratar ele?". David disse: "Senhor José Souto, só falta ele fazer esporte, que até agora ele não foi para o campo". Isso era na sexta-feira. "Esse jogo do final de semana, ele vai para o campo para fazer a cobertura. E segunda-feira você me diz para contratar ele", disse José Souto. David disse: "Vamos para o campo comigo no domingo". Fui com ele. David, naquela época, tinha uma máquina 35 mm e uma máquina 6 x 6.

■ *A Rolleiflex?*

Era uma Yashica, máquina da época. Mas era o mesmo modelo da Rolleiflex. Então um David "mala" me entregou aquela maquinazinha e ficou com a melhor, a 35 mm, com uma teleobjetiva 300 mm.

■ *Ia buscar o jogador onde ele estivesse.*

Ela pegava em cima e eu com a maquinazinha simples sem poder me aproximar. Como é que eu vou levar fotos boas para aprovar? Mas fiz. Quando chegamos do campo, David foi lá, deixei ele revelar logo as dele. E eu só olhando ele fazendo as fotos, copiando as fotos dele. Quando terminou tudo, ele entregou a Agnaldo e foi embora. E Agnaldo doido para fechar a Redação para ir embora. Eu fui lá, olhei assim, as fotos cima do birô. Eu estava vendo as fotos que ele estava copiando. Só que David deixou o filme dele lá no ampliador pendurado. Fui olhando e pensei: "Espera aí. Eu não vou nem revelar meus filmes, não, porque as fotos do rapaz estão muito boas. Vou é dar umas copiadas aqui, de umas fotos que ele não fez, que passou por cima, e vou entregar para ir embora". E assim eu fiz. Copiei algumas fotos e entreguei para Agnaldo, que olhou e disse: "É, a foto tá boa. Mas eu já usei a de David".

■ *E, na segunda-feira, como foi a conversa para a contratação?*

Quando foi na segunda-feira, José Souto perguntou: "E aí, David?", que respondeu: "Seu Zé Souto, o menino é bonzinho, realmente é um bom profissional, ele fez as fotos, ficaram muito boas". José Souto acrescentou: "Tudo bem, traga sua carteira para assinar". Pronto. E aí começou minha história oficial com **A União**.

■ *Mas você contou que já tinha sido testado nas editorias e depois foi para o esporte. Depois você gostou de alguma editoria específica?*

Eu gostava muito de viajar, e a gente viajava muito, fazia muita matéria especial, acompanhando o companheiro Carlão. Com o nosso companheiro saudoso Cardoso Filho também. E Carlos Vieira, com os outros companheiros lá atrás, como Wellington Farias, a gente viajou muito. Sebastião Lucena, Francisco Pinto, a gente viajou muito. E assim foi o dia a dia da gente. Trabalhei com muita gente boa.

■ *Pelos nomes que você citou, gente que sabia fazer jornalismo.*

Sabia fazer jornalismo, sabia respeitar o colega, sabia dar uma dica ao colega, porque muitas vezes você está fotografando, você não vê, não está vendo um lance importante e, às vezes, o repórter está vendo e dá um toque para você. E isso é bom porque o companheiro que está escrevendo a matéria… muitas vezes, você está naquela tensão, fazendo as fotos, e passa desapercebido, não vê uma foto tão legal que está acontecendo. Um detalhe, por exemplo, que você não vê e, às vezes, é uma foto muito boa, o companheiro dá a dica, e você faz uma foto legal.

■ *Realmente, há situações que nem todo mundo percebe. Se houver o entendimento, ganha todo mundo, inclusive o leitor.*

Com certeza. É muito importante você ter um bom relacionamento com os seus companheiros de trabalho.

■ *E você sempre teve?*

Eu sempre tive. Até hoje, desconheço qualquer companheiro que passou aqui pel'**A União** para falar mal de minha pessoa. Eu conheço pessoas que, ao contrário, reconheceram o trabalho que eu fiz. Por exemplo, quando houve a greve de ônibus em João Pessoa, em 1981, quando foi criada a Setusa [Serviço Estadual de Transporte Urbano].

■ *O que aconteceu?*

Quando houve essa greve de ônibus, quem estava fazendo a matéria comigo era Francisco Pinto — lembro como se fosse hoje. Quando foi determinado o percentual X para os motoristas, que eles não aceitaram, a cidade já estava parada, porque já não tinha mais ônibus. E fizeram piquete no Mercado Central. O que aconteceu? Chico Pinto estava me acompanhando e foi quando o ex-policial Moacir e o delegado algemaram um motorista da empresa Etur [Empresa de Transportes Urbanos], e iam levá-lo preso. Foi quando os colegas disseram: "Rapaz, como é que uma ruma de homens dessa vai deixar a polícia levar dois colegas nossos? Não vai, não". Eles partiram para cima para não deixar os dois motoristas, que estavam algemados, serem presos. E partiram para cima dos policiais, e um acerta um murro no motorista Hulk, que era da empresa Etur. Moacir sacou a arma e atirou, à queima-roupa. Eu estava com uma lente muito pequena, olho de peixe, só fotografava bem de cima. Eu tive que ficar em cima, fotografando aquilo ali, e o policial disparou os tiros. Foram três ou quatro tiros. Chico Pinto correu, ficou do outro lado. "Sai daí, olha o tiro, sai daí, olha o tiro, sai daí", gritava Chico. Mas na época, sei lá, eu não saí, fiquei em cima, fotografando. Resultado, quando chegamos na Redação, Lena Guimarães, que era chefe de Reportagem, ligou para o governador e disse para ele que tinha o registro, feito pelo fotógrafo d'**A União**, do policial atirando à queima-roupa no motorista.

■ *Confusão das grandes.*

O Burity falou assim: "Mas não vamos botar essa matéria". Mas a imprensa nacional estava acompanhando — o antigo NTV, da Globo Recife, que estava aqui, para fazer essa matéria. O governador, então, disse: "Então, bote que o governador está exonerando o policial por isso. Coloque a matéria e bote logo que o governador exonerou o policial que atirou no motorista, que estava algemado. E já estavam levando-o para o carro do policial, um Fiat 147. Os colegas pegaram os motoristas, botaram num carro e levaram para o Grupamento de Engenharia. Certo?". "Certo". O general mandou os policiais tirarem as algemas, porque eram pais de família, não eram bandidos.

■ *E você lá no meio de um tiroteio?*

Foi, foi, sim. O diretor técnico d'**A União**, nosso amigo Gonzaga Rodrigues, escreveu uma matéria um dia desses falando sobre minha pessoa, de uma foto que eu tenho de Ricardo Coutinho com João Azevêdo. Quando cheguei, no outro dia, aqui n'**A União**, bem tranquilo, Gonzaga: "Ortilo, vem aqui no meu gabinete". Fui. Cheguei lá, e ele disse isso, voltando à história da greve dos motoristas: "Ortilo, vou lhe dar uma recompensa porque você foi um grande profissional. Você se arriscou, e **A União** hoje é destaque nacional, até porque a Globo deu em edição nacional a página de **A União**, mostrando a foto do delegado atirando no motorista à queima-roupa. Você vai no departamento pessoal, que lá tem um negócio para você. É em agradecimento ao seu profissionalismo". Eu disse: "Está bom, Gonzaga. Eu lhe agradeço". Ele reconheceu e, para minha surpresa, quando eu cheguei no Departamento Pessoal, tinha um cheque no valor do meu salário. Extra. Então, olha só. Tenho um cheque no valor do meu salário. Sem esperar, recebi dois salários no mês. Não eram férias, não era licença. Nada. Bom demais. Agradeci. E, graças a Deus, cheguei aos 47 anos de trabalho em **A União**.



"Eu me dediquei, até porque eu queria trabalhar n'A União mesmo. Foi meu primeiro emprego"

■ *Que outro trabalho você destacaria?*

Eu também tive a oportunidade de fotografar, de 1977 para cá, quase todos os presidentes da República. Fotografei João Figueiredo quando veio inaugurar o Valentina Figueiredo. E teve um lance interessante: o cordão de isolamento, com o batedor da Polícia Rodoviária Federal… quando chegou perto do palanque, o cara se enrolou na corda de isolamento e caiu. Eu cheguei a fazer essa foto. Só que **A União** não publicou.

■ *Conte como foi com os outros presidentes.*

Fiz Ernesto Geisel quando veio inaugurar a Avenida José Américo de Almeida, a Beira-Rio. Fotografei Fernando Collor de Melo também, Fernando Henrique Cardoso, na inauguração do Canal da Redenção. Fotografei Lula, né, que veio inaugurar um trecho da BR-230 aqui entre João Pessoa e Campina Grande. E fotografei agora Dilma Rousseff, só que fiz depois que ela já estava fora do governo. José Sarney, fotografei também ele em Guarabira. E fotografei Tancredo Neves na Sudene [Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste], no Recife. Ele era pré-candidato a presidente da República.

■ *Essas histórias com o presidente da República, você gostou mais de fotografar quem? Todos eles eram a mesma dificuldade, porque exigiam credenciamento e o repórter ficava a certa distância?*

Todos eles tinham essa burocracia, como tem até hoje. Se vinha um presidente, questão de segurança. Se você… qualquer fotógrafo, se ele não tiver com credenciamento, não chega perto, não.

■ *Com o credenciamento, já é uma dificuldade.*

Já não chega muito perto. A barreira é muito grande. É difícil para o fotógrafo chegar e trazer uma boa imagem. Até porque os companheiros da televisão, os câmeras, com equipamento muito grande, tiram a visão da gente. E eu, que não sou muito alto... E, naquela época, os equipamentos não ajudavam como hoje, que as máquinas têm um visor. Naquela época, era no olho direto.

■ *Era no olho?*

Era. E outra coisa: naquela época, os fotógrafos trabalhavam tudo que essa máquina hoje faz automaticamente. Você tinha que fazer manual e não podia errar. Era foco, abertura, velocidade, ISO, não sei quê. É aquela coisa: era o filme que a gente usava. Aqui era asa 400, que o comprador d'**A União** só faltava chorar, porque era mais caro, mas, se a gente usasse um filme de asa 100, não tinha como fazer, por causa da iluminação, não adiantava você fotografar. No futebol, a gente chegava a alterar até asa 3200. Na revelação, a gente chegava até asa 3200 para ver se chegava uma imagem do jogador correndo.

■ *Truques da fotografia a serviço do jornalismo?*

Isso. A gente tinha que fazer isso e, se você revelasse o filme normal, não saía nada.

■ *Você chegou a perder alguma foto?*

Eu só fiquei nervoso uma vez, com um trabalho que eu fiz com o outro governo, na gestão de Nelson Coelho, que ele enviou a gente para fazer um documentário de todas as barragens da Paraíba. São 126 barragens. A gente chegou, e eu fui salvar essas fotos em casa e eu pensei que tinha deletado e que ia fazer tudo de novo, uma viagem de 15 dias, mas não tinha deletado. Mas aí foi pesado. E estou falando na época que revelava foto no laboratório na hora para sair no mesmo dia. Era um trabalho que a gente fazia e, se vacilasse, perdia muito fácil. O filme não podia ver luz de qualidade nenhuma. E o papel também, só que o papel se tinha reserva, mas para o filme não tinha. Perdeu? Perdeu.

■ *Abrir a máquina antes de rebobinar completamente nem pensar.*

Algumas delas rebobinavam automaticamente, mas, às vezes, travava a bobina também, e quando abria era um risco. Tinha que abrir no laboratório. Se você estava na rua, não tinha como, era complicado o negócio.

■ *Você chegou a enfrentar algum problema sério por causa de fotos?*

Eu já fiquei detido na Polícia Federal, na Central de Polícia. Na Central, foi nos anos 70, o crime do canavial, lembra? Muito badalado na época. A menina que estava com o acusado chegou a ser ouvida no leito de um hospital. A menina foi encontrada dentro do canavial, amarrada. Fui lá e fotografei. E a parceira dela escapou. Um dia chego na Central de Polícia e o delegado na época, Marcos Holmes, viu que ela caiu em contradição, e a prendeu na hora. Nisso, eu vou chegando, a gente, e fiz as fotos dela. Quando eu a vejo descendo na escada, a tia que estava com ela grávida, chorando. Quando eu fotografei a menina, a mulher partiu para cima de mim, quebrando o *flash*, e eu só me livrando, me livrando do cacete. Eu não podia focar na mulher

■ *Ela quebrou a máquina d'**A União**?*

Só não quebrou porque eu saí. Quando a gente volta, o delegado disse: "Você enfrentou a mulher grávida e o senhor vai ficar detido por um bom tempo aqui, para a esclarecer esse negócio direitinho". Eu disse: "Agora eu me lasquei". E, nessa brincadeirinha, passei cerca de duas horas lá, provando que não bati nela, estava só me defendendo. E depois, quando estou no jornal para revelar a foto, chega o marido dela.

■ *Querendo tomar satisfação?*

Não. Para pedir desculpa e implorar para a foto não sair. Agnaldo era o editor, e Lena Guimarães, a chefe de Reportagem. E, em resumo, foi acordado que ele pagaria a máquina do jornal. Agnaldo chegou e disse: "Não, pode falar com o fotógrafo para ele não revelar as fotos".

■ *Essa foi uma. E a da Polícia Federal, qual foi?*

Na Polícia Federal, eu cheguei lá e, quando eu olhei, tinha dois caminhões carregados de lenha apreendidos. Olhei e fotografei. Só que o assessor de imprensa viu. Quando a gente pensa que vai sair, ele disse: "Olha, você não pode sair aqui agora, não". "Por quê?". "Porque você gravou o caminhão. E você vai ter que se esclarecer com o delegado lá dentro. O delegado disse que não é possível sair, não. Só que ele está ouvindo um pessoal aí. Quando terminar, vai conversar com você". Fiquei lá, isso era umas 16h; quando a gente veio sair de lá, era bem 18h30. "Por que você fotografou o caminhão?", perguntou. "Porque a gente é repórter fotográfico e, quando vê algum lance, a gente tem que fotografar, e eu ia procurar saber por que esses caminhões estavam aqui". Ele retrucou: "Não podia fotografar sem eu autorizar". E eu disse: "Não, doutor, mas isso não quer dizer que a foto vai sair. Eu fiz como um registro, mas não quer dizer que a foto vai sair. E é claro que a gente ia conversar com o senhor e saber se podia sair a foto. Fiz a foto porque era dia e ia anoitecer. Só aproveitei para fazer a foto durante o dia, mas a gente ia falar com o senhor". Mentira, a gente já ia era embora.



Acesse o *QR Code* para assistir à entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

BLOCO DA APOSTILA

São Luís e UFRN abrem 241 vagas

Concursos oferecem oportunidades para profissionais de níveis médio, técnico e superior, com salários até R$ 8.692,32

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Carnaval é tempo de folia, mas quem busca estabilidade e bons salários sabe que a verdadeira festa acontece depois da aprovação no concurso público. Enquanto a Paraíba aguarda novos editais, os concurseiros daqui podem focar seus esforços nas oportunidades abertas nos estados vizinhos. A Prefeitura de São Luís, no Maranhão, e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) lançaram seleções que, juntas, somam 241 vagas, contemplando diversos cargos, desde agentes comunitários de saúde até assistentes administrativos. Quem quiser garantir essa oportunidade precisa cair no ritmo dos estudos e organizar a preparação desde já.

Na capital maranhense, a Prefeitura de São Luís abriu 190 vagas para os cargos de agente comunitário de saúde e agente de combate às endemias. Ambas as funções exigem nível médio completo e terão jornada de 40 horas semanais. Os profissionais contratados atuarão diretamente com a população, realizando visitas domiciliares, prevenindo doenças e promovendo ações de saúde pública. As inscrições podem ser feitas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto Consulpam, até o dia 23 de março, mediante pagamento de taxa no valor de R$ 80. De acordo com o edital, a remuneração inicial é de R$ 2.824, com adicional de insalubridade e gratificações.

Quanto à avaliação, o processo seletivo contará com provas objetiva e de títulos, além de curso de formação — etapa obrigatória para a contratação. Durante essa fase, os candidatos aprenderão sobre as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), vigilância epidemiológica e estratégias de prevenção de doenças. Já a prova objetiva será aplicada no dia 13 de abril, abordando temas como língua portuguesa, informática, matemática/raciocínio lógico e conhecimentos específicos. O desempenho nessa etapa será decisivo para a classificação final.



Pelo *QR Code* acima, acesse o edital da Prefeitura de São Luís

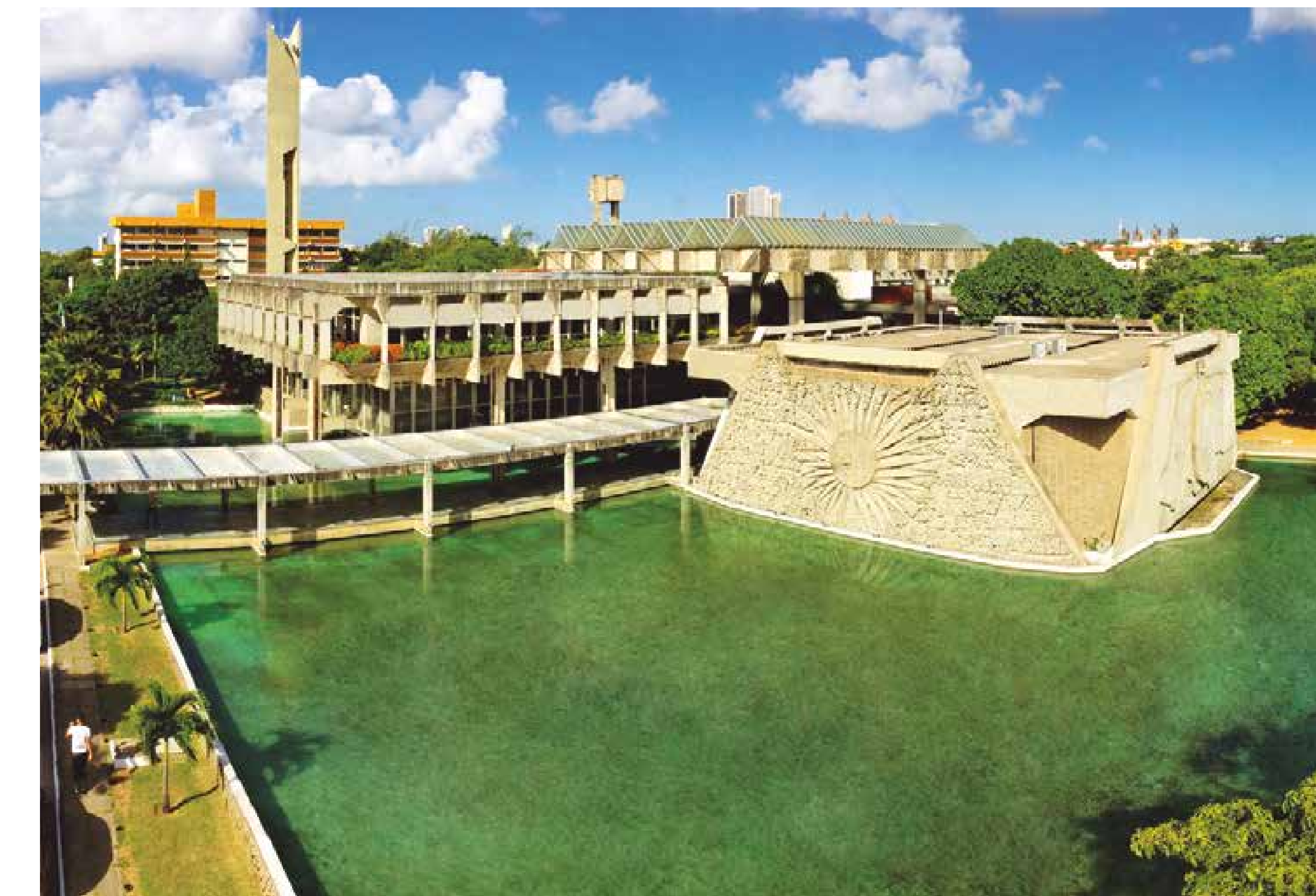


Foto: Cícero Oliveira/Divulgação

UFRN lançou dois editais, totalizando 51 vagas; inscrições começam no dia 10 de março e provas estão marcadas para 8 e 15 de junho

Médio, técnico e superior

No Rio Grande do Norte, por sua vez, a UFRN lançou dois concursos públicos, somando 51 vagas para profissionais de níveis médio, técnico e superior, com atuação nos *campi* de Natal, Macaíba, Santa Cruz, Currais Novos e Caicó. O primeiro contempla cargos como assistente em administração, técnicos de laboratório (anatomia, química, agropecuária, têxtil e eletroeletrônica), bibliotecários, arquivistas, administradores, estatísticos, pedagogos e analistas de TI. Já o segundo edital oferece vagas para médicos em diferentes especialidades, incluindo medicina de família e comunidade, psiquiatria, cirurgia geral, infectologia, endocrinologia, oftalmologia, pneumologia e dermatologia. Os salários variam de R$ 3.787,37 a R$ 8.692,32, com possibilidade de acréscimo salarial por incentivo à qualificação acadêmica.

Se você ficou interessado, atente-se ao prazo de inscrição: o período começa em 10 de março e vai até 6 de abril. Para garantir sua participação, inscreva-se diretamente pelo *site* da UFRN — acesse comperve.ufrn.br. A taxa de inscrição varia de R$ 120 a R$ 180, conforme o cargo escolhido. Quanto ao cronograma, as provas objetivas estão programadas para os dias 8 e 15 de junho. Já a seleção para o cargo de técnico de laboratório — anatomia e necropsia contará também com prova prática de habilidades, cuja data e horário serão divulgados em um edital complementar no dia 18 de julho. Os aprovados atuarão em atividades administrativas, acadêmicas e técnicas, essenciais para o funcionamento da universidade.



Pelo *QR Code* acima, acesse o edital da UFRN

Estatísticos traduzem dados para orientar tomadas de decisões

Do resultado das eleições à previsão do tempo, passando pelo controle de qualidade na indústria e as estratégias dos bancos, por trás de tudo isso há sempre um estatístico. Em um mundo onde dados são cada vez mais valiosos, esse profissional se tornou peça-chave na sociedade ao transformar números em informação útil, capaz de orientar empresas e governos. Embora o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) seja um dos órgãos mais conhecidos da área, a estatística está em toda a parte — ainda mais com a explosão da inteligência artificial. Bancos, hospitais, empresas e até clubes de futebol utilizam estatística para tomar decisões. "Ele pode atuar literalmente onde quiser, onde tiver um 'pingo' de dados", reforça o estatístico Manuel Ferreira Júnior.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo Manuel Júnior, setores de inovação e ciência de dados estão entre os que mais contratam

Mas não basta apenas gostar de números ou gráficos para ser bem-sucedido na área. A carreira exige domínio de matemática, programação, pensamento analítico e habilidades de comunicação. Segundo Manuel, o diferencial do estatístico não está apenas na interpretação dos dados, mas na capacidade de traduzi-los de maneira que sejam aplicáveis no dia a dia. É essa habilidade de transformar números em conhecimento estratégico que torna a profissão tão essencial atualmente, já que os dados só têm valor quando fazem sentido para quem os utiliza. "Nosso papel é pegar um grande conjunto de dados e resumi-lo de forma que não seja apenas um monte de números, mas uma informação útil para quem precisa decidir", explica.

Atuação ampla

Se, hoje, praticamente todos os segmentos da sociedade são orientados por dados, fica fácil de entender o quão versátil é essa profissão. Além de órgãos como o IBGE, estatísticos são cada vez mais requisitados nos setores financeiro e de saúde, em empresas de tecnologia e consultorias de mercado. Entretanto, com o avanço da inteligência artificial, a tecnologia tornou-se, hoje, um dos campos onde o estatístico mais pode contribuir. "Os setores que mais contratam, hoje, são os de inovação, ciência de dados, inteligência artificial e aprendizado de máquina", aponta Manuel.

Com a expansão do *big data* — o imenso volume de dados gerados continuamente —, a demanda por profissionais capazes de organizar e interpretar essas informações só tem crescido. Como consequência, a concorrência com cientistas de dados e profissionais de TI também tem aumentado na mesma proporção. No entanto, para Manuel Ferreira Júnior, o estatístico tem um diferencial importante: o aprofundamento no conhecimento matemático. "O estatístico tem por obrigação entender o que acontece por trás dos cálculos, e não apenas aplicar fórmulas. Esse entendimento teórico é o que nos permite propor soluções melhores", explica.

Analítico e versátil, o estatístico também pode contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas ao interpretar dados ligados às questões sociais. É muito o que o IBGE faz ao trazer uma série de informações sobre a sociedade em diferentes aspectos. Para o estudante de estatística Uriel Holanda Brasileiro, de 24 anos, essa é uma das aplicações mais fascinantes. "A estatística pode ser usada para melhorar a fiscalização e aplicação de recursos públicos. Um exemplo simples é o combate à dengue: por meio da análise dos dados, conseguimos reforçar o uso do fumacê nos bairros com maior incidência, tornando a ação mais eficiente", explica. Mesmo estando no início dessa jornada como estatístico, ele acredita que a estatística é uma "ciência do futuro", com aplicação em todo e qualquer segmento.

Não à toa, o caminho até se tornar estatístico exige muita dedicação. Como o curso tem a matemática como base, o estudante precisa se aprofundar em disciplinas como cálculo e probabilidade, além de mergulhar no universo da programação, o que pode ser um desafio. Uriel, estudante da área, confirma: "o curso é muito difícil, tanto que tem uma das maiores taxas de abandono na UFPB". No entanto, a dificuldade vem acompanhada de um mercado de trabalho promissor — e quem persiste pode colher bons frutos. "As oportunidades são muitas e o mercado está aquecido, especialmente para aqueles que dominam ciência de dados e inteligência artificial", afirma o estatístico Manuel.

Se você já atua na área e está em busca de uma oportunidade no serviço público, o concurso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) pode ser a porta de entrada. A instituição oferece uma vaga para estatístico no *campus* de Natal, com jornada de 40 horas semanais. Para concorrer, é necessário ter Ensino Superior completo em Ciências Estatísticas ou Atuariais e registro profissional no conselho de classe. O profissional atuará com análise e processamento de dados, construção de instrumentos de coleta, planejamento de pesquisas e consultoria na área.



Foto: Arquivo pessoal



A estatística pode ser usada para melhorar a fiscalização e aplicação de recursos públicos

Uriel Holanda Brasileiro

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 29 de janeiro de 2025		+1,50%	+1,13%	+0,72%
13,25%	R$ 1.518	R$ 5,916	R$ 6,133	R$ 7,413

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Mês	%
Janeiro/2025	0,16
Dezembro/2024	0,52
Novembro/2024	0,39
Outubro/2024	0,56
Setembro/2024	0,44

Ibovespa
-1,40%
123.051 pts

CARESTIA

Preço de alimentos em alta muda padrão de consumo

Questões climáticas, exportações e proximidade da Quaresma estão entre razões

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O preço dos alimentos foi um dos grandes vilões da inflação em 2024, de acordo com o economista Cássio Besarria, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2025, o problema vem se repetindo, mudando apenas o alimento da vez. Enquanto no ano passado todos comentavam o preço do azeite, os vilões da carestia agora são os ovos e o café.

De acordo com o professor, os preços mais altos podem ser explicados por diversos fatores. "Especificamente para os produtos agrícolas, temos fatores sazonais, questões climáticas [ausência de chuva ou excesso de chuva], câmbio depreciado [real desvalorizado acaba favorecendo as exportações], quebra de safras em mercados internacionais [Vietnã e Indonésia tiveram quebra de safra de café em 2024; nos EUA a gripe aviária afetou a oferta de ovos]", explicou.

O presidente da Associação de Supermercados da Paraíba (ASPB), Cícero Bernardo, contou que o preço do café aumentou muito devido a problemas com a safra. "Quando precisava de chuva, fez sol; quando precisava de sol, choveu", comentou. Segundo ele, a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic) informou que houve um aumento de 220% no custo de produção, mas apenas 110% foram repassados ao consumidor, ou o preço poderia estar ainda mais alto.



Fotos: Roberto Guedes

O aumento dos preços implica na redução do poder de compra das famílias e altera os padrões de consumo

Em visita da reportagem do Jornal **A União** a alguns supermercados de João Pessoa, na última semana, notou-se que a média de preço para as marcas mais populares de café oscilava de R$ 13,99 para o pacote de 250 g a R$ 33,90 para o pacote de 500 g.

Já o preço dos ovos sempre costuma aumentar durante a Quaresma, conforme explicou o presidente da ASPB, mas neste ano aumentou muito mais do que o normal devido às altas demandas interna e externa, já que, com a escassez de ovos causada pela gripe aviária nos Estados Unidos, muitos produtores brasileiros estão preferindo exportar o produto. A bandeja com 30 ovos brancos foi encontrada pela reportagem variando de R$ 19,49 a R$ 23,98.

Cícero Bernardo destacou que os produtos de hortifrúti que dependem da safra — como coentro, alface e tomate — também costumam ter grandes variações de preço, mas nada tão chamativo quanto tem sido o caso do café e dos ovos.

Cássio Besarria destacou que a inflação é um dos principais canais de desigualdade social. "Geralmente, a inflação dos mais pobres é maior que a inflação dos mais ricos. Além disso, indivíduos de baixa renda destinam quase integralmente sua renda para o consumo, não restando alternativas de investimentos ou proteção de renda. Nesse caso, o aumento da inflação afeta o orçamento domiciliar e a capacidade de compra das famílias", afirmou.

Para ele, o aumento dos preços implica na redução do poder de compra das famílias, e isso acaba alterando seus padrões de consumo. "Isso acaba forçando-as a reduzir o consumo de itens essenciais e não essenciais, fazer uso de cartões de crédito, buscar alternativas de renda extra, entre outros", disse.

Consumidores dão dicas para economizar

A sugestão do economista Cássio Besarria para não se endividar é que as famílias reavaliem o planejamento orçamentário, identificando eventuais gastos supérfluos, realizando compras coletivas ou no atacado, substituindo marcas ou produtos que possuem as mesmas propriedades e com preços diferenciados, reduzindo desperdícios e buscando estabelecimentos que oferecem bonificações, como *cashback* e cartão fidelidade.

Já a nutricionista Maria Agnes destacou a possibilidade de, em alguns casos, trocar o supermercado pela feira livre, que costuma vender alimentos mais baratos na área de hortifrúti, principalmente no fim do dia, na chamada "hora da xepa". Além disso, é importante dar prioridade às frutas e verduras da estação. "Por conta da disponibilidade, eles tendem a ter um valor menor", disse.



Adaucélia tentar driblar os preços altos fazendo pesquisa

A profissional também ressaltou a importância da pesquisa de preços. "Os supermercados têm dias pontuais que têm promoções, então outra dica seria ficar atento em relação a isso", completou.

A pesquisa é o método mais usado pela jornalista Adaucélia Palitot para tentar driblar os preços altos, mas ela contou que também tem trocado algumas marcas por opções mais em conta. "Está tudo supercaro", comentou. Já o comerciante Gil Oliveira acredita que não há muito o que fazer para escapar da carestia. "Alguns preços estão exorbitantes, mas a gente não pode deixar de comprar", disse ele.

Sobre as substituições, Maria Agnes revelou que é possível ir além da troca de marca e trocar até mesmo o produto, procurando um que tenha valor nutricional semelhante. No caso do ovo, é mais complicado, pois a substituição teria que ser feita por outra proteína, como frango ou carne, que também não são baratos.

Já no caso do café, é possível fazer a troca por um chá, caso a pessoa também aprecie essa bebida. "Tem como substituir por alguns chás da família do café, como chá verde, chá preto, que também vai ter ali compostos que são estimulantes, porque tem muita gente que recorre ao café para dar aquela energia durante o dia. A gente também tem o chá de alecrim, que ajudaria nessa questão de dar energia e disposição durante o dia", explicou.

Estratégia

Consumidores têm trocado de marca ou mesmo substituído um produto por outro similar para garantir as compras

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

A importância da Lei da Liberdade Econômica

A Lei da Liberdade Econômica (Lei nº 13.874/2019) marcou uma nova era para o empreendedorismo no Brasil, cortando burocracias e tornando o ambiente de negócios mais dinâmico. O foco é claro: reduzir a interferência do Estado na economia e estimular empresas de todos os tamanhos. No desenvolvimento territorial, essa lei é um divisor de águas, facilitando a abertura de novos empreendimentos, impulsionando a inovação e tornando a gestão pública mais eficiente. Um ambiente favorável aos negócios torna qualquer região mais atrativa para investimentos.

Uma das grandes vantagens da lei é a simplificação para a abertura e funcionamento de empresas, especialmente para pequenos negócios de baixo risco, que agora podem operar sem precisar de alvarás e licenças. Esse avanço tem um impacto direto na economia local, dando mais dinamismo a cidades pequenas e regiões periféricas. Com menos burocracia, empreendedores conseguem levar seus negócios para áreas antes desassistidas, promovendo uma distribuição mais equilibrada do crescimento econômico e reduzindo a dependência de grandes centros urbanos.

Outro ponto forte da legislação é garantir previsibilidade regulatória, essencial para atrair investimentos. A presunção de boa-fé dos empreendedores e a criação de um ambiente regulatório mais estável dão segurança jurídica para quem quer investir. Isso coloca pequenos municípios no radar de grandes empresas, incentivando a instalação de indústrias, comércios e serviços em novas áreas e ampliando as oportunidades econômicas para a população local.

A digitalização da administração pública também ganha força com a lei, agilizando processos e tornando o atendimento ao empreendedor mais eficiente. Sistemas automatizados e documentos eletrônicos cortam custos operacionais dos governos locais e descomplicam a vida de quem quer empreender. Quanto mais acessível e menos burocrática a gestão municipal, maior é a capacidade de atrair empresas e fortalecer a economia local.

A lei também impulsiona a inovação, derrubando barreiras regulatórias para novos modelos de negócios. *Startups* e empresas de tecnologia encontram um ambiente mais flexível para testar e desenvolver soluções, o que é fundamental para diversificar a economia. Regiões antes fora do radar tecnológico agora podem criar ecossistemas de inovação, atraindo talentos e investimentos, gerando empregos qualificados e melhorando a qualidade de vida da população.

No fim das contas, a Lei da Liberdade Econômica é uma ferramenta poderosa para alavancar o desenvolvimento territorial. Ela facilita o empreendedorismo, descentraliza a economia, garante mais segurança jurídica, moderniza a gestão pública e estimula a inovação. Estados e municípios que adotam essa legislação de forma eficiente conseguem transformar sua realidade econômica, tornando-se mais atraentes para empresas e investidores.

Na Paraíba, com João Pessoa puxando o crescimento econômico, os resultados já aparecem. Segundo o *ranking* do Centro de Liderança Pública (CLP), em 2024, o estado lidera o Nordeste em competitividade, à frente de Ceará, Alagoas e Sergipe. Isso mostra como a desburocratização e um ambiente mais favorável aos negócios fazem diferença no desenvolvimento econômico regional.

PESQUISA FECOMÉRCIO

Turistas pretendem voltar à Paraíba

Levantamento aponta que 98,09% dos entrevistados desejam retornar à Região Metropolitana de João Pessoa

A grande maioria dos turistas que visitaram a Paraíba demonstra forte intenção de retornar ao estado, de acordo com dados coletados pelo Instituto de Planejamento, Estatística e Desenvolvimento da Paraíba (Indep) da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado (Fecomércio) da Paraíba.

As informações são resultados da Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo na Região Metropolitana de João Pessoa (RMJP), referente a 2025. Essa pesquisa, realizada anualmente desde 2006, visa analisar o fluxo turístico da região durante a alta estação, em janeiro, período que registra o maior número de visitantes.

Nela, 98,09% dos entrevistados manifestaram desejo de voltar à Região Metropolitana de João Pessoa, representando um aumento de 0,72 pontos percentuais (p.p.) em relação ao ano anterior. Entre os turistas que estavam visitando a Paraíba pela primeira vez, 96,46% indicaram a intenção de retornar, superando em 2,04 p.p. os resultados de 2024.

Além disso, a pesquisa revelou que 98,97% dos visitantes recomendariam a Paraíba como destino turístico, destacando a hospitalidade do povo paraibano, seus atrativos naturais e urbanos como fatores-chave para o alto índice de satisfação.

"O turismo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico da Paraíba, gerando emprego, renda e impulsionando o crescimento de diversos setores, como comércio, serviços e infraestrutura", destacou o presidente da Fecomércio Paraíba, José Marconi Medeiros.

Segundo ele, essa pesquisa é um instrumento estratégico que orienta não apenas as políticas públicas, mas também os investimentos do setor privado, permitindo que as ações do *trade* turístico sejam mais eficazes e sustentáveis. Com os dados obtidos, podemos planejar um futuro promissor para o turismo, alinhando suas potencialidades às necessidades e tendências emergentes, sempre com o compromisso de promover um desenvolvimento sustentável e de qualidade para o estado.

Em relação ao que os turistas esperavam da visita ao estado, 29,31% dos entrevistados disseram que suas expectativas foram superadas, enquanto 68,63% relataram que foram atendidas. Entre os turistas que estavam no estado pela primeira vez (37,41% da amostra), 38,58% afirmaram que suas expectativas foram superadas, e 58,66% disseram que foram correspondidas.

Quando questionados sobre os aspectos positivos de sua estadia, os turistas destacaram principalmente as praias da RMJP, com 46,39% mencionando-as como o maior atrativo. Outros pontos destacados foram a receptividade do paraibano (13,55%), a gastronomia local (11,05%), a tranquilidade de João Pessoa (6,33%), o prazer de rever familiares e amigos (6,04%) e o clima/temperatura (4,86%).

O tempo médio de permanência dos turistas na RMJP foi de aproximadamente nove dias, um valor estável quando comparado ao ano anterior. O gasto médio *per capita* diário foi estimado em R$ 275,36, o que representa uma alta de 108,14% em comparação com o gasto médio de 2024, que foi de R$ 167,22. A maior parte dos gastos foi destinada a alimentação (50,17%), seguida por hospedagem (24,91%) e diversão (15,33%).



Foto: Divulgação/Secom-JP



Foto: Divulgação/Secom-JP

De acordo com o presidente da Fecomércio, a pesquisa é um instrumento estratégico que orienta políticas públicas, mas também os investimentos do setor privado

Avaliação

A pesquisa também coletou dados sobre a avaliação dos serviços turísticos da região. O Aeroporto Internacional Castro Pinto obteve o maior índice de aprovação, com 97,63% dos turistas avaliando os serviços como "ótimo" ou "bom". Em seguida, as avaliações positivas envolveram a diversão noturna (96,91%), o comércio (96,27%), a qualidade do atendimento (93,93%), a qualidade das instalações de hospedagem (90,34%), o Centro de Informação Turística (89,06%) e a qualidade das informações turísticas na rede hoteleira de João Pessoa (87,97%).



Use o *QR Code* para acessar a pesquisa completa da Fecomércio

Perfil do turista define locais mais visitados

As praias da RMJP foram bastante visitadas. As preferidas foram as praias urbanas de Cabo Branco (72,50%) e Tambaú (67,34%), por serem de fácil acesso e localizadas em áreas com ampla oferta de hotéis, bares e restaurantes. Além disso, é nessas praias que geralmente acontecem shows e eventos gratuitos durante o verão. Outras praias visitadas incluem Bessa (59,22%), Manaíra (46,56%), Coqueirinho (38,79%), Cabedelo (30,63%) e Tambaba (27,66%).

A pesquisa apontou os outros locais turísticos mais visitados na Região Metropolitana de João Pessoa, destacando a Feirinha de Tambaú (54,73%) como o principal atrativo, seguida pelo Mercado de Artesanato Paraibano (44,89%), o Pôr do Sol do Jacaré (41,29%), o Farol do Cabo Branco (25,38%), o Centro Histórico de João Pessoa (24,24%) e o Parque Solon de Lucena (Lagoa) (17,99%).

Os dados revelaram o perfil do turista que visitou a Região Metropolitana de João Pessoa. A maior parte dos turistas era do sexo feminino (54,49%) e a faixa etária predominante foi entre 26 e 35 anos (31,22%). Em relação ao estado civil, 44,77% dos turistas eram solteiros. Quanto à escolaridade, 52,14% possuíam nível superior completo.

A maior parte dos turistas trabalha em empresas privadas (32,25%), seguida por funcionários do setor público (23,12%) e profissionais liberais/autônomos (15,02%). Em termos de origem, a maioria dos visitantes veio da Região Nordeste (41,38%), seguida pelas regiões Sudeste (34,17%), Centro-Oeste (12,67%) e Sul e Norte, com 5,60% e 4,86% respectivamente.

Infraestrutura

Em relação à hospedagem, a maioria dos turistas (42,56%) hospedou-se em meios convencionais, como hotéis. A segunda opção mais escolhida foi a casa de parentes e amigos (38,29%), e 16,20% hospedaram-se em casas ou apartamentos alugados, uma modalidade que tem mostrado crescimento desde 2023.

Quanto ao transporte, o avião continua sendo o meio de locomoção mais utilizado pelos turistas para chegar à Paraíba, com 51,99% dos entrevistados utilizando esse meio para se deslocar. O segundo mais citado foi o ônibus interestadual ou intermunicipal, com 32,55%. Durante sua estadia, os turistas realizaram a maioria das refeições em restaurantes e bares (80,12%), seguidos por lanchonetes (30,19%) e padarias (8,39%).



Foto: Ortilo Antônio/Arquivo A União

Avião continua sendo o meio de locomoção mais utilizado pelos turistas (51,99%)

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba, comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo não reclamado, identificado com o suposto nome de José Pedro Bezerra de Andrade, sexo masc, de cor parda, que mede 170cm de estatura, cabelos castanhos, sem sinais particulares. Falecido em 29/10/2024, no Hospital Pe. Alfredo Barbosa, município de Cabedelo PB.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor da cidade de João Pessoa – PB.

Flávio Rodrigo Araújo Fabres
Perito Oficial Médico Legal Classe Especial
Chefe do NUMOL/JP

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba, comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo não reclamado, identificado como sendo do nacional, IVAN FERREIRA DE AZEVEDO, sexo masculino, cor parda, medindo 1,50cm de estatura, cabelos grisalhos, olhos castanhos, sem sinais particulares. Falecido em 30/12/2024, no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, Nesta Capital.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor da cidade de João Pessoa – PB.

Flávio Rodrigo Araújo Fabres
Perito Oficial Médico Legal Classe Especial
Chefe do NUMOL/JP

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica (IPC) do Estado da Paraíba comunica que, nas dependências do NUMOL – Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, em João Pessoa, encontra-se o corpo de uma pessoa não reclamada, de sexo masculino, com idade aproximada de 40 anos, em situação de rua, cor parda, cabelos crespos e estatura aproximada de 1,65 m, identificado como Jaime Gomes da Silva, filho de Josilda Gomes da Silva. O falecido foi encontrado em 15 de julho de 2024, no Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa. O número de identificação cadavérica é NIC 2024/0369. Solicitamos que, caso alguém reconheça o corpo ou tenha informações que possam auxiliar na identificação, entre em contato com o NUMOL, localizado à Rua Antônio Teotônio, s/n, Cristo Redentor, João Pessoa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo não reclamado que em vida pertencera ao nacional, Daniel Inácio de Carvalho, registrado sob o número: 030101082024.030411; NIC 2024-4830, sexo masculino, com idade aproximada de 60 anos, cor parda, cabelos crespos e grisalhos, barba rala e grisalha, estatura 165cm, constituição física boa, sem sinais particulares. Falecido em 28/08/2024 no Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa - PB. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N. Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Profª Drª Amira Rose C. Medeiros
Professora de Anatomia Humana da UFPB
Presidente da Comissão de Captação de Corpos da UFPB
MATRICULA SIAPE 2115515

PB AVANÇA NA CIÊNCIA

Estado tem microscópio único na América Latina

Governo da Paraíba adquiriu um equipamento de ponta para a Secties

Ascom Secties

Investimentos do Governo do Estado da Paraíba em ciência, tecnologia e inovação estabelecem o estado em uma posição de ponta na área da pesquisa científica avançada. O cenário é consolidado a partir de duas conquistas obtidas neste ano: a primeira é a aquisição de um microscópio, instalado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com funções exclusivas, único em toda a América Latina, igual a apenas 18 outros no mundo; a segunda é que o Laboratório de Metrologia de Campina Grande (LabMet/UFCG) obteve a certificação junto ao Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) e tornou-se o primeiro na Paraíba a receber certificação para serviços de calibração de equipamentos de eletricidade e magnetismo.



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

CM-ACQuimBio foi inaugurada, na última segunda-feira, na Universidade Estadual da Paraíba

Nesse caso, a ordem dos fatores não altera a importância dos serviços prestados por esses laboratórios. As ações recebem apoio por meio das políticas públicas executadas pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB).

"O Governo da Paraíba reafirma seu compromisso com o avanço da ciência, tecnologia e inovação ao investir em infraestrutura de ponta para nossas instituições de ensino e pesquisa. A aquisição do microscópio, único na América Latina, e a certificação do Laboratório de Metrologia de Campina Grande pelo Inmetro são marcos que consolidam nosso estado como referência no cenário científico nacional. Essas conquistas são fruto de um planejamento estratégico e de investimentos que fortalecem a pesquisa multidisciplinar, incentivam a inovação e promovem o desenvolvimento tecnológico da Paraíba. Seguiremos trabalhando para ampliar essas ações, garantindo que nossos pesquisadores e estudantes tenham acesso a equipamentos e certificações que impulsionem a produção científica e a competitividade do estado no cenário global", ressaltou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

O microscópio é chamado de Espectrômetro de Emissão Ótica com Plasma Induzida por Laser. Usa a mesma tecnologia do robô Curiosity, da Nasa, que está explorando a superfície do planeta Marte. É um microscópio acoplado a um espectrômetro de infravermelho e Raman, uma técnica que permite a identificação da estrutura química do material analisado. Esse é um dos instrumentos inovadores na Central Multiusuário de Análise e Caracterização Químico-Biológica (CM-ACQuimBio), da UEPB, inaugurado na última segunda-feira (24).

A certificação — ou acreditação — do LabMet junto ao Inmetro foi concedida no dia 9 de janeiro deste ano.

Ações receberam apoio por meio de políticas públicas executadas pela Secties e pela Fapesq

Experimentos podem ser agora compartilhados

Atualmente a pesquisa científica molda-se, entre outras características, pela integração de equipes multidisciplinares. Por vezes, os integrantes são de universidades de outras cidades, estados ou países. Por outro lado, os equipamentos necessários para os experimentos têm alto custo e podem ser compartilhados na comunidade científica.

Assim, o Governo da Paraíba emprega recursos em 10 Centros Estaduais de Infraestrutura Científica e Tecnológica de Caráter Multiusuário da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). São espaços multiusos para desenvolvimento integrado e interdisciplinar de atividades de ensino, pesquisa, extensão, inovação, pós-graduação, divulgação técnico-científica e prestação de serviços para empresas e outras instituições.

Abrangem diversas áreas estratégicas para o desenvolvimento tecnológico, como saúde, nanotecnologia, biodiversidade, alimentos, empreendedorismo e inovação, exportação, políticas públicas, governança, entre outras.

Durante a inauguração da Central Multiusuário de Análise e Caracterização Químico-Biológica, o presidente da Fapesq-PB, Rangel Júnior, explicou que "esta central multiusuário permitirá que grupos de pesquisa das mais diversas áreas desenvolvam suas atividades e obtenham resultados que impactem positivamente a sociedade". O professor Francisco Jaime, coordenador adjunto do centro, informou que, com o equipamento, é possível, por exemplo, identificar a composição química de microplásticos em animais marinhos.

■ Central multiusuário permitirá uso por grupos de pesquisa das mais diversas áreas

Aparelho fará calibração rastreável em multiteste

O LabMet foi fundado em 1998, quando deixou de ser um projeto Finep e passou a ser laboratório da UFCG. Em 2022, começou a prestar serviços de calibração rastreável, e somente para multímetros. Atualmente, está apto para fazer a calibração com a certificação em multímetros (em várias faixas), terrômetro e alicate amperímetro.

Desde janeiro, quando o LabMet recebeu oficialmente a acreditação junto ao Inmetro, já realizou três serviços e está com três em andamento. Fabricantes ou mesmo um usuário de equipamento podem solicitar o serviço. Em pesquisa, é necessário para quantificar o erro na medição e com isso fornecer uma estimativa confiável dos resultados.

Segundo Edmar Gurjão, esses serviços de calibração com a certificação são úteis para a construção do radiotelescópio Bingo, um grande projeto científico em execução na Paraíba. "O Bingo é um projeto de pesquisa que necessita de medições precisas, pois os resultados devem ser publicados em artigos internacionais", avalia Gurjão.

> **O Bingo é um projeto de pesquisa que necessita de medições precisas, pois os resultados devem ser publicados em artigos internacionais**
>
> Edmar Gurjão

Ecos do Universo

Samira Arruda Vicente
Colaboradora

Mulheres das Estrelas: Wilhelmina Iwanowska

Na nossa última edição, tratamos da vida da britânica Jocelyn Bell e a sua descoberta dos pulsares. Aproveitando que o mês de março é marcado por comemorações ligadas ao Dia Internacional das Mulheres, escolhemos abordar a vida de uma pioneira que marcou os estudos da astronomia e radioastronomia na Polônia, Wilhelmina Iwanowska.

Nascida em 2 de setembro de 1905, na região de Wilno, que, na época, fazia parte do Império Russo, Iwanowska recebe uma formação clássica (estudou latim, religião, filosofia, história da arte) mas é na matemática que vai fundamentar os estudos que definiriam a sua carreira: a paixão pela astronomia. Gradua-se em 1929 pela Universidade Stefan Baroty na Lituânia, onde prossegue seus estudos até obter o título de doutora, em 1937. Ainda estudante, recebeu o convite do professor Wladyslaw Dziewulski (1878–1962) para trabalhar no observatório astronômico da universidade como assistente.

> **Entre o fim dos anos 50 e início dos 60, ela lidera a construção de uma antena de 32 metros em Piwnice nos arredores de Torun**
>
> Samira Arruda Vicente

Seus interesses de pesquisa compreendiam: medir a direção da radiação dos corpos celestes; analisar os movimentos do Sol, da Lua e de planetas (o que lhe promoveu o primeiro artigo acadêmico); desenvolver técnicas de caracterização de estrelas gigantes com base em propriedades espectrais e compreender as chamadas cefeidas (estrelas pulsantes e variáveis), tema que gerou boa parte das suas contribuições mais relevantes.

Quando, na década de 50, os primeiros resultados tangíveis são obtidos usando a nova tecnologia dos radiotelescópios, Iwanowska se propõe a levar esse conhecimento para a Polônia. Entre o fim dos anos 50 e início dos 60, ela lidera a construção de uma antena de 32 m em Piwnice, nos arredores de Torun, sendo um dos maiores equipamentos da época.

Ao longo de sua vida, Iwanowska recebeu vários reconhecimentos nacionais e internacionais pela relevância dos seus trabalhos e sua importante participação na construção da astronomia polonesa. Recebeu o título de doutora *honoris causa* das Universidades de Winnipeg no Canadá, Leicester na Inglaterra e em Torun. Exerceu o cargo de vice-presidente da União Astronômica Internacional e foi membro de várias sociedades científicas pelo mundo.

Em 1997, recebe das mãos do papa João Paulo II, que também era polonês, a medalha Pro Ecclesia et Pontifice, que é um reconhecimento dado pela Igreja Católica àquelas pessoas cujas contribuições para a Ciência e Sociedade são relevantes. O governo polonês determinou que o ano de 2025 será marcado por diversas homenagens alusivas aos 120 anos do nascimento de Iwanowska.

Em abril, o Berg visitará uma escola primária na Polônia que foi batizada com o mesmo nome dessa importante astrônoma, onde apresentaremos um livro bilíngue (em português e polonês), resultado de uma parceria junto à Editora A União, além de uma prática envolvendo radioastronomia, como nossa contribuição ao ano de homenagens.

Que a vida e a jornada de Wilhelmina Iwanowska possa servir de exemplo e iluminar todas aquelas que desejam realizar o sonho de seguir uma carreira no campo das ciências. Iwanowska desafiou muitas expectativas de sua época e tornou-se uma pioneira, professora e astrônoma, com muito estudo, perseverança e paixão pelo que fez, abrindo portas para as futuras gerações. Feliz Dia da Mulher.

Samira Arruda Vicente, Mestre em Ensino de Física e membro do BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group). Atua como professora e pesquisadora do Departamento de Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Colunista colaboradora

AQUÁRIO PARAÍBA

Instituição atua no cuidado e na preservação ambiental

Ações combatem a poluição nas praias e promovem a reabilitação animal

Anderson Lima
Especial para A União

Quem visita o Aquário Paraíba, em João Pessoa, encontra um espaço para a observação da diversidade da vida marinha. Entretanto, o trabalho desenvolvido pela equipe da instituição vai além dessa atividade. O espaço também funciona como um centro dedicado à preservação do meio ambiente, por meio de ações de reabilitação animal, educação ambiental e limpeza das praias.

O Projeto Mares Limpos, por exemplo, funciona há cerca de três anos e consiste na mobilização para a coleta de lixo nas praias da Penha e do Seixas. Somente no ano passado, foram retirados 370 kg de resíduos plásticos nos trechos onde o grupo atua e o material foi destinado para reciclagem, via Associação de Coleta Seletiva Acordo Verde.

O trabalho é realizado de forma sazonal, com a periodicidade média de três vezes ao ano, geralmente em datas comemorativas relacionadas ao meio ambiente, quando são organizados grandes eventos. A ação, inclusive, já foi reconhecida como uma das 10 melhores do país, pelo Instituto Limpa Brasil.

O projeto é realizado em parceria com diversas entidades, como a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), Secretaria do Meio Ambiente (Seman), Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Polícia Ambiental, Batalhão do Corpo de Bombeiros, além de ONGs, empresas, hotéis, escolas e restaurantes locais.



Foto: Hugo Cantalice/Aquário Paraíba

Projeto Mares Limpos mobiliza a coleta de lixo nas praias da Penha e do Seixas e funciona com o apoio de diversas entidades

Reabilitação

Essas ações visam combater a poluição plástica, uma vez que, segundo Valmir Almeida, responsável pelo *marketing* do aquário e engajado na causa animal e proteção do meio ambiente, representa uma grande ameaça à vida marinha. "Estudos apontam que mais de 70% dos peixes do oceano já possuem microplásticos em seus organismos, impactando não apenas a fauna, mas também a saúde humana". Segundo ele, entre os animais mais afetados, estão as tartarugas, que frequentemente confundem sacolas plásticas com águas-vivas, o que pode ser fatal. "Recebemos muitos casos de resgate de animais marinhos debilitados, seja por ingestão de plástico, pneumonia ou ferimentos causados por embarcações".


Foto: Carlos Rodrigo

Mais de 70% dos peixes do oceano já possuem microplásticos em seus organismos

Valmir Almeida

O processo de reabilitação varia de acordo com a gravidade do caso. Algumas tartarugas são tratadas com óleo mineral para eliminar resíduos plásticos do organismo. No entanto, há casos em que os animais não podem mais ser devolvidos à natureza devido a sequelas permanentes. Alguns chegam ao centro já com esse diagnóstico, enviados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis (Ibama) ou pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), com documentação e identificação via *chip* ou anilha. Nesses casos, os animais tornam-se residentes permanentes do espaço, onde recebem cuidados até o fim de suas vidas.


Foto: Hugo Cantalice/Aquário Paraíba

Voluntários retiraram 370 kg de resíduos plásticos em 2024


Foto: Carlos Rodrigo

Tartaruga resgatada passou por reabilitação e, hoje, é saudável

Entre os bichos que não puderam ser devolvidos para o oceano, estão duas tartarugas. O macho é chamado de Azeite (por ser da espécie Oliva) e a fêmea, da espécie Pente, foi nomeada como d'Artagnan (fazendo menção ao filme "Os Três Mosqueteiros").

Beatriz Oliveira, que trabalha como monitora do local, conta que as tartarugas chegaram lá logo após o nascimento; agora, ambas têm oito anos de idade. Azeite possui uma mutação genética rara, próxima do albinismo, conhecida como leucismo e, além disso, ele ingeriu plástico. D'Artagnan, por sua vez, foi pisoteada na praia, "o que causou danos significativos", conta Beatriz.

Na natureza, essas espécies vivem de 100 a 150 anos, enquanto, em cativeiro, podem superar essa expectativa. Embora ainda não sejam adultos, eles já estão bem desenvolvidos e pararam de crescer. A explicação para isso é que, como foram criados fora do seu hábitat natural, adquiriram o tamanho adulto rapidamente, devido à alimentação adequada e ao cuidado constante.

Valmir Almeida destaca que, além da fauna marinha, o aquário também recebe animais resgatados de tráfico ou maus-tratos, vindos de diversas cidades da Paraíba e, também, de outros estados, como Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará. Para esses, o tempo de reabilitação varia, podendo durar de alguns meses a mais de um ano, dependendo da recuperação do animal. "Recentemente, tivemos um caso de uma tartaruga que passou um ano e dois meses em reabilitação antes de ser devolvida ao oceano", relembra.

Além das tartarugas, o aquário também abriga tubarões-lixa, que chegara ao local por meio de pescadores que capturaram ou feriram os animais com anzóis. Gabriel Maimone Ross, biólogo e tratador de animais da instituição, conta que eles recebem esse nome devido à textura áspera da sua pele. Lá eles são reabilitados; no entanto, permaneceram no local para atividades de educação ambiental.

Pássaros feridos também são acolhidos e tratados no local

Logo em frente ao prédio principal do Aquário Paraíba, fica o Espaço das Aves, recinto destinado, também, à visitação do público e à reabilitação dos pássaros, que podem voltar ou não para a natureza. Segundo Gabriel Maimone Ross, biólogo e tratador de animais do aquário, o espaço foi criado, originalmente, para ser um recinto de aves marinhas; contudo, foi adaptado para abrigar uma variedade de aves de resgate.

Grande parte das aves abrigadas na unidade passou por situações de maus-tratos ou foi entregue por órgãos como o Ibama e o Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), que identificam que esses animais não têm mais condições de voltar à natureza. "Eles agora vivem aqui, com a ideia de passar o resto da vida conosco", conta o biólogo.

Entre essas aves, Gabriel mostrou a ararinha, as araras-vermelhas, canindés, papagaios e tucanos. Desses bichos, o tucano sofreu maus-tratos e as suas asas e caudas foram cortadas.

Ele ressalta, também, que há animais que não sofreram lesões, mas que precisam permanecer no recinto, devido ao contato prévio com os seres humanos. "Caso fossem soltos, esses animais se aproximariam das pessoas e estariam sujeitos a perigos, como ataques de cães e gatos, ou até mesmo serem capturados novamente". Dos animais com essas características, Gabriel destaca os periquitos-da-caatinga, os periquitos-de-testa laranja, bastante comuns no Nordeste.

Das aves marinhas, o biólogo fala dos atobás (conhecido como mergulhão), que estão em reabilitação. Vieram do Rio de Janeiro com problemas osteomusculares, que os impedem de voar; outro perdeu o olho esquerdo devido ao lixo nas praias, que dificulta a pesca. O outro atobá quebrou a asa ao pousar em um barco, o que impede de voar e nadar.

Os atobás são excelentes mergulhadores, mas, sem voo, nado ou a capacidade de pescar, não têm mais como se alimentar sozinhos, por isso passam o resto da vida no recinto. Outras aves marinhas que são abrigadas, vítimas do tráfico, são os ring-neck, um periquito africano, que é popular nas feiras ilegais por sua beleza e canto. "Este animal é muito procurado, mas, para que uma espécie chegue a ser vendida, pelo menos 10 morrem no processo de captura", relata Gabriel.


Foto: Carlos Rodrigo

Nosso objetivo é garantir que eles tenham uma vida tranquila, longe das ameaças do tráfico e dos maus-tratos

Gabriel Maimone Ross

O biólogo conta sobre os mandriões, conhecidos por sua natureza cleptofágica, ou seja, roubam comida de outras aves. No vocabulário popular, o termo "mandreão" virou sinônimo de ladrão por causa desse comportamento. Elas são aves curiosas e podem até tentar roubar objetos de quem se aproxima, achando que têm algo para comer.

Pinguins estão previstos para chegar no recinto das aves; o seu local já está reservado, mas, segundo Gabriel, não há data definida e tampouco a quantidade, pois a situação ainda vai passar por auditoria e emissão de autorizações.


Foto: Carlos Rodrigo

Espaço das Aves é destinado à visitação do público

Da diversidade de espécies que vivem sob a guarda do Aquário Paraíba, esses animais são protegidos, após terem sido resgatados e incapacitados de retornar ao seu hábitat natural. "Nosso objetivo é garantir que eles tenham uma vida tranquila, longe das ameaças do tráfico e dos maus-tratos", reflete Gabriel.

Saiba Mais

Uma das principais funções sociais do Aquário Paraíba é a educação ambiental. Com a visitação guiada, o público aprende um pouco sobre a vida marinha, os motivos pelos quais cada animal chegou até lá, a produção e descarte de lixo, além dos riscos para a vida marinha.

O local funciona de terça-feira a domingo, das 9h às 17h. Grupos e escolas que tiverem interesse também podem agendar uma visita.

Ingresso: R$ 16 (meia) e R$ 32 (inteira)
Endereço: Rua das Lagostas, nº 140,
Praia do Seixas, em João Pessoa.
Telefone: (83) 98620-1422

MUDANÇA DE NOME

Botafogo ou Belo FC?

O tema é alvo de discussão há muitos anos dentro do clube. Com a venda da SAF, a questão passa a ganhar ainda mais holofotes


Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

Torcedores, dirigentes e cronistas divergem sobre a mudança de nome do clube após virar SAF

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Uma ação de *marketing* do Botafogo-PB, feita nos últimos dias, reaqueceu o debate sobre uma possível mudança na nomenclatura da agremiação da Maravilha do Contorno. No Instagram, o nome do time foi alterado para "Belo FC", dividindo opiniões entre torcedores, conselheiros e parte da imprensa paraibana. O tema é alvo de discussão há muitos anos dentro do clube. Com a venda da SAF, a questão passa a ganhar ainda mais holofotes.

Para entender sobre a liberdade dos novos gestores do futebol do time de propor eventuais mudanças, o Jornal **A União** ouviu torcedores e conversou com Alexandre Cavalcanti, ex-presidente e assessor jurídico do Belo. Ele, que participou de todo o processo de transformação do Botafogo-PB em Sociedade Anônima do Futebol, foi direto ao falar sobre o tema.

"A SAF não tem liberdade para autorizar a mudança de escudo ou dos símbolos do clube. Até porque o que eles compraram foi o departamento de futebol. Isso não inclui o espaço físico do clube, não inclui os símbolos do clube, não inclui o hino do clube. Então, qualquer alteração que se queira fazer em relação ao tema, obrigatoriamente tem que passar pelo Conselho Deliberativo da Associação Botafogo", explicou Alexandre.

"Caso o Conselho não autorize, a SAF não tem o poder de alterar qualquer coisa. Os investidores não compraram as marcas do clube, compraram simplesmente o departamento de futebol, que, eu repito, não inclui a Maravilha do Contorno, que é o espaço físico e imobiliário, e também não inclui os símbolos do clube", ressaltou o ex-presidente.

Sobre a polêmica alteração do nome nas redes sociais, Alexandre disse que a situação foi apenas um equívoco. Durante uma ação do departamento de comunicação, houve a mudança, que foi rapidamente corrigida quando se identificou possíveis problemas jurídicos.

"Eles iam fazer uma promoção de uma festa, promoção de festa não tem problema, podem colocar o nome que quiserem. O problema é que eles colocaram na página oficial do clube um 'Belo FC' e não tinham essa autorização, que também depende do Conselho", ressaltou. Porém, na última quinta-feira (27), a SAF voltou a usar o nome "Belo FC" nas redes socias.

Pessoalmente, Alexandre Cavalcanti diz ser favorável a possíveis mudanças, desde que sigam o estatuto do clube. Segundo ele, é preciso respeitar a instituição. "Quando era presidente, defendi que houvesse a modernização. A mudança é sempre bem-vinda, os grandes clubes modernizaram seus símbolos e nomes: Barcelona, Real Madrid, Manchester United, na Europa. Aqui no Brasil, também teve o Athletico Paranaense e o próprio Palmeiras", contou o ex-dirigente.

OPINIÃO DOS TORCEDORES

Fotos: Roberto Guedes


José Ferreira de Lima
CAMELÔ

Na minha opinião, tanto "Botafogo" como "Belo" são bons. Agora, o problema do time é outro. Esse clube precisa começar a ganhar grandes taças. Toda vez que vai chegando, não chega a canto nenhum. Mas, sobre o nome, talvez seria bom se desvincular do Botafogo do Rio de Janeiro.

Eu não concordo... depois que as SAFs chegaram ao Brasil, estão mudando o escudo, mudando o nome da entidade. Eu não concordo com isso. Quem deveria pensar qualquer mudança seria a torcida, não os dirigentes. Infelizmente, as pessoas chegam com dinheiro e fazem o que fazem sem consultar o torcedor.


Wagner de Lima Ferreira
ASSISTENTE TÉCNICO DE CELULAR


José Félix da Silva
LOJISTA

Minha opinião é que deve continuar com o nome "Botafogo" mesmo. Não faz sentido trocar o nome de nascimento. Se eu fui batizado como José, não posso me chamar Antônio. Morrerei José. É o mesmo caso do clube.

Acho legal mudar o nome para "Belo". Teria uma identidade própria e deixaria de ser associado ao Botafogo do Rio de Janeiro.


Normanda Maria
CAMELÔ


Kennedy Luiz
REPOSITOR DE SUPERMERCADO

Eu acho muito boa a ideia ou decisão de transformar o apelido do Belo em nome oficial. A questão positiva é a mudança na identidade, partindo de algo que já acontece entre torcedores; muitos só chamam o clube de Belo.

Não concordo que mude o nome: nasceu Botafogo e tem que continuar assim. É o time da Maravilha do Contorno. "Belo" pode continuar sendo uma alcunha carinhosa. Essa galera nova precisa focar em outras questões.


João Flor
FEIRANTE

Crônica esportiva

A mudança também é debate recorrente nos programas esportivos dos meios de comunicação da Paraíba. O assunto suscita posições favoráveis e contrárias. O Jornal **A União** escutou dois jornalistas de João Pessoa, os quais falaram suas visões sobre o tema.

Expedito Madruga, da TV Cabo Branco, mostrou-se contra a mudança. "Sua marca, cores, história... Isso é algo que não se negocia. Para mudar de nome, teria que ser da vontade expressa da maioria de seus torcedores, e não uma decisão administrativa de quem controla apenas o futebol do clube", afirmou.

"Por mais que o 'Belo' seja uma marca do clube, uma expressão que nasceu da torcida, da arquibancada, a história do clube está atrelada ao nome 'Botafogo da Paraíba'. É uma história que continua sendo escrita e tem tudo para escrever novos e gloriosos capítulos", complementou Expedito.

Iago Sarinho, da Rádio Tabajara, deu sua opinião sobre o tema. Segundo ele, a questão precisa ser debatida de uma forma mais ampla. Setorista do Botafogo-PB, o jornalista diz que uma possível mudança encontraria resistência em alguns setores do clube.

"Há muita gente que apoia essa mudança a partir de uma perspectiva econômica e de *marketing*. Quando se cria uma SAF, as coisas passam a ser vistas de outra maneira. O clube sai de um modelo associativo para se tornar de fato um negócio. Nesse cenário, entram outras variáveis que fazem a gente compreender essa possibilidade de uma eventual mudança", destaca Sarinho.

Proibido

Somente o Conselho Deliberativo pode autorizar a mudança de nome do Botafogo-PB, porque a SAF comprou apenas o departamento de futebol e não tem autoridade sobre o assunto

COPA DO MUNDO FEMININA

Kerolin projeta título inédito no Brasil

Atacante está otimista e totalmente focada na preparação para o torneio da Fifa, que acontecerá em 2027, no Brasil

Foto: Divulgação/Fifa



Entre as 30 atletas convocadas por Arthur Elias para uma semana de treinos no Rio de Janeiro, estava Kerolin, que se diz ansiosa para a Copa de 2027

Agência Estado

A Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027 será realizada no Brasil, e a Seleção naturalmente já projeta o torneio como uma grande oportunidade para buscar o sonhado título inédito diante da torcida. A tendência é que um dos destaques seja a incansável atacante Kerolin, contratada pelo Manchester City em 2025, que demonstra confiança na evolução da equipe brasileira sob o comando de Arthur Elias.

"Agora, todas as vezes que o Brasil entra em campo, entra muito mais respeitado e valorizado. E a gente tem a Copa América pela frente [em julho e agosto de 2025]. O objetivo maior é sempre tentar ganhar as competições, mas nos preparando o melhor possível para a Copa do Mundo no Brasil, que acho que vai ser a grande Copa do Mundo", disse Kerolin, com uma mistura de lucidez e empolgação, em entrevista à Fifa.

"Mantendo a humildade e com muita garra e determinação, com todas unidas, acho que fica difícil ganhar do Brasil. Jogando nosso futebol alegre e envolvente, com meninas de muita qualidade, a gente vai se preparar muito bem. A Copa América já pode ser um parâmetro, mas estou muito confiante porque existe muito trabalho. Onde tem trabalho, tem resultado", completou a atacante, de apenas 25 anos e maturidade invejável.

Amanhã, cabe uma comparação com a expectativa do povo brasileiro em torno do Oscar: o filme "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, está indicado a três categorias (Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz, com Fernanda Torres em destaque). Nas ruas e nas redes, há o entendimento de que o Brasil pode "parar" de tanta alegria se uma produção do país conquistar alguma estatueta da Academia na cerimônia de hoje.

Uma euforia semelhante e potencialmente maior seria gerada se a Seleção conquistasse a Copa do Mundo em solo brasileiro — e, assim como na principal premiação do cinema, o Brasil busca o primeiro título mundial no futebol feminino. A própria Kerolin admite que não saberá como reagir se um dia for campeã do mundo, de tanta felicidade que imagina.

"Copa do Mundo não é fácil! É algo único, e a gente está muito ansiosa, sem dúvida alguma. Não posso ficar com muita confiança, mas a gente quer muito esse título dentro do Brasil. Cara, acho que o Brasil pararia! O Brasil pararia. Porque eu mesma, se isso acontecer, eu paro por um tempo. Eu volto depois, mas, por um tempo, não vou querer saber de mais nada", confessou a atleta, divertindo-se com o pensamento.

Foto: Divulgação/Fifa



Joia da Seleção Brasileira, Kerolin defende as cores do Manchester City, em 2025

Kerolin disputou a Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023, na Austrália e na Nova Zelândia, na qual o Brasil foi eliminado ainda na fase de grupos; porém, um ano depois, ela esteve na campanha da medalha de prata no Torneio Olímpico de Paris 2024 e saiu orgulhosa. Foi uma montanha-russa, inegavelmente, e a atacante acredita que as experiências recentes — do choro ao pódio — fortaleceram a equipe.

"Tivemos uma experiência na Copa do Mundo que foi totalmente diferente da Olimpíada, então consigo discernir o quão gratificante é chegar em casa e ver a família orgulhosa. É totalmente diferente quando você vem com uma medalha, até mesmo o seu sentimento consigo mesma. É um objetivo muito grande ganhar a próxima Copa do Mundo. A gente tem muita, muita, muita chance, ainda mais após uma grande Olimpíada, que foi histórica, está escrito, isso ninguém tira da gente, mas a gente não se contenta só com isso".

Essa inconformidade do elenco é fruto da esperança de títulos, mas também da mentalidade que Arthur ensinou; elas jogam e pressionam as rivais "na goela", como ele gosta de dizer. Kerolin definiu o comandante como alguém que sabe que, quanto maior o risco, maior é a vitória. Sem medo de arriscar, o treinador tem perspectivas pouco conservadoras e, por isso, mais do que nunca, todas se sentem parte de um grupo.

Por exemplo, se uma jogadora estiver mal em campo no primeiro tempo, na visão dele, não há problema em substituí-la até mesmo antes do intervalo. Noventa minutos é um espaço de tempo curto demais para se insistir em algo que até pode funcionar em outro jogo, em outro dia, mas não naquele. "O Arthur colocou na mesa que não temos suplente ou titular, todas seriam usadas e realmente foram. Em Paris, uma jogadora que estava na reserva começava jogando no próximo jogo, estrategicamente", contou Kerolin.

Ao fazê-las entender que todas jogariam em algum momento, Arthur incutiu nas atletas um compromisso coletivo para que entendam que a única concorrência que cada uma tem é consigo mesma. Por isso, embora a lista de convocadas por ele em fevereiro de 2025 — para um período de treinos no Rio de Janeiro — tenha 30 atletas, é possível imaginar que o elenco "estendido" da Seleção tenha mais de 50 jogadoras e incontáveis variações.

Aliás, Kerolin está disposta a ser várias atletas em uma só: pelo bem absoluto da Seleção, ela garante que está disposta a jogar na função que Arthur desejar: "Se ele precisar que eu jogue de volante, vou jogar de volante, de lateral, em qualquer lugar que ele precisar".

"Eu só fico focada no que posso fazer para ajudar a Seleção Brasileira na Copa do Mundo, se eu estiver lá, se Deus quiser, e me completar. Ser uma atleta completa que joga em diferentes posições, para que, quando o treinador precisar, de qualquer forma, eu esteja ali preparada física e mentalmente para ajudar a Seleção", acrescentou. "Então, peço ao torcedor que tenha paciência. Vocês sempre vão ver, dentro de campo, uma Kerolin muito dedicada, correndo por todo mundo e lutando pela Seleção mesmo".

A ansiedade para evoluir faz com que Kerolin deixe de perceber o caminho que já percorreu até aqui. Apesar da pouca idade, a jogadora já se tornou referência no futebol feminino e agora vive um momento especial: em janeiro, ela deixou o North Carolina Courage, dos Estados Unidos, e assinou com o Manchester City, da Inglaterra.

A filosofia dos dois times tem semelhanças, de modo que a adaptação tem sido relativamente rápida, e a atacante já marcou pelo novo time; embora ela admita que houve uma pitada de sorte, o primeiro gol foi um bonito toque por cobertura contra o Leicester City. Kerolin comemora, é claro, mas em seguida volta a pensar no que precisa fazer para melhorar: "Vir para o City foi primordial para evoluir e ajudar a Seleção Brasileira".

Ela é incansável e "na goela", como pede Arthur Elias.

SALTOS ORNAMENTAIS

Modalidade cresce com investimentos

Ciclo olímpico começa com boas perspectivas para o Brasil, mediante ações de incentivo do Ministério do Esporte

Foto: Mariana Raphael/MEsp



A paraibana Luana Lira é uma dentre os milhares de esportistas que testemunham a importância do programa Bolsa Atleta para a carreira

O apoio do Ministério do Esporte (MEsp) e do programa Bolsa Atleta tem impulsionado o crescimento dos saltos ornamentais no país. Com incentivos à formação de atletas e treinadores, o Brasil fortalece sua presença em competições internacionais e sonha com novas conquistas olímpicas.

Desde 2014, o Centro de Treinamento de Saltos Ornamentais localizado na Universidade de Brasília (UnB) tornou-se um dos principais polos da modalidade no país. Com investimento de quase R$ 5 milhões do MEsp, o espaço garante uma estrutura de alto nível, treinamentos e capacitação de profissionais para atuar na modalidade esportiva.

O termo de fomento firmado com a Saltos Brasil, Confederação Brasileira de Saltos Ornamentais, previa a preparação de atletas nas categorias de base e principal da modalidade, desenvolvimento de novos talentos, capacitação e formação de treinadores e árbitros, realização de eventos nacionais e participação em competições nacionais e internacionais oficiais.

A secretária nacional de Excelência Esportiva, Iziane Marques, destaca que o termo com a Confederação terminou em dezembro de 2024, mas um novo aporte está sendo analisado pela pasta. "Temos atuado para manter os trabalhos com a equipe de saltos ativos, temos um termo de fomento continuado. Estamos estudando um novo aporte com o mesmo objeto, que é a preparação dos atletas de alto rendimento e descoberta de novos talentos", disse.

A iniciativa beneficia diretamente cerca de 200 pessoas, entre atletas, treinadores e profissionais multidisciplinares. O técnico Gabriel Serra, que acompanha a Seleção Brasileira desde 2008, destaca a importância desse suporte: "Quando comecei, não tínhamos essa estrutura. Hoje, graças ao Ministério do Esporte, temos equipamentos modernos e uma equipe completa, com preparadores físicos, fisioterapeutas e nutricionistas. Isso faz toda a diferença na preparação dos atletas".

Bolsa Atleta

O programa Bolsa Atleta tem sido fundamental para a manutenção dos saltadores em alto rendimento. A atleta olímpica, a paraibana Luana Lira, que compete há duas décadas, destaca o impacto do auxílio. "Sou bolsista há 10 anos e isso me ajuda no dia a dia, cobrindo desde treinamentos até alimentação e suplementação. Esse benefício é essencial para que possamos focar 100% no esporte".

Rafael Fogaça, de 20 anos, finalista em Mundiais e Jogos Pan-Americanos, que pode ser considerado "cria" do espaço, pratica a modalidade há 11 anos e também reforça essa importância. "O apoio do Bolsa Atleta mudou minha vida. Me permitiu continuar treinando em alto nível e ajudou até minha família. Meu sonho é chegar às Olimpíadas e, com essa estrutura, sei que posso conseguir".

O jovem destaca que a rotina de treinamento no Centro é intensa, mas a estrutura possibilita que eles alcancem seus melhores resultados. "Todo o apoio que recebemos do Ministério do Esporte, não só pra mim, mas para o meu clube e meu esporte são surreal e somos todos muito gratos. Acredito que, se você sonha, trabalha, tem responsabilidade e não desiste, tudo é possível", completa Fogaça.

Los Angeles 2028

Os investimentos na modalidade já refletem em conquistas expressivas. O grupo de elite dos saltos ornamentais conta com nomes como Anna Lúcia dos Santos, Rebeca Santana, Diogo Silva e Rafael Borges, todos com passagens por Pan-Americanos e Mundiais. A meta agora é consolidar essa evolução e garantir mais vagas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 2028.

Hugo Parisi, presidente da Saltos Brasil e ex-atleta olímpico, reforça a relevância desse apoio. "Nosso objetivo é dar continuidade a esse trabalho de excelência. O Brasil tem potencial para estar entre os melhores do mundo e, com o suporte do Ministério do Esporte, podemos transformar essa realidade".

Além da estrutura de treinamento, o calendário de competições também será crucial para o desenvolvimento dos atletas. Em abril, a Taça Brasil servirá como última seletiva para o Campeonato Mundial Júnior em Cingapura, um evento-chave na preparação olímpica.

BOLSA ATLETA

Mais de 10 mil atletas inscritos e um novo recorde do programa

Foto: Divulgação/MEsp



A categoria Atleta Estudantil teve 875 inscrições na atual edição do Bolsa Atleta

O Bolsa Atleta registrou mais um marco para o esporte brasileiro. Mais de 10 mil atletas inscreveram-se no programa do Governo Federal, concedido pelo Ministério do Esporte (MEsp). O prazo para inscrições foi encerrado na noite da última segunda-feira (24). Esse recorde representa um aumento de 38,56% em relação a 2022, quando o programa contava com 7.236 inscritos, passando para 10.027 registros em 2025.

O crescimento expressivo em todas as categorias do maior programa de patrocínio individual aos atletas do mundo reflete o fortalecimento do setor esportivo na gestão do presidente Lula, que vem impulsionando políticas públicas, como o próprio reajuste do Bolsa Atleta realizado em 2024, após 14 anos, incentivos ao esporte e maior adesão de jovens e atletas de alto rendimento ao programa.

Investimentos

O maior salto foi registrado na categoria Atleta Estudantil, que teve um aumento impressionante de 210,28% no período. Em 2022, apenas 282 jovens estavam inscritos, enquanto, em 2025, esse número saltou para 875. Entre os atletas de base, o crescimento foi de 39,94%.

Para o Ministro do Esporte, André Fufuca, os dados demonstram os investimentos feitos pelo Governo Federal na formação de novos esportistas. "É um esforço contínuo para garantir que nossos talentos tenham condições de competir no mais alto nível, por meio do Bolsa Atleta, da LIE, do Revelar Talentos, entre outros. Estamos no caminho certo para nos consolidar como uma potência esportiva", completou o ministro.

A secretária de Excelência Esportiva, Iziane Marques, ressalta que as políticas públicas voltadas para o esporte, como os projetos sociais impulsionados pela Lei de Incentivo ao Esporte e por fomento do MEsp contribuem de maneira significativa para o crescimento de atletas inscritos nas categorias Estudantil e de Base. "Esse crescimento mostra que a cadeia esportiva está funcionando, todo fomento em crianças e adolescentes, ampliando o acesso deles ao esporte, seja por projetos sociais ou pelos clubes; são mais possibilidades de se formar atletas. Então, o crescimento da base mostra, de fato, que o trabalho está sendo feito, e neste edital tivemos um crescimento significativo", enfatiza.

A categoria Atleta Nacional, que engloba esportistas que disputam competições no país, também apresentou um aumento significativo. De 5.065 inscritos em 2022, o número chegou a 6.813 em 2025, um crescimento de 34,52%.

Além disso, os atletas olímpicos, paralímpicos e surdolímpicos também registraram uma evolução expressiva, de 80,52%, passando de 267 para 482 inscritos. Na categoria de atletas internacionais, que competem fora do Brasil, houve um crescimento de 58,92% desde 2022.

Programa

Criado em 2005, na primeira gestão do presidente Lula, o programa tem por objetivo que os bolsistas de alto desempenho dediquem-se, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e a competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas. Os repasses mensais vão de R$ 410 (base) a R$ 16 mil, para atletas da categoria Pódio.

CARIOCA

Flu e Volta Redonda iniciam decisão

Jogo das semifinais do Campeonato Carioca acontece no Maracanã; a volta será no dia 9, no Raulino de Oliveira

Fluminense e Volta Redonda iniciam a partir de hoje a disputa por uma vaga na final do Campeonato Carioca, às 18h (Brasília), no Maracanã, com transmissão da TV Band. O Fluminense sofreu, mas conseguiu a classificação para a semifinal na última rodada da primeira fase, ao derrotar o Bangu por 3 a 2. O Tricolor das Laranjeiras vem empolgado, após três vitórias seguidas e uma sequência de seis jogos sem perder. No último duelo que disputou, a equipe carioca avançou para a segunda fase da Copa do Brasil, ao golear o Águia de Marabá-PA por 8 a 0.

A equipe comandada pelo técnico Mano Menezes tem demonstrado um ataque eficiente, mas, no geral, tem uma defesa vulnerável.

O Volta Redonda busca fazer história em 2025, ano em que o seu título da Taça Guanabara completa 20 anos. E o rival é o mesmo adversário que enfrentou na decisão do Cariocão de 2005, vencido pelo Tricolor das Laranjeiras. O Voltaço vem de derrota para o Boavista, mas ficou em segundo na primeira fase e pode até empatar no agregado para se classificar à final. Sob o comando do técnico Rogério Corrêa, o time busca continuar sua boa trajetória na competição e surpreender o adversário.



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

Fluminense vive uma boa fase, e jogadores comemoram uma sequência de seis jogos sem nenhuma derrota

Confrontos

Em todas as competições, foram disputados 75 jogos entre as duas equipes, com 48 vitórias do Fluminense, 11 empates e 16 triunfos do Volta Redonda. Com mando de campo do Fluminense, foram disputados 39 jogos entre as duas equipes, com 30 vitórias do Fluminense, cinco empates e quatro triunfos do Volta Redonda.

Na casa do Volta Redonda, foram disputados 36 jogos entre as duas equipes, com 18 vitórias do Fluminense, seis empates e 12 triunfos do Volta Redonda.

No jogo de hoje, o Fluminense deve utilizar Fábio; Samuel Xavier, Ignácio, Thiago Silva (Freytes) e Fuentes; Hércules, Matheus Martinelli, Riquelme Felipe, Canobbio e John Arias; Cano. Já o Volta Redonda deve ir a campo com Jean Carlos; Wellington Silva, Lucas de Carmo, Fabricio e Sanchez; Barra, Pierre, Patrick (Chay), Kelvin e Marcus Vinicius; Bruno Santos.

Regulamento

Conhecido como um dos torneios estaduais de regulamento mais complicado, o Campeonato Carioca 2025 está mais fácil de entender.

A principal mudança deste ano foi em relação à utilização do VAR em todas as partidas da competição. Na primeira fase, as 12 equipes jogaram entre si em turno único. O Bangu, que foi o último colocado, acabou rebaixado. Os quatro primeiros colocados avançaram para as semifinais em busca do título carioca: Flamengo, Volta Redonda, Fluminense e Vasco. O Flamengo, com a melhor campanha, consagrou-se campeão da Taça Guanabara.

Os times que ficaram da quinta à oitava colocação — Sampaio Corrêa, Nova Iguaçu, Madureira e Boavista — disputam a Taça Rio, que é um título simbólico. Os confrontos de mata-mata são de ida e volta.

O Botafogo ficou em nono lugar e acabou eliminado logo na primeira fase do Estadual.

Jogos de hoje

■ CARIOCA
18h30
Fluminense x Volta Redonda

■ CATARINENSE
19h
Criciúma x Joinville

■ PARAENSE
15h30
Bragantino-PA x Águia de Marabá
Paysandu x Castanhal
Independente x Capitão Poço
Cametá x Remo
Santa Rosa x São Francisco
Tuna Luso x Caeté

■ PAULISTA
18h30
Corinthians x Mirassol
20h45
Santos x Bragantino

■ PERNAMBUCANO
16h
Sport x Decisão

■ CEARENSE
17h
Maracanã x Ceará

■ PIAUIENSE
15h45
Parnahyba x Atlético-PI
16h
Altos x 4 de Julho

PAULISTA

Corinthians tem amplo favoritismo, hoje, contra o Mirassol

Hoje, Corinthians e Mirassol jogam pelas quartas de final do Campeonato Paulista, às 18h30 (horário de Brasília), na Neo Química Arena. As equipes enfrentaram-se apenas 13 vezes na história, com o Corinthians vencendo nove vezes e empatando quatro; portanto, o time de Itaquera nunca perdeu para o Mirassol. Se houver empate, decisão nas penalidades. A transmissão será da Rede Record.

O Corinthians encerrou a fase de grupos na liderança do Grupo A e com a melhor campanha geral, somando 27 pontos em 12 jogos, com oito vitórias, três empates e apenas uma derrota. Na última quarta-feira (26), a equipe comandada por Ramón Díaz eliminou a Universidad Central na segunda fase da Libertadores. No entanto, apesar da classificação, a torcida do Timão protestou ao fim do jogo devido à atuação ruim do time.

Já o Mirassol classificou-se em segundo lugar no Grupo A, acumulando 16 pontos, com cinco vitórias, um empate e seis derrotas. No entanto, o time enfrenta uma sequência negativa de quatro derrotas nas últimas rodadas e segue sem técnico definido após a demissão de Eduardo Barroca. Assim, chega para o confronto contra o Corinthians com desafios dentro e fora de campo. No último jogo entre as duas equipes, disputado em 19 de fevereiro de 2022, o Corinthians venceu por 3 a 0, pelo Campeonato Paulista.

O Timão deve jogar com Hugo Souza; Matheuzinho, André Ramalho, João Pedro e Matheus Bidu; Martínez, Carrillo, Breno Bidon e Rodrigo Garro; Memphis Depay e Yuri Alberto.

Já o Mirassol deve ir a campo com Alex Muralha; Lucas Ramon, João Victor, Alan Empereur e Reinaldo; Danielzinho, Neto Moura, Nugueba, Gabriel e Chico Kim; Iury Castilho.

Santos x Bragantino

O confronto entre Santos e Bragantino, válido pelas quartas do Campeonato Paulista, será às 20h45 deste domingo (2). A partida ocorre na Vila Belmiro, com mando de campo para o Peixe, que deve ter Neymar em ação. A CazéTV transmite pelo YouTube. O canal Nosso Futebol também anuncia transmissão pela televisão.

Goleiro

Brazão pode ser a novidade no time para o duelo decisivo. O goleiro ficou fora da última rodada da primeira fase, por conta de uma lesão, mas tem treinando normalmente. Líder do Grupo B, o Santos classificou-se com 18 pontos, sendo cinco vitórias, três empates e quatro derrotas.

O destaque da equipe é o badalado craque Neymar. Mas Guilherme também tem sido importante para o time neste começo de temporada.



Foto: Ari Ferreira/Bragantino

Jogadores do Bragantino celebram a vitória na Copa do Brasil; hoje, eles têm nova decisão pelo Paulista

Bragantino

Segundo colocado do mesmo grupo do Santos, o Bragantino fez 17 pontos e precisará decidir sua vida no estadual fora de casa.

Um dos principais nomes do time, Juninho Capixaba sofreu uma lesão muscular e é dúvida para o confronto.

Lucas Evangelista e Vinicinho têm sido os principais atletas da equipe neste começo de ano. O time vem de uma classificação dramática pela Copa do Brasil quando derrotou o Sousa, na última quinta-feira, nas penalidades, no Marizão, por 5 a 4, depois de empatar em 1 a 1 com o gol de empate marcado aos 53 do segundo tempo.

O Santos deve jogar com Gabriel Brazão (João Paulo); JP Chermont, Gil, Zé Ivaldo e Escobar; João Schmidt, Gabriel Bontempo, Guilherme, Soteldo e Neymar; Tiquinho Soares. Já o Bragantino deve ter Cleiton; Eduardo Santos, Pedro Henrique, Guzmán Rodríguez e Guilherme Lopes (Juninho Capixaba); Matheus Fernandes, Lucas Evangelista, Laquintana (Gabriel) e Jhon Jhon; Vinicinho e Pitta. Técnico: Fernando Seabra.


No Centro Cultural São Francisco, Consolação Policarpo aponta que a capital paraibana abriga tipologias datadas do fim do século 17 e de origem portuguesa

Fotos: Roberto Guedes

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

A caçadora de azulejo

Pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) estuda as origens e conta a história da azulejaria no estado

Ademilson José
Especial para A União

O que é mesmo o azulejo? Quais são as suas origens? Como chegou ao Brasil e à Paraíba? Onde encontrar peças raras? Estas e outras perguntas movem, já há alguns anos, a pesquisadora Maria da Consolação Policarpo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que, com mestrado finalizado e doutorado em andamento, circula os quatro cantos da Paraíba e da capital, buscando peças raras e contando a história da azulejaria em nosso estado.

Residências antigas, prédios históricos, engenhos (inclusive, em ruínas), tudo virou campo de trabalho e de estudo para Consolação Policarpo. A propósito disso, há bem pouco tempo, nós mesmos a ajudamos em mais uma de suas buscas em casarões do antigo e histórico município de Mamanguape, no Litoral Norte do estado.

Ela conta que a cidade de João Pessoa abriga tipologias datadas do fim do século 17 e de origem portuguesa, como é o caso do grande acervo encontrado no Centro Cultural São Francisco, que pode ser incluído entre as expressões máximas da presença azulejar barroca no Brasil e na Paraíba.

Os franciscanos da Ordem dos Capuchinhos, assim como a Ordem Terceira do Carmo, foram, respectivamente, a segunda e a terceira a chegar no estado da Paraíba, uma vez que a primeira, a jesuítica, teve suas edificações demolidas no século 19 para remodelação da cidade. "O acervo azulejar do conjunto dos franciscanos é encontrado nas barras e silhares de revestimentos parietais da galilé, nos azulejos enxadrezados do adro, nos painéis figurativos da nave-mor e nos silhares do tipo tapete do claustro".

Citando HC da Nóbrega (autor de *Arte Colonial da Paraíba*) como fonte, Consolação revela que todos são produtos portugueses, só que com período de produção e assentamento diversificados, de acordo com as etapas de construção do imóvel. E explica: "A presença do azulejo nesse período serviu bem aos propósitos da igreja para além do efeito decorativo, uma vez que a instituição objetivava a implantação da fé num modelo de religiosidade amparada pelas expressões artísticas e pelo ensino doutrinal".

Outro aspecto que, segundo Consolação, une as fronteiras entre Portugal e Brasil é o revivalismo do azulejo na arquitetura brasileira. Isso porque, no início do século 20, as tipologias que, em sua maioria, ainda eram importadas de Portugal, revelavam composições decorativas do vidrado, fazendo releituras de tipologias seiscentistas, setecentistas e oitocentistas.

Na Paraíba e, em especial, na cidade de João Pessoa, destaca Consolação Policarpo, tem-se alguns exemplos de revivalismos de tipologias seiscentistas, cuja produção é de procedência portuguesa. Trata-se das tipologias "ponta de diamante", "cravos de Cristo" e "pérola" que, invariavelmente, são encontradas sempre lado a lado, de forma alternada, e podem ser vistas, originalmente, no Convento de La Concepción Del Carmen, em Valladolid, na Espanha, e na Igreja de São Roque, em Lisboa, Portugal.

A tipologia "pérola", explica ela, é um padrão de cercadura originalmente barroca do século 16 e 17, assinado por Francisco de Matos. Essas releituras são encontradas principalmente na arquitetura civil, localizadas em residências no bairro de Tambiá e no Centro da cidade.

Consolação faz questão de observar que a escrita da história da presença do azulejo na Paraíba é um processo e tem lacunas que ainda precisam ser preenchidas. O estudo do azulejo no período do domínio holandês (1630-1645), por exemplo, está em aberto à espera de contribuições, apesar do trabalho do Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holandês (com sede no Instituto do Patrimônio Histórico e Artísitico da Paraíba) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação, Memória e Matrimónio (Gecimp–UFPB).

"A princípio, sabe-se que os holandeses vieram ao Brasil por interesse mercantilista. Porém, estudos mais aprofundados têm revelado mais que isso. Para além do enfrentamento da coroa ibérica, os holandeses visavam aumentar o domínio sobre as rotas comerciais do Atlântico, controlar a produção de açúcar no Brasil e no mundo, além de estabelecer postos de comércio de escravizados na África, minando, assim, o império espanhol", aponta ela.

São Miguel de Taipu

Com base em seus estudos, Consolação Policarpo lembra que a Paraíba tem, ao longo da várzea do Rio Paraíba, muitos engenhos cuja fundação remonta ao período holandês. Um dos casos que se entrelaçam com a história do azulejo é o do Engenho Trapuá, localizado na cidade de São Miguel de Taipu. "João Miguel dos Santos Simões, um dos maiores historiadores das azulejarias portuguesa e brasileira, fez referência à presença de azulejos nesse engenho, no século 16", diz ela.

Tais relatos, conforme a pesquisadora, estão em Ayrton de Carvalho, que era um dos colaboradores de Simões e que, acompanhado de outros historiadores do hoje Iphan de Pernambuco, escreveu textos, em 1959, sobre os azulejos holandeses no convento de Santo Antônio do Recife. Nesses escritos, eles incluíram referências ao azulejo de São Miguel de Taipu, engenho que, aliás, também é citado por Elias Herckmans com o nome de Tapoa ou Itapoa, na conhecida *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*.

Consolação esclarece que recentemente visitou o engenho e constatou que não há mais vestígios do azulejo mencionado pelo historiador Santos Simões. Mas que o mesmo autor chegou a ressaltar, em um dos seus livros, que, ao contrário dos portugueses, os holandeses gostavam mesmo de inserir artes em suas construções. Prova disso é que, de janeiro de 1641 a junho de 1643, aqui desembarcaram "nada mais, nada menos que 1.154.550 tijolos e ladrilhos (azulejos) trazidos da Holanda", frisa ela. "Faz-se necessária alguma ação de política pública que salvaguarde o patrimônio do azulejar paraibano que a cada dia se descaracteriza e desaparece", alerta.

O azulejo é uma peça geométrica de medidas e espessuras variáveis, de formatos quadrados ou retangulares, que apresenta características físicas, químicas e mineralógicas, constituída por dois materiais distintos. Uma base modelada a partir da mistura da argila e outros componentes e uma camada fina de material vitrificado que corresponde à base decorativa da peça. Ambos os materiais são encontrados na natureza e manipulados, sofrem reações físicas, químicas e mineralógicas diante da ação do calor.

Após chegar ao Brasil, arte foi reinventada

Azzelij, *al zuleycha*, *al zuléija*, al *zulaiju* e *al zulaco* são os termos árabes utilizados para designar o mosaico produzido no período bizantino do século 6 e que, como tinha sua maior parte produzida em cor azul, ganhou o nome de "azulejo". A origem, na verdade, está interligada à história da cerâmica que, por sua vez, acompanha a história das civilizações, desde a descoberta do fogo.

A argila queimada remonta aos primórdios dos fazeres das civilizações mais antigas tanto do Oriente quanto do Ocidente. Séculos de existência e de práticas de modelagem da cerâmica proporcionaram a obtenção e o aperfeiçoamento de variados produtos obtidos a partir do barro. Nesse universo de produtos e de aperfeiçoamentos criados a partir da dominação da modelagem do barro, consolidou-se o azulejo.

Dando como fonte Ingrid Wanderley, Consolação Policarpo informa que a azulejaria é o ramo da cerâmica cujos produtos se destinam à decoração. "O azulejo está na categoria da cerâmica esmaltada que ultrapassou períodos históricos, nacionalidades e muros, e atua como intérprete dos diferentes momentos da história, pois tem a capacidade de carregar narrativas e memórias. Seu caráter milenar traz consigo um amplo leque de informações acerca de povos e culturas, política, comportamento e religião".

Ela diz que o azulejo teve sua origem em civilizações orientais milenares, que percorreu um longo caminho entre regiões da Ásia e da África, como a Mesopotâmia, a Pérsia, o Egito, a China e a Índia. Posteriormente, o gosto de azulejar se espalhou pela Europa, mais precisamente pela Itália, Espanha, Alemanha, Holanda e, posteriormente, pelas colônias pertencentes à metrópole ibérica, Portugal e Espanha.

Do século 11 ao 17, com a conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos, estes trouxeram consigo o manejo da cerâmica esmaltada com fins decorativos. Esta arte, chamada de *mudéjar*, passou também a ser chamada de hispano-mourisca em função do aculturalismo árabe sobre o hispânico, sendo a produção desses interpretada como sinal de progresso material.

A arte chegou ao Brasil em sincronia e dialogando com as demais artes, trazendo o mesmo gosto, a mesma técnica e os mesmos materiais de Portugal. Nas colônias portuguesas, como é o caso do Brasil, essa arte reinventou-se, fortaleceu-se e absorveu características específicas na criação, no fabrico e no uso, passando a fazer parte da cultura do nosso povo.

É por isso que, com o mestrado concluído e o doutorado em andamento em Ciência da Informação na Universidade Federal da Bahia (ambos sobre azulejaria na Paraíba), Consolação não para de procurar e de trabalhar com azulejos. *Paraíba na Literatura*, uma coleção que a Editora **A União** vem lançando, tem arte das capas dos livros com azulejos que ela identificou no Palácio da Redenção. Também é decoradora, professora do município e ainda acha tempo para cuidar de animais. Em sua casa, em Água Fria, há hoje 38 gatos e oito cães.



Fotos: Roberto Guedes


Pesquisadora observa que a escrita da história da presença do azulejo na Paraíba é um processo e tem lacunas que ainda precisam ser preenchidas

Horácio de Almeida

Consumiu o "vinho do trabalho intelectual"



Ilustração: Tônio

Paraibano do município de Areia fundou periódicos como A Ronda, O Smart e O Luzeiro, além de ter participado da fundação da revista Era Nova

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

No currículo de uma das mais produtivas personalidades das letras paraibanas, reconhecida nacionalmente como historiador, não podemos deixar de notar sua atuação e colaboração à imprensa. Na trajetória do areiense Horácio de Almeida, essa aproximação com o jornalismo teve início ainda na juventude, quando, mesmo tendo deixado os estudos primários aos 15 anos para ajudar o pai, Rufino Augusto de Almeida, nas atividades do engenho da família, transformaria aquele mesmo local, seis anos depois, na Redação do seu primeiro periódico.

"Por incrível que pareça, pouco menos que analfabeto, fundei um jornal em Areia. Denominava-se *A Ronda*. (...) A Redação de *A Ronda* era no Engenho da Várzea. À noite, sob a luz de lamparina, eu e o mano José espremíamos o cérebro na feitura de pífios sueltos para o jornalzinho publicar. José tinha uma espontaneidade de escrever que eu invejava, mas feneceu na bagaceira do engenho", revelou Almeida durante uma palestra autobiográfica intitulada *Ao Redor de Mim Mesmo*, depois transformada em livro.

A composição e a impressão do "jornaleco, meio político, meio humorístico", eram feitas nas oficinas gráficas de Zuca Machado. Apesar de declarar, no editorial-programa, que o seminário se manteria alheio às questões políticas, não tardou muito a desferir uma campanha de críticas contra o prefeito da cidade, instigado pelo farmacêutico Nestor Corbiniano de Queiroz, pela inoperância administrativa. Apesar das ameaças recebidas, o próprio Horácio atribuiu a suspensão da circulação do periódico ao não pagamento dos assinantes, inclusive aqueles que o atiçavam, rendendo-lhe uma dívida de 100 mil réis. Naquele mesmo ano, entre 30 de novembro e 8 de dezembro de 1917, período da festa da padroeira, o jovem faria circular outra publicação, *O Smart*.

Aos 23 anos, Horácio deixou para trás "a bagaceira do engenho" e partiu, com a cara e a coragem, para a capital do estado, a fim de completar os estudos no Lyceu Paraibano, onde, vencendo as dificuldades materiais e as doenças que o acometeram, concluiu, dois anos depois, o curso ginasial. Por essa época, o areiense participou, com os colegas estudantes filhos da elite local, da fundação da revista *Era Nova*, cujo formato destacava-se tanto pelo uso de cores como pela diversidade de textos, desde reportagens a crônicas. No periódico — que, na primeira fase (1921-1925), era publicado quinzenalmente e distribuído do Litoral ao Alto Sertão do estado e nos estados vizinhos —, Almeida foi secretário e consolidou sua presença na imprensa, escrevendo e comentando sobre assuntos do cotidiano, a exemplo de como a moda poderia influenciar a vida das pessoas, ou sobre evolucionismo, mas sempre com um tom crítico e sarcástico, demonstrando, já nesse momento, seu perfil polêmico. É possível identificar essas características na análise de um livro de poemas lançado por Carlos Dias Fernandes, então diretor do Jornal **A União**, que Horácio classificou como "leitura fria e vidrenta" e "pieguice literária".

Atraído pelo ambiente intelectual progressista e cultural e pelo título de bacharel, Horácio de Almeida ingressou, em 1923, na Faculdade de Direito de Recife, Pernambuco, mas só conseguiu finalizar o curso em 1930, quando já era casado e pai de seis filhos. Nesse entremeio, ele tinha retornado à terra natal, onde levou adiante a criação de mais um periódico, *O Luzeiro*, o primeiro da Paraíba de caráter espírita, que circulou por pouco tempo, entre janeiro e outubro de 1927.

"Formei-me em Direito aos 34 anos e o que me esperava adiante era ainda um caminho tortuoso, como sempre tenho palmilhado. Com o canudo debaixo do braço, levando comigo a esposa e um rancho de seis filhos, mudei-me de Areia para a capital do estado, onde assentei branca de advogado. Entrei, então, a enfrentar obstáculos, em grande parte por culpa minha, porque nunca tive a habilidade de saber fazer amigos. A cada passo, sentia a terra estremecer a meus pés", confessou em suas memórias.

Para tornar sua atuação e competências jurídicas notórias, começou a publicar as ações que representava. Nos anos seguintes, seria nomeado membro do Conselho Consultivo do Estado da Paraíba e presidente da Junta de Conciliação e Julgamento do Estado, subordinada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do Governo Vargas. Ainda assim, não deixava de lado sua participação na imprensa, fundando, em 1933, a revista progressista *Reação*, e adquirindo, em 1946, o jornal *O Estado da Paraíba*.

Aquele seria um ano decisivo para o historiador paraibano, que já era sócio efetivo e patrono da cadeira nº 42 do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP), acadêmico fundador da Academia Paraibana de Letras (APL) e havia presidido, em 1943, os festejos do centenário de Pedro Américo, em sua cidade natal, quando lançara o livro *Pedro Américo: ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano*. A Ditadura Vargas havia caído e anunciava-se a redemocratização. Afastado da advocacia para investir na política, Horácio não hesitou em enfrentar o "primo todo-poderoso", José Américo de Almeida, e essa briga causou a queda do governo de Odon Bezerra, de quem era secretário do Interior e Justiça. E o lugar dessa disputa nada mais era do que a imprensa, como relatou o jornalista Joacil de Brito Pereira, em artigo biográfico, sobre o acadêmico, publicado na *Revista da APL*.

Joacil, que era repórter do jornal *A Tribuna*, que fazia oposição ao governo, conta que conheceu o colega de profissão justamente naquele momento de disputas políticas do estado e lembra-se do embate travado entre o diretor do periódico, Nelson Firmo, e Horácio, acusado de louco e desequilibrado: "Recordo que Nelson Firmo escreveu, entre outros, um artigo terrível, contra Horácio de Almeida, intitulado *Seu Horácio da Bala danou-se*. A resposta, pelo jornal *O Estado da Paraíba*, de propriedade e direção do bravo areiense, veio no mesmo tom".

O próprio Horácio de Almeida, em entrevista concedida em 1982 ao jornalista e crítico literário Edilberto Coutinho, rebateu: "Nunca andei dando tiros". E deu sua versão dos fatos: "José Américo de Almeida, meu primo, não se dava comigo. Você sabe que essas disputas de família são as piores. No nosso caso, a coisa virou verdadeira briga de foice. José Américo, contrariado por mim numa das pretensões pessoais que tinha, e não se conformando com o apoio que o interventor me dava, apelou para um dos cacicões da República, o general Góes Monteiro, que demitiu o próprio Odon Bezerra". Com o aborrecimento, Horácio transferiu-se definitivamente, com toda a família, para o Rio de Janeiro, onde voltou a exercer a advocacia e permaneceu até o fim da vida.

"Horácio, na verdade, foi homem sofrido. Ele mesmo se disse uma pessoa triste e exacerbada. (...) No cadinho da dor se fez o valoroso areiense. Acrisolou a sua personalidade forte e marcante no sofrimento. Submeteu-se a todas as provas. Por fim, saiu vencedor, legando-nos um exemplo magnífico de fortaleza moral, de força de vontade, podendo ser apontado como um símbolo da gente paraibana", escreveu Joacil Pereira.

Antipreguiçoso e anticonvencional

De seu autoexílio, Horácio de Almeida contribuiu de maneira notável com a história da Paraíba, dedicando-se ainda mais à atividade intelectual e à pesquisa. Escreveu, dentre outros, *Brejo de Areia* (1958), *História da Paraíba* (1966-1978), *Contribuição para uma bibliografia paraibana* (1972), além de *Augusto dos Anjos: razões de sua angústia* (1962), *Augusto dos Anjos: tema para debates* (1970), *Dicionário popular paraibano* (1979) e *Dicionário de termos eróticos e afins* (1982).

Outro legado importante, resultado de seu colecionismo, foi a formação de uma biblioteca com coleções especiais de títulos sobre temas paraibanos, literatura de cordel e dicionários, que foi conservada pelo filho Átila Almeida. Sua nora, a arqueóloga e esposa de Átila, Ruth Trindade, contou que, além de se dedicar à leitura e à escrita, era obstinado em ampliar o acervo de sua biblioteca. "Ele morava no Rio, em Copacabana, e lá tinha muito sebo. O prazer dele era, às tardes, ir para as livrarias de sebo para procurar obras raras", revelou.

Apresentou-se como atuante intelectual da sociedade carioca, participando dos "sabadoyles", encontros ocorridos na casa de Plínio Doyle, dos quais participavam personalidades como o romancista Ciro dos Anjos e o poeta Carlos Drummond de Andrade. Este último, sobre Horácio, traçou o seguinte perfil, em 1984: "Ao gosto das palavras, ele juntava o gosto da vida associativa, fundando academias e participando da vida útil de instituições culturais. Afinal, que são as sociedades de intelectuais senão outra forma de dicionário, em que reúnem e se disciplinam (ou pelo menos se tenta fazê-lo) tendências e interesses do pensamento? E que são os dicionários, afinal, senão sociedades de palavras, englobadas sob igual espírito de comunhão de ideias? (...) Era o antipreguiçoso, o anticonvencional, o velhinho mais desinibido com quem contávamos no Rio de Janeiro. Se chegasse aos 90 ou aos 100, haveria de querer aproveitar, até a última gota, o vinho do trabalho intelectual, sem omitir os prazeres da boa mesa entre familiares e bons amigos. Não chegou, mas jamais desistiu de viver a vida plena de inteligência e de atualização com o tempo".

Horácio de Almeida, o filho ilustre de Areia, faleceu em 5 de junho de 1983, aos 87 anos, na capital fluminense.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

O *Vale Tudo* dos justiceiros e a mídia


Nos anos 1980, a atriz Beatriz Segall (1926-2018) encarnou a emblemática Odete Roitman no folhetim global "Vale Tudo"
Foto: Thiago Teixeira/Estadão Conteúdo

Odete Roitman, personagem da novela *Vale Tudo*, voltou ao imaginário popular após o folhetim famoso da Globo ganhar uma refilmagem, com estreia marcada para o dia 24 de março. Na nova versão, a personagem emblemática será vivida por Débora Bloch. Na anterior, foi imortalizada pela *performance* impecável da atriz Beatriz Segall.

Há poucos dias, assisti a um trecho de conversa entre Beatriz Segall e o cartunista Ziraldo durante o programa *O Papo*, de 1988. Na cena veiculada nas redes sociais da TV Brasil, a atriz comenta que, naquela época, só se falava se a personagem deveria ou não ser castigada. E Beatriz Segall fez uma importante reflexão:

"O Brasil inteiro discute se ela merece morrer ou não merece morrer. (...) O Brasil inteiro está aceitando o assassinato. E um assassinato é um assassinato, porque, se alguém comete um crime, esse crime tem que ser julgado. Então, ela teria de ser acusada dos crimes que ela cometeu, teria que ser presa pelos crimes que ela cometeu, teria que ir a julgamento e ser condenada, e nesse país não existe pena de morte", disse.

Segall continuou: "Então, achar que ela ser assassinada é um grande castigo — vai ser a catarse nacional —, nós estamos admitindo a pena de morte. E nós estamos admitindo, o que é pior, pior do que a pena de morte, que já é um assassinato de estado, um assassinato pela lei, eu acho que pior do que isso, nós estamos admitindo os justiceiros".

Esse recorte da conversa entre Ziraldo e Beatriz Segall chamou muito a minha atenção, especialmente por notícias recentes divulgadas pela imprensa. Um dos casos ocorreu no dia 16 de fevereiro, quando policiais militares mataram cinco pessoas em João Pessoa. Tal ação estaria relacionada a outro fato: o assassinato de uma mulher, no município de Conde. Horas depois, o filho dela teria reunido um grupo de pessoas para vingar a morte da mãe.

Esse grupo de supostos justiceiros foi morto durante a ação policial, mas não identifiquei nas manchetes que vi a expressão "chacina". Ora, no *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo*, o termo chacina é definido como "matança", "assassinato". E o exemplo citado é este: "Uma chacina na favela deixou cinco mortos". Já no *Dicionário Houaiss*, a palavra chacina tem a seguinte definição: "assassínio em massa, com crueldade; matança, mortandade, morticínio". Como exemplo de uso do termo, aparece a seguinte frase: "Policiais e jagunços fizeram a chacina dos inocentes".

Conforme li no noticiário, a Polícia Militar (PM) alega que os homens assassinados estavam em dois carros e desobedeceram à ordem de parada das viaturas. Ainda de acordo com a PM: "houve tiros e os cinco homens foram mortos"; o "grupo tentava vingar um feminicídio". Após o ocorrido, o Ministério Público da Paraíba decidiu investigar a chacina — ou matança, caso o leitor prefira.

Voltemos a Beatriz Segall: ao acreditarmos que alguém deve ser punido, que merece um castigo, que merece a morte, estamos defendendo o "justiçamento", o ato de fazer justiça com as próprias mãos. E isso foi o que teria motivado o grupo que tentava vingar o caso de feminicídio; e também foi o que teria direcionado a ação da polícia na execução dos, supostamente, cinco justiceiros.

Um dia antes, outro caso de justiça com as próprias mãos ganhou as manchetes locais: um professor de escolinha de futebol morreu após ser agredido por moradores em João Pessoa. O homem foi linchado após suspeitas de que teria abusado sexualmente de crianças. Se era culpado ou inocente, teve como destino a "pena de morte".

Seja pelas mãos da polícia, seja pelas mãos de justiceiros, "um assassinato é um assassinato", como muito bem pontuou Beatriz Segall. E a imprensa precisa ter coragem de abordar esse tema com seriedade. Sob pena de nos restar apenas a barbárie.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Pop rock made in Brazil — II

Nós somente tomamos conhecimento do contagiante ritmo do *rock'n'roll* e com ele vivenciamos, no decorrer dos anos 1950, quando da exibição do icônico filme musical *Ao Balanço das Horas* (*Rock Around de Clock*) de que já falamos anteriormente. Outros filmes vieram, como *Sementes da Violência* (*Blackboard Jungle*, de Richard Brooks — trilha também de Bill Haley) e *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*, de Nicholas Rey), ambos de 1955–1956, com este apresentando ao mundo o jovem ator James Dean, e ambos quase traçando uma rota de atitudes que passariam como que a ditar um caminho comportamental a servir de inspiração para a juventude rebelde daqueles tempos.

À época, problemas de direitos comerciais das grandes gravadoras faziam retardar o lançamento, entre nós, de músicas originárias do exterior — leia-se, sobretudo, dos EUA. Assim, as gravadoras e o mercado musical tinham que "improvisar" algum intérprete local, a fim de sanar a necessidade do mercado interno que almejava adquirir e conhecer melhor os novos lançamentos. Exemplo disso aconteceu, por exemplo, com o 78 rpm *Rock Around de Clock*, que foi lançado aqui, em 1955, com Nora Ney, ou com a versátil Lana Bittencourt, que viria, em 1957, com enorme sucesso, a gravar o *hit* "Little Darling". Isso não impedia que outros intérpretes, alguns hoje quase esquecidos, enveredassem pelo mesmo caminho, e que, nesse mercado, certamente, não atingiriam o grande público, como seria de se esperar. Um exemplo deste detalhe, de certa forma, "avacalhou" este último sucesso, criando uma letra ridícula, a que o seu criador Betinho "batizou" de "Loucamente (Um Litro d'água)". O exemplo, no futuro, viria a acontecer de maneira inversa: os cearenses Falcão e Rodrigo José verteram para o inglês, de forma hilariante, o brega de Waldick Soriano, "Eu não sou cachorro, não" ("I'm not dog, no", de 1972).



Prini Lorez canta no programa "Rio Jovem Guarda" (TV Rio) acompanhado pelo The Jet Blacks
Foto: Reprodução/Blog Brazilian Rock

Divagações à parte, "a moda pegou", porém, de forma mais responsável, o que nos proporcionou inúmeros sucessos, sobretudo com o advento da Jovem Guarda, via versões de outros *hits* internacionais da música americana e europeia (britânica, italiana e francesa), com foco, entre muitos outros, em Beatles, Alain Barrière, Adamo, Gilbert Bécaud, Gigliotta Cinquetti, Nico Fidenco, Sergio Endrigo, Bobby Solo, Pino Donaggio, Peppino di Capri, Françoise Hardy e tantos mais.

O fato marcante, no entanto, é que, dentro dessa política de nos trazer sucessos importados, surgiu a ideia de, aqui mesmo, "construírem-se" os tais sucessos *made in Brazil*, ou o nosso "*Rock* B". Não são *hits* importados originalmente, porém aqui criados e elaborados nos moldes do que se fazia lá fora. De qualquer forma, ganhamos nós, ou melhor, ganharam as grandes gravadoras que nos possibilitaram conhecer o "outro lado da medalha", ou seja, os brazucas que, mesmo adotando o processo de versões, também faziam *rock* em inglês. É de alguns desses que falaremos.

Como já citamos na coluna anterior, uma figura ímpar fez parte dessa fase, gravando em versões originais os sucessos que vinham de fora, com o intuito de suprir a demora dos lançamentos por aqui. Deste movimento fez parte o ex-futebolista, cantor e compositor José Gagliardi Jr. (São Paulo, 1942–2020) que, inclusive, chegou a fazer parte da Jovem Guarda e a participar dos grupos nacionais The Rebels e The Avalons. Havia, no entanto, "um porém": com a concepção de um novo nome artístico para despistar, manterem-se "escondidos", não poderiam ser identificados em público nem em publicações relativas a eventos. Atendendo aos interesses da gravadora RGE, Gagliardi Jr. enveredou pelo novo filão do sucesso, após pequenas aparições com o nome artístico de Galli Jr. Mas foi com o nome artístico de Prini Lorez que obteve a consagração definitiva entre os fãs, quando lançou no mercado nacional, numa espécie de "papel carbono", boa parte da *playlist* do americano de ascendência mexicana Trini Lopez: "La Bamba", "America", "If a Had a Hammer", "What I'd Say", "Perfidia", "Cuando calienta el Sol" e tantos outros.

Uma curiosidade: com "La Bamba", ele atingiu a venda de 150 mil cópias no Brasil, número impensado para a época, superando a vendagem da gravação original. Prini Lorez, ou Galli Jr., abandonou a carreira já na segunda metade dos anos 1960 e, coincidentemente, deixou-nos, em setembro de 2020, um mês após o falecimento do ídolo "quase homônimo", que se foi em agosto do mesmo ano, este levado pela Covid-19. Mesmo se tratando de um bom intérprete, a onda passou, e ele quase que caiu no esquecimento. Somente para registrar; em bom português, deixou-nos pouca coisa: "A Menina dos Meus olhos" e "Menina dos Sonhos Meus".

TECNOLOGIA

“Cidade” é criada para mobilidade futurista

No Japão, construção servirá para testar robôs, IA e transporte autônomo

Agência Estado/AP

A Woven City, localizada perto do Monte Fuji, é onde a montadora japonesa Toyota planeja testar a vida cotidiana com robôs, inteligência artificial e transporte autônomo de emissão zero.

Daisuke Toyoda, executivo responsável pelo projeto e membro da família fundadora da Toyota, enfatizou que a iniciativa não se trata de uma “cidade inteligente”. “Estamos criando um campo de testes para mobilidade, então isso é um pouco diferente. Não somos uma incorporadora imobiliária”, disse ele, durante uma visita às instalações, onde a primeira fase da construção foi concluída. A *Associated Press* foi o primeiro veículo de mídia estrangeiro a obter uma prévia da Woven City, um projeto avaliado em US$ 10 bilhões.

A primeira fase cobre uma área de 47 m². Quando finalizada, a cidade terá 294 m². Construída no terreno de uma antiga fábrica da Toyota Motor Corp, a Woven City foi projetada para ser um espaço onde pesquisadores e *startups* possam se reunir para compartilhar ideias, segundo Toyoda.

Planos ambiciosos para cidades futuristas já fracassaram ou ficaram inacabados, incluindo um projeto da Alphabet, empresa-mãe do Google, em Toronto; a cidade de Neon, na Arábia Saudita; um projeto perto de São Francisco, liderado por um ex-operador do Goldman Sachs; e Masdar City, próxima ao aeroporto de Abu Dhabi.

A construção da Woven City começou em 2021. Todos os edifícios são interligados por passagens subterrâneas, onde veículos autônomos circularão para recolher lixo e realizar entregas. Ainda não há moradores na cidade. Os primeiros residentes serão apenas 100 pessoas, chamados de “tecelões” — funcionários da Toyota e de empresas parceiras, como a fabricante de macarrão instantâneo Nissin e a produtora de ares-condicionados Daikin. A empresa de café UCC servia bebidas quentes a partir de um ônibus autônomo estacionado em uma praça cercada por complexos de apartamentos ainda vazios.

O nome da cidade homenageia as origens da Toyota como fabricante de teares automáticos (“*woven*” pode ser traduzido como “tecido”). Sakichi Toyoda, bisavô de Daisuke Toyoda, desenvolveu a tecnologia para facilitar o trabalho de sua mãe, que utilizava um tear manual.

Houve pouca menção a veículos elétricos no projeto, um segmento no qual a Toyota tem ficado atrás da concorrência. Enquanto Tesla e BYD se destacaram no mercado de EVs, a Toyota tem apostado no hidrogênio, que será a fonte de energia da Woven City.

Os executivos da Toyota reconhecem que não esperam lucrar com a Woven City, pelo menos não nos próximos anos. O analista automotivo Keisuke Konishi, do Quick Corporate Valuation Research Center, acredita que a Toyota quer desenvolver veículos robóticos para competir com o Waymo, do Google — mesmo que isso signifique construir um complexo inteiro. “A Toyota tem dinheiro para fazer tudo isso”, afirmou ele.


Imagem: Reprodução/Woven by Toyota

Complexo de apartamentos da Woven City não é uma “cidade inteligente”; é um campo de teste

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: laço (1) = nó + iluminação de cera (2) = vela. **Solução:** cena da narrativa (3) = novela.

Charada de hoje: O tom colorido (1) do ponteiro dos antigos radioamadores (2) me fazia mais afável (3).


Ilustração: Bruno Chiossi

Eita!!!!


Foto: Divulgação/Sony Classics

Oscar de Melhor Filme Internacional

Antes denominado como Melhor Filme Estrangeiro, a categoria do Oscar de Melhor Filme Internacional será uma das mais esperadas pelos brasileiros neste domingo, por conta do longa *Ainda Estou Aqui* (foto acima), de Walter Salles, na disputa. Ao contrário das outras categorias, a estatueta dourada celebra os países indicados, não os realizadores. Tanto que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas só passou a reconhecer os diretores que recebem a honraria em 2014 — até então, eles recebiam o troféu como representantes nacionais e nem tinham o nome gravado na estatueta. Além disso, a categoria consagra um filme e a produção de seu país, o que toca no orgulho da população. Veja a seguir um resumo dos concorrentes da produção brasileira para essa edição do Oscar.

"Emilia Pérez" (França)

Musical em espanhol, dirigido por um cineasta francês e passado no México. Cheio de polêmicas pós-Globo de Ouro, o longa de Jacques Audiard acompanha uma advogada (Zoë Saldaña) que recebe uma oferta para ajudar um chefe do cartel (Karla Sofía Gascón) a sair do negócio para que possa finalmente se tornar a mulher que sempre sonhou ser. Com 13 indicações, é o concorrente direto de *Ainda Estou Aqui* na categoria e pode ser visto nos cinemas.

"Flow" (Letônia)

Assim como é muito difícil ver uma animação como Melhor Filme (vide, por exemplo, *A Bela e a Fera*, *Up* e *Toy Story 3*), também é difícil ver uma animação na categoria internacional (*Valsa com Bashir* e *Flee* são outros exemplos). O filme sem diálogos sobre a sobrevivência de um gato preto após uma grande inundação já ganhou o Globo de Ouro de Melhor Animação e é a primeira vez que a Letônia tem um filme indicado ao Oscar. Está em cartaz nos cinemas.

"A Garota da Agulha" (Dinamarca)

Ambientado em Copenhague, após a Primeira Guerra Mundial, o filme conta a história de uma jovem operária (Vic Carmen Sonne) que enfrenta dificuldades após perder o emprego, devido a uma gravidez, fruto de relacionamento com o antigo chefe. Abandonada e em uma situação miserável, ela encontra uma mulher (Trine Dyrholm), que dirige uma agência de adoção clandestina disfarçada de loja de doces. Com uma bela fotografia em preto e branco, o longa se encontra na plataforma Mubi e pode ser alugado em outras (Prime Video e Apple TV).

"A Semente do Fruto Sagrado" (Alemanha)

Coproduzido pela Alemanha, França e Irã, o filme de Mohammad Rasoulof tem como cenário o período de intensa agitação política no Teerã, desencadeada pela morte de uma jovem. Um recém-promovido juiz de instrução do Tribunal Revolucionário (Misagh Zare) enfrenta uma batalha interna contra a paranoia e o esgotamento mental. Disponível no Telecine.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



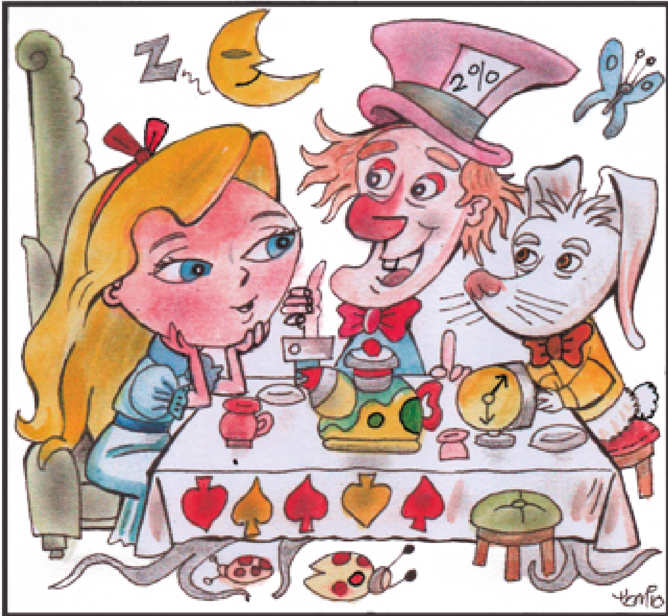
Jafoi & Jaera

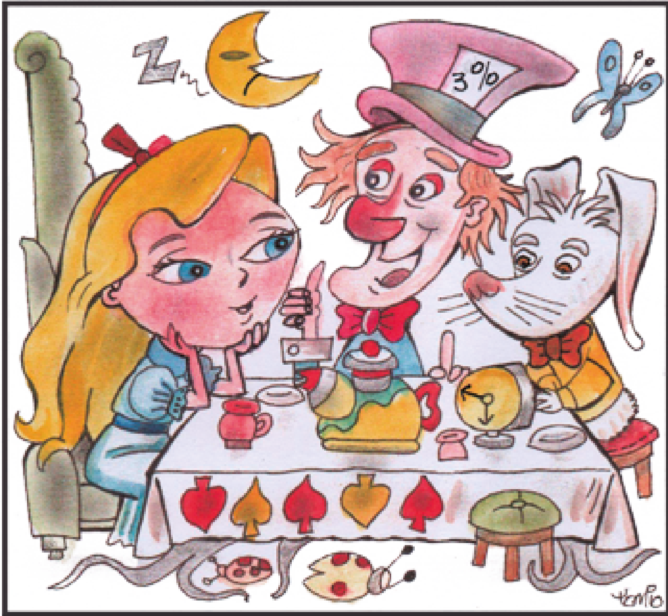
Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





Solução

1 – boca da lua; 2 – chapéu; 3 – laço de cabelo; 4 – olho da lebre; 5 – chaleira; 6 – ponteiro; 7 – cauda da lebre; 8 – dente do Chapeleiro; e 9 – Joaninha.